



DIRECTOR: CARLOS NUNO VAZ • ANO LXIX – N.º 1377 • 1 de FEVEREIRO de 2015 • Preço Avulso Euros 1,25 • Assinatura Anual: Portugal 20 Euros – Estrangeiro 25 Euros

www.calvolima.com

IMOBILIÁRIA LIDER NO VALE DO MINHO

Calvolima
Imobiliária

MELGAÇO
MONÇÃO
VALENÇA
P. COURA

CERVEIRA
CAMINHA
MOLEDO
ÂNCORA

VENDE ARRENDA TRESPASSA

T. 251 654 924

DEVESAS - 4400 V. N. GAIA
Autorização para circular em invólucro de plástico fechado N.º DE02192004DCC

Assaltaram o cofre de Nossa Senhora da Peneda

Na noite de 23 para 24 de Janeiro, depois de abrirem uma janela das traseiras do edifício da Casa da Mesa da Peneda, foram até onde se encontrava o cofre de alta segurança da confraria, cortaram-lhe uma esquininha no alto, com rebarbadeira e, depois, à martelada, abriram-no e roubaram o dinheiro que lá estava para fazer pagamentos de fim de mês e também para depositar no banco. Terão levado cerca de 35 mil euros. Por casualidade, não abriram ao lado, onde se encontrava o ouro.

A maneira como entraram, como se dirigiram ao local onde estava o cofre e se dirigiram também ao primeiro andar, onde se encontra o gabinete da Mesa da Confraria, dá a entender que foi gente frequentadora do local e com certa intimidade, pois são locais que muito poucos frequentam.

No hotel mesmo ao lado, dormiam 4 hóspedes. Encontrava-se também no hotel o vigilante nocturno, mas ninguém se apercebeu de nada.



Lutando pelo Alvarinho



págs. 2, 16, 26 e 27

Morreu o Alfredo Lourenço do Paço

pág. 25



pág. 7

Memorial Jorge Amado/Zélia Gattai
pág. 3

Os novos coronéis do "Lápis Azul"
pág. 4

Para a história do Vale do Minho
pág. 8

Promessa de abertura da Unidade de Cuidados Continuados intensivos
pág. 9

Toledo: Uma cidade de várias culturas
págs. 10 e 11

Um carnaval na memória colectiva
pág. 12

Uma jogada no escuro
pág. 16

Aproveitar as mais-valias de Melgaço
pág. 17

Que futuro para os "Grandes de amanhã"?
pág. 29

Imagens da Pérsia
pág. 30

Viagem à Alemanha romântica
pág. 31 e 32



QUINTA DE JUSTE

SANTA LUCRÉCIA – BRAGA

VINHO DE QUINTA



Verde Tinto

"FEITO DE UVAS EXCLUSIVAS DA QUINTA"



Verde Branco: Loureiro

De Segunda a Sexta, das 08h às 17h e Sábados, das 09h às 12h e das 13h30 às 17h

Rotas dos Vinhos Verdes

Telef. 253 284 390

MIRACASTRO ALBERGARIA
CASTRO LABOREIRO
Tel. 251 460 020
Fax 251 460 029

Albergaria
14 Quartos c/ casa de banho privativa, telefone, ar condicionado e TV.

Restaurante
Sala com capacidade para 250 pessoas. Casamentos, Baptizados, e outros eventos.

Especialidades:
Cabrito assado no forno, bacalhau com broa; Vitela dos nossos pastos; Sobre-mesa típica.

Não nos compram e não nos vendem

No passado dia 13 Janeiro várias centenas de melgacenses, unidos por um único propósito, apresentaram-se no Porto, frente à CVRVV, para fazerem eco do seu desagrado a uma CVRVV que deixou, definitivamente, de ter condições para os representar como se esperaria.

Tornou-se parcial, tendenciosa; capturada por interesses particulares, espúrios, de uns outros poucos.

Confesso que, não me surpreendi com a elevada adesão da população de Melgaço a esta iniciativa justa. Foi bonito de ver, homens e mulheres, novos e velhos, produtores e não produtores, todos unidos no mesmo propósito de combate a uma injustiça profunda, a um esbulho vil que se tentava anunciar.

Nesta causa nobre, temos que saudar e agradecer a presença solidária (e contrastante com outras relapsas), de várias figuras públicas como o Sr presidente da Câmara de Viana do Castelo e vários deputados à AR, de vários quadrantes políticos.

Parabéns ao executivo camarário de Melgaço e à oposição que, presentes em peso, conseguiram unir e dinamizar esta iniciativa apartidária, expressa nesse sentir profundo das gentes de Melgaço.

É claro que a iniciativa, pecou por "curta". Mas aos homens e mulheres de boa vontade isso é irrelevante. Conta quem esteve! Conta quem se expressou! Conta quem assim o quis!

Foi lamentável, contudo, não termos visto a aderência esperada da população de Monção.

Quando alguém gritou: – Onde está Monção? Foram poucos, mas seguramente bons, os

escassos 4 ou 5 que responderam: – Aqui; Presente.

Foram, contudo, bem notórias as ausências mais presentes do dia, como:

- O Executivo Municipal de Monção;
- A Administração da Adegua Cooperativa de Monção;
- A Comissão Executiva da CVRVV.

Confesso que, pessoalmente, estou curioso para ver como aquela entidade pública justifica aos seus munícipes o alheamento desta causa única e tão cara a todos os monçanenses.

Como consegue justificar-lhes a negação (ou não; veremos!...) da defesa dos seus interesses de vicultores, vinificadores e, inclusivé de munícipes em vias de serem esbulhados de um seu direito exclusivo, originário.

Não será, certamente, com o argumento fútil de que «...estão a decorrer negociações!...». Até porque uma coisa não invalida, nem sequer prejudica, a ocorrência da outra.

Noutro caso, a Direcção da Adegua Cooperativa Regional de Monção, tem responsabilidades sérias de gestão e, sobretudo, societárias, que obrigam e impõem um esclarecimento cabal da sua atitude e estratégia, pelo menos face a mais de 2500 cooperantes, da sua postura face a esta inegável tentativa de esbulho de um direito só nosso e dos seus cooperantes e, a final, proprietários.

E esperamos, por isso, que se justifique, cabalmente, a cada um e a todos os cooperantes, de Monção & Melgaço, acerca do seu inexplicável e indefensável silêncio contra a vontade de boa parte dos seus cooperantes, perante os quais responde.

Aguardemos pois pela justificação ansiada.

Outro barulho ensurdecador, pela ausência, foi o da própria Comissão Executiva da CVRVV que oportunisticamente, desrespeitosamente, decidiu fazer a sua reunião na Estação Agrícola Amândio Galhano, nos Arcos de Valdevez.

Foi, de facto, a ausente mais presente do dia e tal atitude, só demonstra a falta de carácter, de verticalidade, de democraticidade, de lisura de tratamento dos seus membros, que, deliberadamente, para se tentar alhear das críticas e da postura séria exigível, honesta e frontal que estes 500 presentes mereciam, decidiram encurrular-se, diria mesmo "acantonar-se" naquela ilha, onde, além das suas próprias más consciências, mais nenhum barulho os incomodasse.

Sem darem satisfações. Sem sequer julgar os presentes merecedores de alguma satisfação.

Bela democracia preconizam; Bela isenção e moderação; Só demonstraram aquilo que querem verdadeiramente.

Diz agora, num arrazoado patético, que pretende ser auto-justificativo de uma postura tendenciosa, ilegítima e inimaginável, o ilustre Sr Presidente da Comissão Executiva da CVRVV, que: «– Foi possível chegar a um acordo...».

Nunca mais errado. Nunca mais falso.

Desde logo, a dita negociação, pecaria, se tivesse existido, por ilegítima.

Desconheço, desconhecemos todos, a legitimidade e demonstração de mandato, de quem esteve presente para, em alegado nome dos vicultores e munícipes de Monção & Melgaço dizer e arro-

gar-se, face a terceiros, o direito de afirmar que «os representava».

– A mim? – Não.

E creio bem que aos presentes na manifestação no Porto, também não e, atrevo-me a dizer, desmintam-me, se puderem, que a vários milhares de famílias de monçanenses & melgacenses, também não representam.

Donde, dado que as partes representadas na dita, careceriam de legitimidade, quer legal, quer democrática, aliás de qualquer tipo, para representar os vicultores e munícipes de Melgaço & Monção a não ser a eles próprios presentes, não sei bem o que pretendem e quem pretendem enganar.

Por outro lado e especificamente para a CVRVV, os esbulhos não se negociam. Impõe-se. Se se deixarem; Se houver poder para tanto.

Não é à troca de algumas co- roas; de caricas ou rolhas; não é à troca de rótulos mais ou menos dourados, que se podem apropriar, ilicitamente e à má fé, de um direito que é só nosso.

Contudo, citando Camões, como Luisa, «Lá vão, formosos e não seguros!...» Até que os façamos parar.

É obrigatório os municípios de Monção & Melgaço, as ade-

gas que faltam e os demais vicultores, pronunciarem-se.

Mas mais, nesta questão única, é urgente (para eles se tentarem legitimar), um referendo regional, directo, às gentes de Melgaço & Monção, sobre se estão dispostas a abdicar (e ceder a terceiros) o direito centenário de cultivar, vinificar e produzir Alvarinho.

Que o façam. Que o façam. A legitimidade advirá daí. Só daí.

Melgaço; aos
25 de Janeiro de 2015
António J. C. Caldas
Advogado/Viticultor

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mail Geral
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Site: www.vozdemelgaco.pt
www.facebook.com/vozdemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director

Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor

Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção

Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondentes

Eduardo Jorge Lourenço – Melgaço
Alfredo Lourenço do Paço – Vila
José Henrique Rodrigues – Penso
Manuel Félix Igrejas – Rio de Janeiro

Colaboradores:

Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença
Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
Ana Cristina Costa – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Armanda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Armindo Vaz (Dr.) – Macau
Arturo Diaz – Barcelos
Gaspar Caldas – Melgaço
Helena Matos – Braga
João Martinho Silva – Monção
José Afonso Marques – Orense
José António Gonçalves – Penso
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Manuel Domingues (Dr.) – Braga
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
Júlio de Sousa Domingues – Monção
Luís Faria – Remoães
Manuel António Esteves – Braga
Manuel Félix Igrejas – Brasil
Manuel Fernandes (Dr.) – Braga
Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Manuela Cortes Lobato – Prado
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Brasil
Maria Ester Taveira – Braga
Maria José Lobo Elias – Lisboa
Maria Nadele Costa Lopes – Braga
Maria Teresa Tábuas
Marta Limbado – Famalicão
Pe. Manuel Domingues – Chaviães
Ramiro Lima Cerqueira – Melgaço

Membro da:

AIC – Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;
4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

NIB 0018 0000 28639224001 05

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do
Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio
Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e
Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Candeias Artes Gráficas
Rua Conselheiro Lobato, 179
4705-089 BRAGA

IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E EXPEDIÇÃO:

Empresa Diário do Minho, Lda. – Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal – 20 Euros
Estrangeiro – 25 Euros

Cidadã quer resposta da Câmara

Ana Gonçalves Louro, natural de Paderne e a trabalhar em Paris, escreveu em 24 de Setembro de 2014 uma carta ao Presidente da Câmara alertando para várias deficiências que, no seu entender, deviam ser supridas. Até hoje, ainda não recebeu resposta.

Acha esta cidadã que as freguesias têm pouco apoio da Câmara, que todavia não se esqueceu de impor um IRS bem pesado.

É ainda de opinião que as bermas das estradas nunca são realmente limpas. Sofrem, quando muito, uma espontadela. No regime da dita ditadura, havia 2 cantoneiros desde o Castelo de Sante até Castro Laboreiro. «Hoje não há ovelhas nem cabras que tirem as pontas às gies-

tas, aos tojos e aos matos». Os regos das rampas nunca foram limpos. No troço da estrada que liga Paderne ao Pinheiro, Barreiro, Devesa, os aquedutos nunca foram desentupidos há mais de 30 anos. Com tanta areia e mato quase não se sabe onde estão.

A Igreja Paroquial, como monumento histórico que é, bem merecia que as pedras dos muros que ladeiam o adro fossem limpas em condições. Também as escadas da entrada no adro precisam de uma boa reparação. E as esculturas em pedra também merecem uma outra atenção, até para sermos dignos de preservar a memória dos nossos antepassados que nos legaram um tal património.

O local onde colocam o car-

rossel durante a festa da Senhora do Rosário devia ser melhorado.

Os regatos que levam as águas sobrantes até ao Rio Minho: corga do Talho; corga da Minhoteira, corga das Abelendas; corga de Montrigo e outras, estão a ficar destruídas pelas silvas e eucalptos, areia, pinheiros e matos que nem deixam ver por onde passa a água. Isso também contribui para que menos água seja lançada no Rio Minho, contribuindo para um certo desastre ecológico, que se verifica já na quase ausência de pesca – que outrora era uma riqueza. No «tempo da ditadura» havia um guarda-rio. «Hoje, se os responsáveis não meterem o cérebro em evidência», serão as gerações futuras a pagar a factura.

Casa do Rio Vermelho

Memorial Jorge Amado / Zélia Gattai



Há no Brasil o louvável costume de homenagear pessoas que se distinguiram, em vida, no campo das Artes, das Letras, da Ciência, da Política ou nas suas actividades profissionais, através da construção de um edifício grandioso, um conjunto escultórico ou a moradia em que o homenageado viveu e a que é dado o nome de memorial.

Dois dos últimos homenageados no Brasil, acrescentemos que sem dúvida merecedores de tal honra, foram Jorge e Zélia Gattai, por iniciativa de sua Família e da Prefeitura de Salvador, actualmente presidida por um neto de António Carlos de Magalhães, descendente de uma família portuguesa de Fafe, grande amigo dos homenageados, que foi presidente do Senado e por duas vezes governador do Estado da Bahia.

Neste caso, a escolha do memorial não podia ser melhor e mais justa. Recaiu sobre a mítica, segundo lhe chamou a Jornalista July, casa onde Jorge e Zélia viveram, durante perto de 40 anos, a Casa do Rio Vermelho, nome por que é conhecida, na Rua Alagoinhas, 33 e que foi adquirida por Jorge Amado em 1946, segundo diz, com o dinheiro arrecadado com a venda dos direitos de autor do livro "Gabriela Cravo e Canela" e da sua adaptação ao cinema, a uma produtora americana, a Metro Goldwin Mayer, o que o levou a escrever, que "comprara essa casa com o

dinheiro do imperialismo americano". Lembre-se que, por essa altura, Jorge era deputado do partido comunista do Estado de São Paulo.

Jorge Amado era senhor de uma profunda sensibilidade artística, tendo transformado a sua casa em um pequeno, mas qualificado museu, com obras de arte, sobretudo, dos ilustradores de seus livros, Carybé, Calasans Neto, Floriano Teixeira, Carlos Bastos, Jenner Augusto e Mário Cravo. Ali se encontram, também, trabalhos de artistas portugueses, seus amigos, como Júlio Pomar, Francisco Relógio e Cargaleiro e numerosas peças de artesanato, em barro, de Rosa Ramalho e muitíssimas cerâmicas do artesão e escultor popular, José Franco, de Mafra, que Jorge, nas suas vindas a Lisboa nunca deixava de visitar, na sua "aldeia salaio".

Seu neto Jonga (João Jorge Celestino Amado), neto também de um avô português, António Celestino, natural de São João de Rei, Póvoa de Lanhoso, diz que seu avô Jorge gostava muito de concretar obras de arte nas paredes da sua casa, tendo incrustado azulejos de Picasso, de quem foi grande amigo. As portas de madeiras ricas, trabalhadas, muitos painéis cerâmicos da casa são de Carybé.

Jonga afirma que a ideia da família e também da Prefeitura foi deixar a casa o mais possível

igual à época em que o casal ali viveu, com todos os objectos nos seus lugares habituais, desde a velha máquina de escrever, cujas teclas bateram as letras de muitos dos seus romances, a todos os objectos pessoais, incluindo muitas dezenas de pequenos recuerdos, adquiridos nas suas viagens pelos vários continentes.

Através da cedência ao Município de Salvador, do espaço ocupado pela moradia e uma importante área adjacente, incluindo um jardim, onde quase todas as árvores foram plantadas por Jorge, incluindo a mangueira, junto a cujo pé foram colocadas as cinzas do casal, foi assinado em 1 de Abril, um convénio entre a família e a Prefeitura, tendo-se iniciado as obras de adaptação da moradia a memorial, tendo por base um projecto do arquitecto português, Miguel Correia.

Finalmente, a Casa do Rio Vermelho, depois de um encerramento de 11 anos e importantes obras de adaptação, foi inaugurada, com pompa e circunstância, e o estatuto de memorial de Jorge Amado e Zélia Gattai, no passado dia 7 de Novembro, com a presença especial de actrizes que representaram as figuras femininas dos romances de Jorge Amado, no cinema e nas telenovelas, com uma especial referência a Sónia Braga, que viveu na tela, a inesquecível figura de Gabriela.

A casa foi dividida em vários espaços temáticos e uma larguíssima quantidade de vídeos que totalizaram mais de 10 horas de projecção, e que irão permitir mergulhar na intimidade da vida de Jorge e Zélia. No memorial são apresentados depoimentos de personalidades, amigos e familiares do casal, em vídeos de 15 minutos, divididos em 5 telas, na chamada "Roda da Conversa", além de outros ambientes, com os títulos de "A Bahia de Jorge Amado", "A Amizade é o sol da vida", "A Infância/Memórias

de Dona Lalú", "Os Viajantes", "Varanda", "Amores e Amantes Amadianos", "Zélia Gattai, companheira, Graças a Deus", "Trocando cartas, o Comunista", "Sala de Leituras", "Mais vidas, tantas Obras", "Os amados sabores de Jorge", "Cozinha de Dona Flor", "Jorge e o Candomblé" e "Lago dos Sapos", recordando-se que o sapo era o animal preferido de Jorge Amado.

Num memorial dedicado a um escritor não poderá deixar de haver um espaço dedicado à leitura dos 45 livros que publicou. Para isso o memorial integra um espaço designado "sala das leituras", ao lado da biblioteca, onde estão disponíveis 41 leituras, em vídeo, em uma tela de cinema. Entre as pessoas que figuravam leituras, contam-se Caetano Ve-

Como sabemos, Jorge Amado tinha uma especial predilecção por Portugal e os portugueses, onde contava umas boas dezenas de amigos. Apreciava a nossa gastronomia, tendo nomeadamente dado a uma personagem de "Tocaia Grande", o nome do fabricante do pão de ló do Natário de Viana do Castelo. Em uma das suas estadas em Portugal, integrou os participantes de um congresso de Gastronomia, organizado pela Confraria dos Gastrónomos do Minho, com almoço de sarrabulho, no restaurante de Ponte de Lima e jantar no "Camelo" de Portuzelo, Viana do Castelo e merenda no "Mariana de Afife".

Certamente que muitos portugueses que no futuro se deslocarem do Brasil não deixarão de visitar Salvador da Bahia e pôr



loso, Daniela Mercury, Regina Casé, Ivete Sangalo, Sónia Braga, Paloma Amado e Paulinho da Viola.

Há dois espaços reservados à Gastronomia na vida e no trabalho de Jorge Amado e Zélia Gattai, que são "Os amados sabores de Jorge" e "Cozinha de Dona Flor". Estes dois espaços foram carinhosamente preparados por Paloma Amado, filha do casal de escritores e autora do livro, "A comida baiana de Jorge Amado".

Jorge e Zélia apreciavam sobremaneira a gastronomia portuguesa. O pão de ló do Natário, os pastéis de Belém e o arroz doce de Dona Clarinda.

uma flor que seja no local onde se encontram as cinzas de Jorge Amado e Zélia Gattai.

A Prefeitura de Salvador investiu seis milhões de reais para reformar a Casa do Rio Vermelho, em Memorial Jorge Amado e Zélia Gattai, havendo a expectativa de 10 mil visitantes por mês, na época baixa e 30.000, na alta, entre os quais, não duvidamos, milhões de portugueses. A visita ao memorial será incluída no passe único, para os equipamentos turísticos da Bahia.

N. Lima de Carvalho
nunolimadecarvalho@gmail.com
Dezembro de 2014



Em Fevereiro

Valorize o seu Sorriso com a Alegria do Carnaval

DESTARTARIZAÇÃO + POLIMENTO

Com OFERTA de Escova de Dentes

30€

Venha visitar-nos em:

Esthetic Smile

Largo da Feira

4960-613, Melgaço

Facebook: Esthetic Smile Melgaço

+351 251 404 002

Custa menos sorrir melhor



JÁ FAZES PARTE DO NOSSO CLUBE?



VENHA VISITAR-NOS E RECEBA O SEU PRESENTE!

Largo da Feira 4960-613 Melgaço

facebook.com/estheticsmilmelgaço

Crónicas do Delfim

Podes dizer-me afinal que vida é esta?
 Sim é para ti mesmo esta pergunta.
 Falo contigo e a resposta são...monossílabos.
 Questiono que relacionamento é este, a resposta... são flores.
 Ponho-te entre a espada e a parede, a resposta... são viagens, fins de semana surpresa.
 Quando bato com a porta na cara, a resposta é... não.
 Quando te imponho tratares a tua permanente (ou quase) depressão, a resposta é... não.
 Quando digo que atingi o red line do meu equilíbrio, a resposta é... não.
 Quando te digo que estou saturada das tuas obstinações, a resposta é... não.
 Quando falo que estou farta de tanta descortesia da tua parte para com os demais e para comigo, a resposta é... desculpa.
 Quando já não há pachorra para a tua cretinice, a resposta é... desculpa.
 Quando estou impregnada da tua miopia, a resposta é... desculpa.
 Quando te chamo à realidade da essência das pessoas que te rodeiam, a resposta é... eu gosto.
 Quando te expresso o meu desagrado de ter que sorrir quando não me apetece, a resposta é... eu gosto.
 O problema é que as tuas respostas têm tanto de curtas como de evasivas e responder com prendas e afins é superficial e descomplicado.
 E termino com a pergunta inicial:
 Afinal que vida é esta?

Crónicas do Delfim
 Ana Borges

Até em Alcobaça há quem roube!

Também já existe ladroeira no lugar de Alcobaça em Melgaço! Começaram por me roubar lenha, quando eu saía da varanda da casa. Depois, como eu me calei, continuaram pelos galos. No ano passado roubaram-me dois galos no dia 13 de Dezembro, à hora do meio-dia, quando estávamos a comer. Sabiam bem a nossa hora de almoço!

Este ano roubaram-me outros dois, no dia 23 à mesma hora. Este ano não tinham tanta pressa deles, chegava roubá-los de véspera para estarem frescos. Estava tudo fechado com rede e arame farpado por cima, mas nem assim escaparam. Com o pé ainda rebentaram a outra rede. Por isso tenho a dizer que são sempre as mesmas pessoas.

No ano passado, deixei passar porque alguém andava atrás de mim a pedir-me que não pusesse no jornal, porque era uma vergonha. Eu deixei passar!

Apenas dizia que não podia sair para comer à mesma hora. Essa pessoa dizia: "Podes, que não te levam mais!" Mas não foi assim!

Isto é uma vergonha, num lugar tão pequeno!

Havia pessoas, como já disse, que não queriam que eu pusesse no jornal, mas isto não pode continuar assim!

Olinda Dias

Anselmo Malheiro e Rui Malheiro

MEDIADORES DE SEGUROS

RUA RIO PORTO, 215 | 4960-568 MELGAÇO
 Tlf 251 404 031 | Fax 251 404 039 | Tlm 933 291 437

URB. QT.ª ANDORINHAS, 83 | 4950-855 MONÇÃO
 Tlf 251 653 224 | Fax 251 653 226 | Tlm 935 267 109

E-mail: anselmo@seguros.webside.pt

Os Novos Coronéis do "Lápis Azul" Desta Democracia!...



O texto e o pretexto para a censura através de meios económicos, diferem, mas o princípio e o resultado nem por isso!...

Em 1936, o Estado Novo fazia-o com força de lei: em 14 de Maio, o Diário do Governo publicava o decreto-lei 26589 que proibia as Instituições do Estado de publicar editais e anúncios "em jornais cuja ideologia é oposta à do Estado e que incansavelmente trabalham por destruir os princípios fundamentais da Constituição Política". Por outro lado, os jornalistas eram controlados nos seus textos que acabam cortados parcialmente e por vezes excluídos às ordens dos censores espalhados estrategicamente por todo o país. Salazar institucionalizara a "censura" que era vigiada pelo SNI e já posteriormente, Marcello Caetano dar-lhe-ia o nome de "exame prévio".

E qual é o panorama nesta "Democracia" dos dias de hoje?

Não é possível dizer que a censura e a auto-censura foram para sempre banidas da vida dos jornais portugueses. Basta pensar na força que tem a ameaça feita não há muito tempo por um grupo económico de cortar a publicidade a determinado órgão de comunicação social que denun-

cia, por hipótese, irregularidades por ele cometidas. Ou, num outro exemplo, hoje infelizmente tão em voga, uma determinada Câmara Municipal retirar toda a publicidade de um jornal – e o caso é mais escandaloso por mais habitual na imprensa regional- ou, injectar publicidade encoberta (paga pelos munícipes) com o objectivo de meter as notícias criteriosamente elaboradas pelos seus gabinetes de imprensa. E ainda, noutras situações, exigir o afastamento de colonistas ou jornalistas como moeda de troca desse "pacote" de compra de consciências àqueles que não merecem a carteira profissional e esquecem os deveres deontológicos que assinaram e prometeram cumprir. De facto, é uma forma infame do Poder "sanear" aqueles a quem chamam de "polémicos" e "conflituosos" pela sua frontalidade, rigor, objectividade e independência.

O Poder, mesmo que os seus agentes sejam transitórios, protege-se, blinda-se e blinda. Propagandeia "a vitalidade da divergência de opiniões" com o mesmo entusiasmo e necessidade com que tentam ' barricar ' todos os que o questiona. Monta o cerco e faz a cama a quem o

perturba, a quem o põe em causa e desafia mesmo quando estamos perante o interesse público e o direito/dever dos jornalistas de serem informados para poderem informar. A Censura persiste, em meu entender hoje mais hipócrita, sob o manto da alegada liberdade de expressão e informação. É a nova Censura: económica, política, jurídica.

"Os novos arautos dessas liberdades campeiam por essas auto-estradas da Informação, quais salteadores da honra republicana – como recentemente escreveu o insuspeito jornalista César Príncipe!

Digamos que é outro tipo de terrorismo que, embora não fazendo sangue inocente como aconteceu nos jornal francês Charlie Ebdó (incrivelmente em nome de uma religião), deixa as suas sequelas, por ventura de forma irremediável e que em nada motiva as próximas gerações de jornalistas.

Manso Preto



Nova moda: cadeia de Évora tornou-se ponto de atração turística

Pois é claro que falo da prisão onde está José Sócrates, muito embora a lengalenga que gira em volta do assunto, o povo português é assim mesmo. Se a justiça não prende, é porque não se pode meter com os poderosos, mas se prende os poderosos, lá vai meio mundo pedir para que soltem aqueles que enriquecem à

nossa pala. "Não pode estar preso aquele que foi o melhor ex-primeiro ministro português!" Isto são palavras para quem quis ouvir ditas por Mário Soares, Manuel Alegre, António Guterres, António Costa e tantos outros "socialistas", pois claro!

E depois, toda esta gente se esquece que há tantos pobres,

tantos sem abrigo e tantas boas pessoas para quem o mundo lhes foi cruel! Enquanto José Sócrates tem todas as regalias: boa comida, boa dormida, água quente para tomar banho, televisão, etc., enquanto há tanto desgraçado a passar mal!

Eduardo Lourenço

A produção escrita de António Luís Vaz

EM TERRAS DE SANTA CRUZ – XXXVII

Ainda Brasília. Igrejas Pequenas de Missão



Ao lado, a placidez tranquila das águas em redor: nem um barco, nem uma casa ou jardim ali a dois passos. Tudo quanto é graça, sorriso, policromia, leveza, sonho e cor, por ex. nos lagos franceses ou suíços, aqui é ainda árido, seco, descarnado e em bruto. A imagem de que o alvião construtor parou de súbito acompanha-nos para toda a parte. Quase sentimos vontade de que o Presidente Kubitchek volte de novo a ocupar o primeiro lugar na magistratura do país a fim de que a obra gigantesca seja levada a seu termo.

Eis-nos agora na cidade oficial: o leitor conhece-a já tão bem como eu, pois está farto de observar fotos dos locais onde agora nos encontramos. Os brasileiros têm feito imensa propaganda desse recanto modernista e não deve existir português ou brasileiro que não tenha de cor este pedaço da nova capital.

Dir-lhe-ei, já, que o Presidente vem a despacho à cidade oficial. O Senado e o Parlamento encontram-se ali a dois passos e, desta forma, é possível ao Supremo Magistrado falar ou contactar com os diversos ministros e demais elementos da primeira fila política do país.

Antes de mais nada, sentimo-nos presos a um monumento ao construtor da cidade nova: o Presidente Kubitchek. Um monólito

de granito e a cabeça enorme do gigante aparece, olímpica e viva, sobre o remanso da água dormente, que poderia molhar-lhe os pés, se ali não figurasse apenas a cabeça. Porquê a água?, quisemos saber. Parece que houve uma intenção – a de evitar que os garotos faltassem ao respeito ao monumento.

Houve a intenção de espalhar água a flux na cidade. Ei-la ali ao pé, para além de palmeiras que erguem a folhagem seca e disforme. Será que não pegam ali? Ou esqueceram-se de cuidar delas, regando-as? Não sei.

A arquitectura de Brasília é do mais ousado que imaginar-se pode. No centro figura o Legislativo: Senado e Parlamento, e por detrás deles, a um lado e outro da Avenida, os vários ministérios.

Ainda lhes não disse que Brasília figura um avião: a cauda é o Palácio da Alvorada; o corpo central é aquele onde nos encontramos; a cidade propriamente dita, a não oficial, é o resto: asas e motor.

Construção monótona, de linha geométrica rígida e inflexível, sem um sorriso, sem uma flor.

Ocorreu-me, desde logo, o livro de Aldous Huxley «O Admirável Mundo Novo», que tinha lido há pouco e que me fez calafrios. Refere-se o ensaísta à despersonalização do homem de

hoje. Imagem igual tivera em Berlim, no mais audaz da nova arquitectura da ex-capital alemã.

Que se entende por despersonalização do homem? Vou tentar explicar o melhor que souber. O homem de hoje está condenado a desaparecer face aos mil e um influxos que constantemente recebe: cinema, rádio, TV, desporto, comícios, imprensa, etc.. A massa não raciocina, nem deduz, nem conclui. Recebe o que lhe oferecem os jornais, a rádio, o cinema, o comício. Pensar? Ora bolas! Para quê essa maçada? Os outros que pensem por nós. E vá de repetir oportuna e inoportuna-mente os estribilhos de sempre, as noções primárias de todos os dias, o que os mandarins da vida política e social de agora desejam se torne carne da carne do homem, parte dele, ele mesmo, contanto que respire, beba, veja, aceite sem reacções pessoais o que a imprensa lhe ensina, a rádio lhe berra, o cinema lhe sugere, o comício lhe urra. Viram a Pessoa Humana ou o Homem, simplesmente? Claro que não! Bem podem mandar procurar Diógenes, que também o não encontrará.

Aliquis (Diário do Minho)
Júlio Vaz

Repete-se que a capital do Brasil foi construída no sertão: árvores quase rasteiras, vistas do ar, enchem de penugem a vastidão em redor. Aqui e além, montículos duros como pedras, que as termitas constroem, não sem primeiro terem destruído tudo quanto encontram desde árvores a casas.

Se um avião a jacto poisasse na Roma de César, a admiração não seria maior do que a nossa, se por acaso uma daquelas

serpentes do interior, em que o Brasil é tão fértil, saltasse dali, da selva a dois passos, para a rodovia!... Entre parêntesis direi ao leitor que não vi nenhuma. Nisto fui muito infeliz: nem vi macacos, nem jiboias, nem papagaios, nem tudo aquilo que estamos habituados a considerar cartaz de propaganda daquele imenso império.

Tomámos novamente o autocarro e dirigimo-nos à cidade.

SANDRINE



O anúncio chegou depressa como todas as tristes notícias que vêm ensombrar o nosso coração. As notícias tristes que chegam sem serem esperadas, apesar de há muito anunciadas, parece que trazem com elas uma mágoa mais fácil de suportar. A ideia de a paz derradeira se sobrepor à dor acaba por ser lenitivo para os que ficam, mas uma ferida que nunca parará de sangrar abriu-se no coração de sua mãe e é partilhada por todas as mães que viram partir os seus filhos antes de si.

Chegou célere e sem surpresa
A notícia da sua partida
Há muito que a vida se queria despedir dela
Negando-lhe as promessas do nascimento
As alegrias simples de ser mãe, avó
De viver para além da dor.
Pesada sina a que lhe coube em sorte
Igualmente dura para os seus próximos
Incapazes de contrariar o destino
De a salvar com o seu amor.
Tão amada a princesa de seu pai
Tão bela a menina de sua mãe
Lutou com todas as forças
Até ao dia derradeiro
Não conseguiu enganar a morte
Partiu neste frio janeiro.
Descanse em paz!

13 de janeiro de 2015
M.O.D.

Hoje é do dia 23-01-2015 Chamam-lhe o dia da liberdade!

Conheço bem Portugal, porque aqui nasci, e conheço razoavelmente Moçambique porque ali deixei parte da minha vida. Nunca me faltou liberdade, quer por cá, quer por lá, portanto posso falar em liberdade sem que haja o dia 23 de janeiro de 2015. Gostava de perguntar aos nossos políticos o que é que eles entendem por liberdade!

Tenho 77 anos e sempre fui uma pessoa livre, mas não posso dizer o mesmo daqueles pobres coitados, sem comida, dormindo nas ruas, sem um agasalho para se defenderem das intempéries, e como não sou racista, quero aqui incluir também os pretos.

E porquê? Porque esses também sofrem por causa da liberdade! Eu pergunto-lhes: Há 41 anos, em Portugal, havia liberdade? Não, não havia, mas também não havia a fome e a miséria que há hoje! Mas afinal, quem ganhou com a liberdade? Foram o Dr. Mário Soares e todos os ex-presidentes da República que acabaram os seus mandatos e ficaram com reformas chorudas e outras mordomias, tudo isto vitalício!

LIBERDADE é para os senhores deputados da Assembleia da República que podiam ao fim de dois mandatos, requerer as suas reformas.

A LIBERDADE em Portugal

não foi termos tido o 25 de Abril de 1974, essa tal LIBERDADE tão apregoada foi apenas para tudo o que era político, mas a fome, essa, ficou e vai continuar.

Eu, como cidadão que sempre trabalhei, fui obrigado a reformar-me aos 65 anos. Era funcionário em Moçambique e depois despedido, concorri para prestar serviço na Câmara de Melgaço, e, ao fim de dois anos, veio a tal LIBERDADE e eu tive que ir para a reforma. Como eu haverá milhares. Pois esta é que é a verdade! Senhores políticos, olhem apenas para o seu umbigo e festejem o 23 de Janeiro, dia da LIBERDADE!

Eduardo Lourenço

A Caminho da Terra Santa – VI

Descobrimo o 5º Evangelho - 15 de Setembro de 1968

Através da Via Dolorosa...



A manhã do primeiro dia em Jerusalém foi consagrada à visita da "Via Dolorosa": o trajecto que Jesus teria percorrido após o seu julgamento.

A piedade cristã chama-lhe "Rua da Amargura".

Queremos lembrar, antes de mais, que em Jerusalém se encontram estes Lugares Santos: A Basílica do Santo Sepulcro, o Horto da Agonia de Jesus, a Rua da Amargura ou Via Dolorosa, o Monte de Sião, onde se situa o Cenáculo e a igreja da Dormição de Nossa Senhora.

Há outros lugares, como veremos, mas estes colocam-se em primeiro plano.

A Via Dolorosa começa na Torre Antónia, construção célebre, onde residia Pilatos.

Entre a cidade amuralhada e o monte das Oliveiras, que se olham frontalmente, está o Cedron – pequeno ribeiro no tempo invernosos – junto do qual se situavam as sepulturas dos "grandes" de Israel, e na margem esquerda, defronte de um ângulo das muralhas o Jetsemani, aonde Jesus foi preso.

Daqui, sob prisão, subiu as escadas, que hoje não existem, e que levavam à estrada da cidade, dirigindo-se logo para a Torre Antónia – palácio monumental, de que hoje só resta um arco – onde esteve detido.

Esta... "Torre Antónia" – antiga fortaleza – era o local donde os soldados romanos observavam os movimentos da multidão em redor do templo.

É este o local onde Jesus, flagelado e coroado de espilhos, foi apresentado por Pilatos à multidão, colocado ao lado de Barrabás. Por isso ainda hoje se chama o convento do "Ecce homo".

Daqui prosseguimos através da "Via Dolorosa" rezando em cada estação, que o guia nos indica.

Ruas estreitas e sombrias, mais estreitas ainda pelo facto de os árabes se instalarem comodamente nas mesmas, vamos zigzagando a caminho do Calvário, que será a última estação.

As ruas são pitorescas e fazem-nos recuar séculos atrás.

Acontece, porém, algo de insólito para nós: as ruas estão su-

jas, homens e animais cruzam-se a cada passo, e os animais tangidos por árabes irreverentes não respeitam ninguém, e atropelam os que não dão passagem.

Há ruas, ao termo das escadas que nos aproximam do Calvário, que são o mercado de víveres.

De um e outro lado, sem luz – a rua é coberta e sem sol – surgem as carnes, onde poisam as moscas e o pó as reveste de imundície.

A população que se acotela, o cheiro característico das carnes, e a falta de higiene no cuidado das mesmas são um suplício para quem quer que seja a não ser para os já "habituaados".

Continuamos a subir a antiga colina do Calvário, e chegamos à Basílica do Santo Sepulcro.

Durante séculos foi este lugar centro de peregrinações mundiais, apesar de os Bárbaros tomarem conta da Europa e os Muçulmanos haverem conquistado a Terra Santa.

Carlos Magno conseguiu que o califa de Bagdad lhe doasse o Santo Sepulcro, concedendo-lhe o direito de protecção aos cristãos da Terra Santa, facto que intensificou a corrente de peregrinos.

No século XI, porém, o califa Haken ordenou a demolição do Santo Sepulcro e das basílicas, as quais foram reconstruídas vinte anos mais tarde a contar da data da demolição.

A fachada actual da Basílica do Santo Sepulcro que foi danificada por um incêndio em 1808 pertence ao século XII.

À entrada surge a pedra da Unção, local onde o corpo de Jesus foi embalsamado.

Aqui os crentes de todo o mundo ajoelham e beijam, res-

peitosamente, a pedra sagrada.

Ao lado esquerdo, em sequência da pedra da Unção, aparece uma grande rotunda, que devia ter sido esplendente de grandeza, o que agora não reflete por diferentes razões: aqui estourou um obus em 1948 e um incêndio irrompeu em 1949.

Estes dois factos desfiguraram grandemente o edifício.

No centro da rotunda aparece o Santo Sepulcro.

Apoderou-se de todos a emoção natural e espiritual que o local, e, sobretudo, a sua realidade histórica despertaram em todos nós.

O sacerdote ortodoxo tem de chamar a atenção dos 6 – é o número de pessoas que cabe no sagrado recinto – para se levantarem, as preces, as lágrimas, o beijar da pedra tumular, o toque dos objectos, tudo isto faz esquecer o tempo.

Qualquer visitante que não recorde o sagrado evangelho e a estrutura da cidade de Jerusalém no tempo de Jesus fica desorientado por este facto: o Calvário, que, quando da morte de Jesus, estava fora das muralhas, aparece, agora, dentro das mesmas, as quais têm, apenas, 400 anos.

* * *

Durante séculos a guarda do túmulo do Senhor esteve confiada ao zelo duma família muçulmana muito muito rica, que perdeu o privilégio depois da "guerra dos seis dias".

Apesar disto, são guardas árabes que, em virtude do Estatuto resultante dessa guerra, velam pela decência no trajar dos turistas que visitam a Basílica.

Dão-se até anomalias como esta: a senhora que vai com os



braços descobertos, embora com saia normal, tem de cobrir os braços, mas a rapariga que leve mini-saia – e em Israel esse vocabulo composto expressa com rigor absoluto o que significa – pode entrar, se o vestido cobre os braços!...

* * *

O Santo Sepulcro tem como co-proprietárias as seguintes comunidades cristãs, que distribuem entre si a guarda do mesmo pelas diferentes horas do dia e da noite: Patriarcado Latino, Patriarcado Greco-ortodoxo, e Patriarcado Arménio-ortodoxo.

* * *

A primeira manhã em Jerusalém foi cheia de emoções para todos, e as orações feitas na Via Dolorosa em voz alta e conjunta, do grupo português, expressaram-nas bem...

Reportagem no Diário do Minho, de 12 de Outubro de 1968
Padre Júlio Vaz

Fevereiro e Março dedicados à degustação da lampreia

Os fins-de-semana de Fevereiro e Março dão dedicados, em Melgaço, à degustação da Lampreia do Rio Minho, um ex-líbris da gastronomia local para degustar num dos doze restaurantes aderentes à iniciativa "Lampreia do Rio Minho – um prato de excelência".

Para além de saborear a Lampreia – com arroz, à bor-

dalesa, frita ou assada – acompanhada por um magnífico vinho ou espumante Alvarinho, os participantes nesta iniciativa têm ainda ao seu dispor um variado programa de animação, com opções entre a prática de actividades de turismo natureza ou aventura, como o eco-rafting "Navegar com as lampreias" ou a caminhada "No trilho da lam-

preia", de gastronomia e vinhos, com visitas e provas nas adegas aderentes à Rota do Alvarinho, de saúde e bem-estar e de âmbito cultural, com visitas aos espaços museológicos integrados na Rede Melgaço Museus – Torre de Menagem, Museu de Cinema, Núcleo de Castro Laboreiro e Espaço Memória e Fronteira.

A iniciativa "Lampreia do Rio Minho – um prato de excelência" é promovida pela ADRIMINHO – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho e pelos municípios de Caminha, Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira, com o apoio do Turismo do Porto e Norte E.R.



Chegará a neve, serena no seu cair, em **pequenos flocos de brancura**

Este é um Portugal raiano no ponto mais noroeste que poucos conhecem e que tem história e pré-história à vista de todos. Desertificada devida à forte emigração e migração para as cidades, por melhores condições de vida, poucos jovens aqui persistem. Assim, a parte humanizada da vila e lugares que a circunscrevem, muitos já desabitados, têm certamente muitas histórias para contar e encantar o forasteiro que por cá passa, curioso de tamanha beleza natural. É um concílio entre o homem e a natureza, aqui não existiam agressões ao ecossistema.

Poderei, neste inverno antecipado, tentar reconciliar-me com a minha consciência. Ver que é preciso muito jogo de cintura para sobreviver neste recôndito tão bonito. Terei que fazer reflexões bem consistentes para levar a cabo os meus intuitos.

Chegará a neve, porque as geadas já são fortes e o gelo já predomina. Da minha janela do escritório, a neve será vista como noutros anos, serena no seu cair, em pequenos flocos de uma brancura sem fim.

O inverno não é sinónimo de solidão ou desapego a coisas boas, é uma estação querida, como as outras três. Claro, mais agreste, não menos importante para a minha inspiração. Quero que saibas que procuro sempre momentos felizes, traços de fraternidade que, na eloquência do bom senso, tento guardar nas minhas memórias o que de melhor é vivido. Preservo a amizade, preservo sempre um abraço amigo, quero ver os meus amigos felizes sempre que estão comigo.

Sabes, amiga?, as árvores despiram-se e as últimas folhas dão a despedida, entranhando-se na terra para assim criarem o húmus para que a mesma terra, mãe fecunda, volte na primavera

a fazer florir os campos e montes.

Este silêncio do amanhecer invernos, que por vezes é interrompido por uns madrugadores melros ou gaios, faz-me sentir vivo; que existe vida natural ao seu ritmo, e eu tento acompanhar este ritmo, ao meu jeito de homem ainda com tiques citadinos, que espero perder com o tempo. Aqui é o meu equilíbrio emocional, e o sentir as raízes dos meus avós paternos, que também eles eram do campo, trabalhavam a terra, faziam as suas sementeiras. Não os acompanhei muito, e, portanto, não terei muito para dizer deles, mas sei que eram pessoas de lavoura, de trabalho árduo.

Sabes amiga? Talvez tenhas razão em dizer que sou um aprendiz de uma nova vida, a vida que escolhi. Mas houve algumas pessoas, a quem quero bem, que me ajudaram, inconscientemente, para que eu pudesse caminhar nesta nova vida que me levará, possivelmente, na minha última viagem aventureira, não



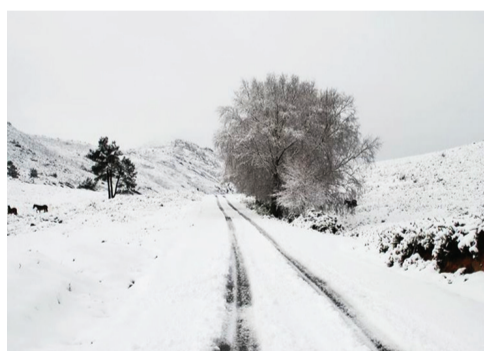
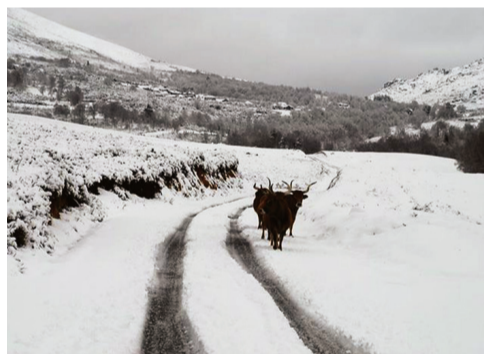
sei, talvez seja isso que eu penso.

Podem falar o que quiserem, mas continuo dizendo que este espaço do Parque Nacional da Peneda-Gerês é inteiramente "mágico", faz-me lembrar que

nada mais existe no mundo, a não ser, estes maciços granitos lá do alto dos montes, os carvalhais e videiros, os cursos de água fresca e límpida que deambulam pelos regatos, e muros e bermas,

e as gentes desta terra..., sim! Essas são muito singulares.

*Quito Arantes
in "As Quatro Estações e um cidadão - Memórias de um ano em Castro Laboreiro"*



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos

919 988 184
964 877 598



www.clinicadeotorrino.com

Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756



Dr. J. Antonino Dias Gomes
Dra. Hebe Marília Zamagna
Médicos-Dentistas

Rua de Santiago, 51
4960-613 MELGAÇO
Telef. 00351 251 404 002
Telem. 00351 938 491 219
E-mail: antoninohebe@sapo.pt

Para a História do Vale do Minho

Aclamação de Dom João IV em Valença do Minho

Repetidas vezes temos escrito que Valença do Minho ocupou sempre na História de Portugal, desde a sua fundação em 1199, isto é, desde D. Sancho I, um lugar muito especial, primeiro pela sua posição estratégica, depois pelas muitas provas de reconhecimento que, ao longo dos tempos, esta terra foi dando pelo muito que os Reis lhe foram concedendo: formação da praça, segundo as mais inovadoras artes arquitectónicas, o seu povoamento, forais de privilégio, igrejas, etc. E a verdade é que nos momentos cruciais da História Valença estava lá, fiel e corajosa.

Nem sempre tem sido possível obter documentos comprovativos dessas várias etapas e acontecimentos. Seria necessário descer aos Arquivos da Torre do Tombo, percorrer as Chancelarias, conjugar vontades e estratégias. E para isso perdeu-se já tanto tempo que não sei se, com o pensamento que hoje domina as novas gerações, isso virá algum dia a ser possível. Quero, no entanto, crer que sim e nisso faço uma sincera profissão de fé. Já a nível local, as coisas se não têm apresentado famosas: muita documentação do Município foi desaparecendo ao longo dos tempos, ou por venda de papel a peso, ainda no séc. XIX, como li certa vez, há muito tempo, ou simplesmente comida pela humidade e pela traça. Houve também livros de actas da Câmara que desapareceram durante as várias lutas intestinas, especialmente no séc. XIX, folhas que foram rasgadas para ocultar compromissos ideológicos ou partidários, que sei eu. Uma das minhas preocupações essenciais tem sido a reconstituição desse passado servindo-me dos elementos disponíveis, aqui e além joeirados, noutros simplesmente intuídos, que permitem hipóteses, mais ou menos razoáveis, que, espero, o tempo se encarregará de comprovar...

É o caso que hoje nos ocupa: a aclamação de Dom João IV em Valença do Minho, então dita Valença de Riba de Minho.

* * *

Já há bastantes anos tratáramos este tema I: Valença foi a primeira terra de Riba de Minho onde se aclamou Dom João IV. Sabíamos que a Câmara reunira sob a presidência, como era das normas, do Capitão - Mor da vila

e seu termo, Gabriel Pereira de Castro, ali da Casa do Eirado, na intramuros da vila, e identificámos os vereadores da Câmara, escrivão e procurador do concelho, mas cometemos uma pequena incorrecção, referindo Manuel Barbosa como vereador primeiro e Juiz pela Ordenação, quando foi apenas, e honrosamente, Juiz Ordinário, e escrevemos assim porque, habitualmente, na ausência do Juiz Ordinário, era o vereador primeiro o Juiz pela Ordenação. Na realidade, como veremos, o vereador primeiro foi Gaspar da Costa, meirinho do secular e alcaide das Sacas.

Hoje, temos possibilidade de referir o que realmente se passou, graças à gentileza do senhor Embaixador Doutor António Vaz Pereira, que muito agradecemos, e que nos fez chegar às mãos um manuscrito, datado de 1796, designado Colesão/ De apontamentos Históricos, / Colegidos/ Por/ Frei António d'Assunção Meireles/ Monge Beneditino. Trata-se de um caderninho de papel (tipo almanaque) cozido com linha, com catorze páginas, com a dimensão de 15,5 cmX 10 cm, tendo escrito no rosto Caderno 5º Monsão/ Valença e Vila Nova de Cerveira.

Embora não saibamos, de momento, quem é este Frei António da Assunção Meireles, pensamos tratar-se de alguém com funções de fiscalização na Ordem Beneditina e que, na sua passagem pelas várias terras, procurava documentação local, especialmente nos Municípios, como se depreende do que nos diz sobre a Câmara de Valença: "O Cartório desta Câmara não tem pergaminhos, mas de alguns livros do tempo d'Aclamação, e cópias dos pergaminhos que nela houve, e foram trasladados com as formalidades necessárias para valerem como próprios originais (...)

Depois de vários apontamentos interessantes que deixaremos para uma outra oportunidade, escreve:

"A Aclamação do Senhor D. João IV foi feita em Valença no dia 18 de Dezembro dia da Expectação de N. Snr^o sahindo da Colegiada huma Procissão com o Sm^o. Ao sahir da da Igr^o o Vereador mais velho Gaspar da Costa entregou a band[ei]r^a ao capitão - Mor Gabriel Pereira de Castro em nome da Câmara e o Povo gritou "viva el Rei D. João d' Áustria, o IV, Rei de Portu-

gal, e Duque de Bragança" e o Capitão - Mor inclinou, e abateu a band[ei]r^a clamando três vezes "Real, Real Real por D. João IV Rei de Portugal". Além do vereador sobredito eram mais Cosme de Brito Soares 2 e Gabriel Pereira de Castro; Procurador do Concelho Mateus Lopes Garcia, e Juiz Ordinário Manuel Barbosa 3; o Sargento - Mor da Praça era Brás Pereira Bacelar, e Capitão de Infantaria Leonardo Pereira de Castro; no fim da Procissão se recolheram à Câmara e pediu o Povo aos Oficiais dela que tomassem por Adjunto ao Vigr^o da Comarca o Dr. Domingos Carvalho de Oliveira por ser douto e mui letrado, e dar provas de muito zelo nesta Causa, para se dispor o que fosse servido de S. Majestade a cuja petição anuiu a Câmara. No dia seguinte os Vereadores e seu Adjunto acordaram em chamar-se Paulo Soares de Brito, pessoa das primeiras Famílias d'aquela Ribeira, mui destro nas armas que servira em África, e n' outras partes, e foi encarregado das couzas da guerra, reparo da Praça, não encontrando as ordens da Câmara e tomou juramento. Em 20 de Dezembro do mesmo ano de 1640 mandou a Câmara a Manuel Palos Figueiroa buscar a Viana munições de guerra, e voltou com 6 arrobas de pólvora a 6400 a arroba, com 3 quintais e ½ arroba de chumbo a 25 rs o arrátel, e com 2 arrobas de balas, e 19 peças de corda; consta do termo da entrega, e da carga que lhe deu a Câmara.

Todas estas disposições foram feitas em consequência das notícias espalhadas pela Província, e da alegria e da lealdade dos fiéis valencianos, porque somente em véspera de Natal, às 10 horas da noute receberam carta de S. Majestade e repetiram em 30 de Dezembro as públicas demonstrações de contentamento com outra Procissão Solene.

Em 5 de Janeiro de 1641 foi aberta huma carta de S. Majestade para se acharem em 20 do mesmo mês em Lisboa dous Procuradores de Valença para efeito de se celebrarem Cortes, e foram nomeados Antão Pereira de Castro 4 e António de Brito Soares 5, Juizes, por serem pessoas nobres de qualidade e bem entendidos, e que levariam o Foral do Concelho, Privilégios e mais papéis que para tal acto se requer.

N' um livro da mesma Câmara está registada a Patente de Ca-

pitão Geral da Província d' Entre Douro, e Minho, de D. Gastão Coutinho, da qual a substância he na forma seguinte:

D. João = Faço saber aos Alcaides Mores, Donatários Fidalgos, Corregedores, Juizes, e Vereadores, e demais Pessoas moradores na Província d' Entre Douro e Minho, pela m[ui]ta satisfação que tenho de D. Gastão Coutinho, Fidalgo da minha Casa e do meu Conselho de Guerra = por folgar por todos estes respeitos de lhe fazer honra e mercê, hei por bem, e me praz, de lha fazer do Cargo de Capitão Geral de toda a Província d' Entre Douro e Minho, e dos Exércitos que nela se levantarem = pelo que mando aos ditos Alcaides Mores = e demais Oficiais dos Exércitos da dita Província e todos em geral, e a cada hum em particular, lhe obedeçam em tudo ao dito D. Gastão Coutinho como a seu Capitão Geral = nesta Cidade de Lisboa aos vinte e três dias do mês de Dezembro de mil seiscientos e quarenta".

* * *

Ora sabe-se que o General D. Gastão Coutinho em Maio de 1640 assistia já em Valença do Minho, pois em 5 do dito mês e ano parainfou na igreja da Colegiada de Santo Estêvão no baptismo de um filho de Cosme de Brito Soares, justamente um dos vereadores da Câmara que aclamaram D. João IV, bem como o facto de o mesmo General ser um dos Conjurados. Estará aqui, nesta Aclamação, o resultado do seu trabalho? Atrevemo-nos a pensar que sim...

Alberto Pereira de Castro

NOTAS:

¹ Alberto Pereira de Castro, VALENÇA DO MINHO - Terra, Gente e Património, Ed. Autor, 2010, pp 740 e 741

² Foi pessoa notável no meio valenciano. Em 24 de Agosto de 1667 envolveu-se em duelo com Matias Pereira Bacelar, capitão de cavalos e Mestre de Campo, tendo sido ferido mortalmente

³ Natural de Valença do Minho, filho de Gaspar Barbosa de Lima e de D. Isabel Lopes da Cunha. Foi Provedor da Santa Casa da Misericórdia no ano confrarístico de 1643/1644. Faleceu em 1 de Dezembro de 1674, sendo enterrado no Convento das Freiras

⁴ Nasceu em Valença do Minho, filho de António Pereira Bacelar, Juiz Proprietário dos Órfãos de Valença e senhor da Casa e Quinta das Lojas nos arrabaldes da vila. Em 15 de Setembro de 1614 foi eleito Juiz Ordinário (AMV - Livro de Acórdãos (1607-1615), fl 40v. e 41. Faleceu em Lisboa em 24 de Dezembro de 1642, quando desempenhava o cargo de Procurador às Cortes. (ADVCT - F. Paroquial de Santa Maria dos Anjos, Livro Misto n.º 2, fl 91)

⁵ Ou António de Brito e Castro. Natural da vila de Valença do Minho em cuja paroquial igreja foi baptizado em 23 de Junho de 1585, filho de Jácome de Brito Soares, escrivão da Câmara Eclesiástica, e Capitão - Mor e Monteiro - Mor de Valença do Minho, e de D. Ana de Castro.

ANIVERSÁRIO

No próximo dia 3 de Fevereiro faz anos o jovem Alexandre Vaz, residente em Alfortville (região de Paris).

Dias depois é o pai, Augusto.

Tanto ao pai como ao filho, um bom aniversário, com muita saúde, assim como o resto da família, são os nossos sentidos votos

Maria e António Vaz
S. Paio - Barreiros

Stevia Erva doce

No fim de semana passado estive em Monção a participar num seminário das Eco-Escolas. Adquiri, na mostra de plantas medicinais e aromáticas que lá decorreu, uma nova planta de que já tinha ouvido falar mas que não conhecia - Stevia ou estevia.



É uma planta medicinal diurética, hipotensiva, antidiabética que altera o metabolismo dos hidratos de carbono no organismo, ajuda no tratamento da depressão e é apresentada, quase sempre, em forma de infusão ou adoçantes. A stevia é uma das plantas conhecidas pela sua extrema capacidade adoçante. É um adoçante natural não calórico, contém edulcorantes naturais e a sua folha (seca) é 10 a 20 vezes mais doce que o açúcar de cana e o extrato "steviosídeo" (pó branco, essência das suas folhas) é até 300 vezes mais doce. Esta planta, originalmente denominada como "erva doce", possui várias utilidades na alimentação, sendo que pode ser uma substituta do açúcar, podendo usá-la no café, sobremesas, chás, sumos, gelados, pratos assados ou cozidos.

Os alimentos adoçados com stevia podem ser uma forma eficaz de reduzir calorias sem comprometer o sabor doce que os consumidores apreciam, sendo uma boa opção para pessoas com diabetes. Estudos demonstraram que pode aumentar a sensibilidade da insulina e ter efeitos benéficos nos níveis de insulina e glicose no sangue: a toma diária de pequenas quantidades de stevia pode contribuir para a normalização da glicemia em diabéticos e, como é muito pouco calórica, diminui a ansiedade por doces, sendo ideal para dietas de emagrecimento. Por outro lado, não prejudica os dentes e pode, na verdade, ajudar na prevenção de cáries. Contribui para baixar a tensão arterial, sendo ideal para hipertensos. Ao contrário do açúcar comum, não inibe o sistema imunitário.

O Japão iniciou o cultivo de stevia na década de 70 devido ao alerta dos potenciais efeitos colaterais e até cancerígenos de certos edulcorantes artificiais (como o aspártamo, o ciclamato e a sacarina). A planta e os seus derivados representam atualmente 40% do mercado adoçante japonês, sendo este o maior consumidor mundial de stevia.

O código E960 e/ou a designação de glicosídeos de esteviol identificam este aditivo nas embalagens dos produtos alimentares. As propriedades açucaradas provêm de glicosídeos de steviol, extraídos das folhas da planta. Trata-se de um edulcorante de origem natural com 40 a 300 vezes o poder adoçante da sacarose, não sintético, ao contrário do ácido clicâmico, o aspartame ou a sacarina.

Adquira também um exemplar, no entanto, como é uma planta habituada a climas mais quentes, proteja-a da geada no inverno. E utilize as suas folhas em infusão ou reduzidas a pó, depois de secas, para adoçar os alimentos.

Teresa Tábuas

VENDE-SE EM EIRIZ – GAVE

**Casa de Morada, refeita de Novo,
com rossios, campos de cultivo,
Vinhas e Adega.**

BEM SITUADA

Tel. (00331) 0632930074

Freguesia de Cristóval

Como residente na freguesia de Cristóval, eleitor nesta mesma freguesia, venho demonstrar por esta forma o protesto que expinho seguidamente:

Tem sido com alguma perplexidade que tenho verificado a dualidade de critérios que estão a ser usados na defesa dos vossos ideais políticos nesta freguesia de Cristóval. O que na realidade tenho constatado é que a freguesia estagnou desde que o poder foi tomado pela atual Junta, o que denota duas possíveis situações:

1. Ou a falta de entendimento político entre a Junta e a Câmara Municipal.
2. Ou a falta de ideias concretas por forma a que seja possível cativar os dinheiros públicos para cá.

Bem sei, que devem ser as duas situações aplicadas aqui,

pois se o executivo camarário nada deu para a freguesia, também nunca me apercebi que esta Junta de freguesia tivesse alguma ideia concreta para fazer evoluir a mesma. Não sou, nem posso permitir que alguém que seja poder o seja, cego, surdo e mudo, mas, tudo na vida tem que ter um rumo diferente, e acho que nesta freguesia para quem tanto criticou o poder outrora instalado, depara-se neste momento com a maior passividade possível desta Junta. Não posso deixar de lamentar, e porque também voto nesta freguesia, o desleixo que esta junta manifesta na defesa dos interesses dos Cristovenses.

1. Que faz esta Junta para poder provar-nos que luta pelos nossos interesses?
2. Que faz esta Junta para se justificar perante aqueles que lhes deram o voto?

3. O que pensa esta Junta de freguesia fazer quanto à promessa da construção da capela mortuária?
4. Que pensa fazer esta Junta com o terreno que comprou!
5. Não seria o local apropriado para essa construção?
6. Porque foi retirada a placa alusiva à inauguração das obras de requalificação da sede da Junta?
7. A menção ao nome dos ex-autarcas António Vieira e Rui Solheiro terá sido a principal causa!

Desculpem qualquer coisa, mas é a minha forma de ver aquilo que está mal na nossa freguesia, e que não poderei deixar de forma alguma passar em claro.

OBS: Pessoa devidamente identificada.

Manuel Fernandes recorda Leal da Costa sobre promessa de abertura da UCCI de Melgaço em 2015

O vereador do PSD da Câmara Municipal de Melgaço, Manuel Fernandes, endereçou, em missiva datada de 2 de Janeiro de 2015, uma carta ao Secretário de Estado Adjunto do Ministério da Saúde, Fernando Leal da Costa, recordando o compromisso assumido em audiência de 29 de Junho de 2014, que prometia, em articulação com a Unidade Local de Saúde do Alto Minho (ULSAM) e a Administração Regional de Saúde - Norte, contratar a Unidade de Cuidados Continuados Integrados (UCCI) de Melgaço em 2015.

Manuel Fernandes traz assim de novo à luz do dia uma causa pela qual colocou em jogo a militância no Partido Social Democrata, reforçando na carta enviada agora a Leal da Costa as declarações proferidas à altura da divulgação das conclusões da audiência, onde declarou que, "caso a UCCI não abra em 2015, porei fim à minha militância no PSD".

No documento a que este jornal teve acesso, Manuel Fernandes realça a expectativa existente em torno da promessa do Secre-

tário de Estado, tendo a certeza manifestada pelo vereador gerado "acalmia social" num momento em que era notória a crispação da autarquia melgacense, que vinha realizando algumas manifestações de descontentamento com o longo impasse a que aquela unidade de cuidados tinha sido votada desde Setembro de 2012, data em que as obras de adaptação e equipamento foram concluídas.

"O anúncio da abertura da UCCI foi recebido com entusiasmo e foi-lhe atribuído enorme fundamento e credibilidade, de tal modo que não mais se realizou qualquer iniciativa com envolvimento popular", salienta o vereador no documento,

recomendando ao Secretário de Estado Adjunto do Ministério da Saúde que, em 2015, as expectativas da região, do concelho e da representação política social-democrata neste processo "não poderão sair defraudadas".



Toledo: Uma Cidade de Várias Culturas



Toledo, entra na história nos finais do século II, antes de Cristo. Está localizada a pouco mais de setenta quilómetros de Madrid.

É uma cidade que após a etapa romana, é medieval onde adquire depois a influência de três culturas: a muçulmana, com quase quatro séculos em terras ibéricas, a influência judaica e a tradição cristã.

No início a cidade tomou o nome de Toleitola, pelos muçulmanos com a chegada de Tarik, no ano de 712, embora se encontrasse submetida ao poder de Córdoba.

É, desse modo que encontramos nos dias de hoje mesquitas e sinagogas, e muitos edifícios com características mudéjares que as-

sinalam a sua presença.

Entre os anos de, 1043 a 1075, no reinado de Al Mamun, teve um desenvolvimento económico significativo, sendo toleradas as comunidades mozárabes, algumas das quais mantinham um culto religioso em algumas paróquias da cidade.

No ano de 1085, Afonso VI, conquista Toledo, o que significa uma vitória para os cristãos, embora a cultura muçulmana e judaica convivam na cidade, como atesta o fenómeno do mudejarismo na sua arquitectura, nas artes industriais e na forma de vida quotidiana.

É, no séc. XIII que Fernando III, inicia a construção da Catedral, ex-libris valioso e imponen-

te da cidade, e também Afonso X, considerado o Sábio, impulsiona a Escola de Tradutores.

Com os Reis Católicos, no séc. XV, inicia-se uma nova etapa para Toledo, e esta atinge grande apogeu, como cidade imperial e católica, passando pouco depois a cidade administrativa.

Com a partida da corte para Madrid, em 1561, Toledo entra em declínio, o qual se agudizou no séc. XVII, com o surgimento de epidemias, originando a descida da sua população, e por consequência um afrouxamento da sua indústria; muitos palácios foram vendidos a ordens religiosas o que originou que Toledo fosse considerada uma cidade convento.

É nessa altura que surge a cavalo a figura de El Greco, cujo verdadeiro nome é Domenico Theotocopuli, cujo estilo anticlássico, só foi aceite por uma pequena elite intelectual da época.

É porém logo no séc. XVIII, que se dá início a uma recuperação económica, com a iniciativa de comercializar sedas, com o fabrico de espadas, assim como a instalação da universidade de Lorenzana, arcebispo de Toledo, no edifício onde antes funcionava o Tribunal da Inquisição.

Com a guerra da independência, a cidade fica com grande parte em ruínas, e só com quase 14.000 habitantes. Dá-se então a transformação de bens municipais e alguns solares, em equipamentos públicos, o abastecimento de água, a instalação de escolas de artes e ofícios, assim como quartéis, voltando de novo Toledo a ser capital de província e a ter o protagonismo que tinha perdido.

A consolidação dessas academias militares na cidade deu um novo alento como prova a construção do Alcázar, uma referência à infantaria espanhola, o qual foi cenário dos primeiros ecos da sangrenta guerra civil de 1936. Cerca de 1800 pessoas contrárias à II República encerraram-se no Alcázar, sofrendo o assédio durante 72 horas, até serem resgatados pelas tropas de Franco.

É no período franquista que Toledo começa a estender-se para lá da cidade muralhada com o rio Tejo a fazer a divisão, embora ligadas pelas suas pontes: Alcantara, San Martin, Azarquiel, e Cava. A cidade muralhada dá origem a portas muralhadas, num total de sete, entre as pontes de Alcantara e San Martin, as quais para além do seu carácter militar, tinham também a função de fiscalidade para cobrar impostos, nas mercadorias que entravam na cidade para serem vendidas.

É contudo na arquitectura dos seus edifícios que encontramos os vestígios da época muçulmana, como alguns exemplos mudéjares, com a predominância de elementos orientais em alguns edifícios como no Convento da

Conceição e de Santiago de Arabal. A existência de argila nas proximidades de Toledo, foi um factor muito preponderante na utilização deste material, como se pode comprovar nas construções existentes, na sua aplicação nas paredes e telhas de muitos edifícios.

Crê-se que a Catedral de Toledo, foi erigida sobre a mesquita maior da cidade, de cuja estrutura pouco se sabe. Todas as outras mesquitas se inspiraram na de Córdoba, a qual serviu de modelo a todas as mesquitas da Andaluzia e do norte de África. Em Toledo, existem duas mesquitas: a de Cristo da Luz e a da Tornerías. Ambas têm uma planta quadrada com a nave central apoiada por quatro colunas, tendo cada uma delas nove tramos, e a sua abóbada. Em ambas, temos a referência do arco em forma de ferradura, o que identifica bem a arte islâmica.

A partir da conquista de Toledo por Afonso VI, várias mesquitas transformam-se em igrejas, como é o caso da Igreja de Santiago, cuja torre aparece separada do templo, mas mantém a sua estrutura primitiva. Contudo muitas igrejas apresentam só nas suas cabeceiras, elementos semicilíndricos, como a igreja de São Vicente, Santa Leocádia e Santa Clara e muitas outras, num total de mais de dez igrejas.

Mas, debrucemo-nos sobre a Catedral. Também esta não escapa ao estilo mudéjar, embora adopte o estilo gótico, o qual imperou em Toledo, entre os séculos XIII e XV. As suas primeiras pedras foram colocadas em 1226, pelos "maestros" Martin e Petrus Petri.

É um templo com cinco naves, com a consequente disposição de várias capelas, alternando com capelas quadradas ou triangulares. A sua construção demorou dois séculos e meio, apresentando uma diversidade de estilos, embora seja o gótico que predomina. Possui várias portas: a porta principal a qual

Continua na pág. seguinte



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

Continuação da pág. anterior

apresenta três grandes pórticos com figuras; a porta da torre; a porta do perdão; a porta dos escrivas, por onde entravam os antigos escribas da cidade; a porta dos leões; a porta plana, porque não tinha escadas e por onde saíam os andores para as procissões; a porta do "mollete" (nome afrancesado que se dava ao pão) que era nesta porta dado aos pobres e a porta do relógio que é a porta mais antiga do templo. Tem um relógio com apenas uma seta que indica a hora.

Para dar uma ideia da grandeza desta catedral, a mesma possui vinte e quatro capelas no seu interior, para além do altar-mor, coro, sacristia e claustro!

É importante o retábulo da autoria de Narciso Tomé, composto à base de mármore e bronze, o qual se encontra iluminado por uma grande clarabóia existente na catedral, onde está representada a última ceia de Cristo na parte superior, encontrando-se na parte inferior uma imagem dedicada à Virgem. Também o tesouro da catedral, é considerado dos mais ricos templos cristãos do mundo, possuindo para além das jóias, pinturas de El Greco.

Não se pode deixar de fazer

uma referência a El Greco, cuja presença marcou esta cidade. Oriundo de Creta, passou por Veneza, onde aprendeu pintura com Tiziano e Tintoretto.

É convidado, em 1581, por Filipe II, para realizar para o Escorial "O Martírio de São Maurício", quadro esse que não agradou ao monarca, o que o levou a ir viver para Toledo, onde a sua primeira obra foi para a capela de Santo Domingo o Antigo. Tem em Toledo a sua casa museu, onde se pode contemplar o seu quadro mais famoso, "O enterro do conde Orgaz", com a particularidade de se ver nas figuras desse quadro, um suposto seu autor-retrato. Este quadro está em destaque em Toledo, na casa El Greco, existindo uma cópia no Museu do Prado de Madrid.

Mais haveria a dizer da nossa visita a Toledo, não esquecendo a sua tradição no fabrico de espadas, cerâmicas, uma vertente nos bordados, tecidos e xailes em seda, assim como numa gastronomia rica onde predomina a perdiz, o javali, não faltando o inesquecível bacalhau e a sua doçaria com base na amêndoa.

*António Jorge Tavares
Jornalista
(o autor escreve de acordo com
a antiga ortografia).*

ADRIMINHO promove construção de estratégia de apoio aos empresários do Vale do Minho

No âmbito da Estratégia de Desenvolvimento Local para o Vale do Minho, a ADRIMINHO - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho, promoveu em Melgaço, no dia 15 de Janeiro, o "1º Encontro Local para o Desenvolvimento", uma sessão que reuniu para o efeito alguns empresários do concelho, visando discutir a estratégia de desenvolvimento local a apresentar por aquele organismo até ao próximo dia 14 de Fevereiro.

Ana Paula Xavier, coordenadora técnica da ADRIMINHO, apresentou no concelho as linhas orientadoras das medidas do DLBC - Desenvolvimento Local de Base Comunitária para o Vale do Minho e ouviu os empresários locais para a construção das iniciativas prioritárias no próximo período de programação.

Nesta abordagem local às medidas existentes a nível nacional, a ADRIMINHO pretende mobilizar os agentes do Vale do Minho para um instrumento que permitirá enquadrar os investimentos das micro-empresas da região nos programas de apoio do próximo quadro comunitário.

Procurando um envolvimento maior e mais efectivo dos agentes locais, Ana Paula Xavier realizou até ao mês de Janeiro um périplo pelos seis concelhos do Vale do Minho, procurando retirar desta análise real uma estratégia com as respostas adequadas. "As questões colocadas são registadas de forma a ver se, dentro da nossa estratégia, estamos a dar resposta a essas necessidades e expectativas da população", indica a coordenadora.



O novo plano estratégico proposto pela Comissão Europeia, que se propõe assegurar a definição das melhores soluções para os desafios do território no horizonte 2020, apresentar-se-á mais exigente e mais atento às ideias de negócio.

"O que nos pedem neste momento é a garantia de que estamos a apoiar projectos em que há um objectivo muito claro, e tem de ser exigente para ser avaliado. Se um projecto diz que vai criar dois postos de trabalho, tem de os criar efectivamente. Há uma exigência maior, quer na viabilidade económica, quer nos resultados a que se propõe", revela Ana Paula Xavier a este jornal.

No contexto rural do concelho, as atenções estarão focadas nas medidas de apoio DLBC

Rurais, que apoiarão projectos ligados à actividade agrícola e em meio rural, delegando para os projectos em área agrícola ou da transformação um investimento elegível de até 200 mil euros e para as restantes actividades fora de exploração agrícola um tecto máximo de 100 mil euros

Depois do período de "auscultação" dos empresários da região, segue-se a fase de construção e candidatura da estratégia, ainda este mês, mas a aplicação deste programa só acontecerá na segunda metade de 2015. "Se tudo correr bem, em Junho teremos possibilidades de abrir candidaturas, mas depende dos prazos que vão ser estabelecidos", esclarece Ana Paula Xavier.

João Martinho

Descuido a mais

Na Rua Afonso Costa, um pouco abaixo dos Correios, pode ver-se, do lado direito de quem desce, uma caixa da EDP meio tombada para a rua. Há meses (desde Outubro) que chamam a atenção, mas ninguém faz caso. Esperam que caia mesmo e que, eventualmente, fira alguém, além de outros danos que possa causar?



Agência Funerária
ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Transladações para todo o País e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369

Largo Hermenegildo Solheiro - Melgaço

Bento Gomes

TINTAS
ELECTRODOMÉSTICOS

Rua Dr. Afonso Costa
Tel. 251 402 113 - 4960 MELGAÇO

ARTES Centro de Artesanato

Tecelagem - Bordados - Bonecas Regionais

ARTES DOCES - Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM
CONFECÇÃO E BORDADOS
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril
PORTUGAL

Rosa Maria Ribeiro

Cerdedo - Prado

4960-320 Melgaço

Tel.: 251 402 133

artes_rosamaria@hotmail.com

Um Carnaval na Memória Coletiva

Como tantas coisas do passado também o Carnaval suscita mil lembranças, mil e uma evocações nostálgicas de um tempo que foi muito melhor do que o presente. Porque associado à juventude, a mais saúde, a um convívio mais são? É o que se diz. Será, porém, verdadeiro? Do que eu me lembro, a pressão social era, há umas dezenas de anos, muito mais pesada do que hoje e ai de quem pisasse o risco! Alguém que desse azo a andar nas bocas do mundo só de lá saía quando a novidade ou a amplitude de outro deslize lhe arrebatasse o lugar. O esquecimento podia nunca acontecer, de vez em quando algo voltava a surgir para apoucar sicrana ou beltrana, eram, são quase sempre as mulheres as vítimas das línguas viperinas do povo. Os homens, mesmo que o discernimento delas os coloque no seu devido lugar, merecem geralmente muito mais tolerância e favores das mulheres. Postas a refletir, elas confessam-se mais capazes, mas assumem no outro gênero méritos maiores do que os que a prática lhes conferem, os que a tradição instituiu.

O Carnaval era a festa por excelência em que novos, velhos e crianças se divertiam. Para muitas rapariguinhas era uma espécie de passaporte para aceder aos bailes destinados às mais velhas, em idade de namorar e procurar o almejado pretendente, sendo este o objetivo de uma vida. Depois de participar, um ou dois anos seguidos, em todos os bailes, de sábado à tarde até à madrugada de quarta-feira de cinzas, qualquer moçoila se sentia com direito a reivindicar participar em todas as posteriores folias carnavalescas. As mães deixavam-se convencer com mais ou menos facilidade, de acordo com as alegrias do coração, as filhas limitavam-se a reproduzir o que se tinha passado com elas, quando tinham a mesma idade. Os pais eram poucos tidos para a decisão, a maioria porque estava ausente e, se não era o caso, deixavam as coisas difíceis para as mulheres, além de as parirem também tinham de as criar para ninguém ter nada de nada a apontar-lhes.

Naquele ano queriam que os festejos fossem de arramba. Um ano antes, tinha havido dois enterros nas vésperas e ninguém se atrevera a lembrar a época festiva, por respeito para com as famílias dos falecidos. Se a morte do tio Manuel da Marmeleira foi aceite naturalmente, pois já não esperava pela idade e estava acamado há tempo, fez-lhe Deus favor, o mesmo não se pode dizer da partida inesperada do Francisco Americano, vítima fulminante de um garrotinho que o levou em menos de oito dias, tinha vinte e três anos. Foi uma dor de alma naquele lugar e nos adjacências, nunca até àquela data um enterro foi mais concorrido. Ouvir a mãe e as irmãs a gritarem por ele enranhava-se no coração mais empedernido, até os homens deixavam as lágrimas correr sem se esconderem, tamanha dor tinha de ser partilhada, nem que fosse apenas para aliviar um pouqui-

nho a noite negra que caíra sobre aquela família.

O tempo mostrou-se amigo, esquecido da neve, apenas uma chuva miudinha na segunda à tarde. Assim, em espaços abertos, os entrudos podiam representar os variados números, muitas vezes preparados de longe, outras deixados ao improvisado e a sugestões do momento, algumas limitando-se a reproduções por demais conhecidas, mas que faziam sempre rir, que mais não fosse pelo conhecimento antecipado da coisa. Depois do almoço de sábado, onde a mesa ainda era frugal, as carnes e outras iguarias eram para domingo e terça-feira gorda, a corria o povo à eira do meio. As crianças não paravam, chegava o tocador, as velhas e velhos acomodavam-se nos bancos que iam surgindo de um canto e de outro, alguns improvisados com o que estava à mão, as raparigas punham-se de um lado, os rapazes, sempre em menor número do que elas, de outro. Começava a concertina na sua função e de seguida os pares a rodopiar, sob os olhares atentos, perscrutadores de mães, pais, avós, vizinhos em geral. Todos dançavam com todos, as raparigas que ficavam sem par iam buscar os velhotes que saíam para o terreiro, o entrudo é assim mesmo, alguns rapazes faziam o mesmo com solteironas que já não estavam para festas, mas carnaval é carnaval. Em geral só mulheres de meia idade, viúvas de maridos emigrados, é que não participavam na dança. A muitas não faltava a vontade, mas o recato impunha distância daquelas alegrias e, estando por perto, gozavam os olhos, já era bem bom.

Quando menos se esperava, ora com introdução a preceito, fazendo-se anunciar, ora de rompante, eis que fazem parar o baile. Entravam os mascarados, com um número ensaiado para animar, para fazer rir, às vezes até às lágrimas. Era mister que a identidade dos entrudos não fosse descoberta. Ele era ver o médico que assistia ao nascimento de uma criança e fazia sair um ser horrendo de baixo de uma saia branca manchada de vermelho, ele era o mesmo médico a fazer uma intervenção cirúrgica e a extrair um chouriço que deveria ser o apêndice, ele era o casalinho que pretendia dar o nó e o padre se recusa porque a noiva é mais alta do que o noivo e este precisa de crescer e depois aparecer. Estes são alguns exemplos das peças preparadas ano após ano para serem executadas no espaço do baile, mas havia representações mais elaboradas que saíam desse local e tomavam outra dimensão. Os números de contrabandistas em fuga de guardas que os perseguiram aos tiros, muitas vezes reais, eram muito aplaudidos pelo povo em geral, mas assustavam as crianças que tomavam a ficção pela realidade. Os entrudos a fazer as suas partidas a velhos e novos, muitas vezes sem sensibilidade nenhuma para com o receio, quicá temor verdadeiro, espelhado no rosto e nas lágrimas

das crianças mais temerosas. Eram esperados com impaciência e eram eles que levavam as mulheres mais velhas e menos dadas a divertimentos ao espaço público do baile ou ao desfile quando este tinha lugar.

A troca de gênero era muito comum e nesta quadra muitos fatos de homem, guardados em armários ou arcas durante todo o ano, tresandando a naftalina, faziam as delícias de mulheres e raparigas que com eles se mascaravam de homem e se faziam acompanhar por matrafonas de grandes seios e não menos avantajados traseiros, papeis encarnados por homens. A identidade dos mascarados escondia-se atrás de rendas ou mascarilhas costuradas a preceito e era um feito conseguir enganar a assistência. Às vezes, discutia-se durante dias quem seria um ou outro mascarado e não se chegava a descobrir ou então isso acontecia quando o interesse pelo assunto já tinha arrefecido. Havia quem levasse tão longe o espírito carnavalesco que pessoas que estavam nos seus afazeres se viam obrigadas a largá-los pela interferência dos entrudos. Tanto podiam tirar a roupa às mulheres que lavavam na fonte, como fugir com o saco de grão que alguém levava para o moinho, ou soltar as vacas que puxavam um arado e levá-las para o pasto, obrigando o dono a deixar o trabalho e ir para o baile. Qualquer atividade que afastasse as pessoas do espaço comum de divertimento podia ser objeto da intrusão dos mascarados e a sua interferência era em geral respeitada, ninguém levava a mal.

Nesse ano, em que tinham contratado um tocador para todas as noites e um vizinho que se ajeitava bem com a concertina dava o seu contributo à animação geral, a folia prometia não faltar. Desde o jantar da noite de Reis que parte da mocidade se preparava para desafiar o pessoal do lugar mais próximo e ver quem levava a melhor em máscaras e trapalhadas. Era uma tradição antiga mas há anos que não se juntavam os dois lugares para entrarem em despique. Os de Vilarinho iriam no domingo a Andorinho, os daqui iriam a Vilarinho na terça-feira. Sempre à tarde, o estômago bem aconchegado pelas carnes que nesses dias eram menos escassas, nas vésperas de uma quaresma que chegava em auxílio da dona de casa que se via mal para fazer chegar o conduto até à matança seguinte. Também era o dia das últimas guloseimas até à Páscoa, em nenhuma mesa faltavam as rabadadas, nalgumas acolitadas por arroz doce ou aletria, dependendo mais da vontade de festejar do que das poses, pois sobremesas mais humildes não há.

Para a posteridade não haveria de ficar o confronto entre os dois lugares, a mocidade a dar o seu melhor para ultrapassar relatos de comemorações passadas e perpetuar a rivalidade que só existia à superfície. Estavam os participantes do desfile de Vilarinho na garagem do



tio Canteiro a combinar os últimos preparos e a repetir as deixas do teatro, quando chegou uma missão para o guarda Peres. Devia estar de plantão, mas fizera-se substituir por um colega, já que lhe cabia o papel principal na encenação do desfile. Sentia-se muito ufano da sua imaginação e capacidade de organização e à conta desta esgueirara-se logo depois do jantar, como acontecia há tempos nos domingos à tarde. A mulher andava com a pulga atrás da orelha, eram ensaios a mais para o seu gosto, com aquelas Marias levantadas todas de volta dele, era bem que estivesse atenta. Mandou um petit dar-lhe o recado, mas o rapazinho voltou com a informação de que o senhor Peres não estava na garagem. A Bemvinda mandou o miúdo para a eira, depois de lhe dar um rebuçado que tirou da algibeira e, a remoer as pragas que lhe ocorriam em surdina, fingindo uma calma que não sentia, bateu com a porta e saiu sem pressa, indagando a si mesma para onde se dirigir. Haveria de dizer que foram as pernas que a conduziram, que chegou ao palheiro da tia Brasileira sem dar por isso. A porta estava apenas encostada, o fecho decorrido, sinal de que quem entrara ainda não saíra. Entrou sem ruído, a habituar os olhos à escuridão, perscrutando para lá das frinças da porta e do janelo que dava para o caminho da Canga-gosta.

Lá estavam eles, agarrados como cães, ela quase sem roupa e ele com as calças e as ceroulas enroladas aos pés. Seu badalhoco, era ali, então, o ensaio final do desfile! Ela dava-lhes já o ensaio, mas era a rameira que ela queria tratar, queria-lhe ver as fuças primeiro. Iam-lhe caindo os queixos com a surpresa: então não é que a descarada era uma moça nova, airosa, quase de casamento aprazado com um vizinho que tinha ido para a França havia menos de um mês! Sua galdéria, ia ver o que acontecia a quem se metia com o seu homem. Os seus ouvidos ficaram surdos para o que um e outra diziam, dominava a sua voz alterada e fazendo apelo a todos os insultos que lhe acorriam. Deu um empurrão ao homem que se agarrou às calças e deitou a mão aos cabelos da Joaquina, fazendo tenção de a arrastar para o exterior, sem lhe permitir que se vestisse. Imune aos gritos da rapariga e aos apelos tímidos do Peres, puxou-a pelos cabelos

para o caminho e começou a gritar, que acudissem, para verem com os próprios olhos a sem vergonha que se metera debaixo do seu homem, com vadias daquelas por perto mulher alguma podia estar descansada, era um desaforo, uma afronta, o mundo às avessas.

Acudiam as vizinhas mais próximas e a ofendida a sacar de uma tesoura da algibeira e a lançar-se, assanhada, às tranças da rapariga. Era assim, para que vissem, que se tratava uma vadia daquela espécie. Insensível aos gritos da ré, também de nada valeu a interferência das velhas que aconselhavam calma, já chegava, que a deixasse, para vergonha já tinha a sua conta. Só quando a cabeleira estava reduzida a uns escassos centímetros de comprimento, várias peladas a espaços, diminuiu a força bruta contra a jovem, olhou-a da cabeça aos pés e largou-a. Estava satisfeita, tinha a honra vingada, a dela e a de todas as que se deixavam enganar por valdevinas sem eira nem beira, que não sabiam manter-se no seu lugar.

A Joaquina recolheu-se no palheiro até ao cair da noite, quando a patroa a foi buscar. O guarda Peres retornou ao seu lugar de plantão no posto e aí pernoitou, comprometendo de certa maneira os festejos do entrudo ao recusar terminantemente o seu prestimoso contributo. Não se falava doutra coisa, velhos, novos e crianças tinham algo a acrescentar ao que alguém contava sobre o caso inusitado da criada da tia Rosa apanhada no palheiro a retouçar com o guarda Peres e vítima da fúria vingativa da mulher exercendo castigo pelas próprias mãos.

A Joaquina não aguentou a pressão e voltou para casa da mãe poucos dias depois do escândalo. O casório mais ou menos falado com o Alberto foi à vida, o rapaz ficou anos sem pôr os pés na terra e nunca mais ninguém o ouviu falar do assunto. A coitada também não teve muita sorte na terra dela e acabou por voltar de cabeça baixa ao local do crime, depois de o Peres ter sido promovido a cabo e se ter mudado com a família para outro posto. De toda aquela confusão perdura a sanha vingativa da mulher enganada e a vitória dos de Andorinho que aproveitaram a desistência do Peres para dar mais brilho ao seu desfile de Carnaval.

Olinda Carvalho

Este país parece um Manicómio

Os últimos acontecimentos a que temos assistido levam-me a titular este meu artigo.

É impossível ficar indiferente aos noticiários das nossas televisões generalistas (incluindo a RTP paga por todos nós), aos títulos dos principais jornais, desde a grande até à mais pequena notícia, tornam público tudo aquilo que os nossos governantes fazem (ou não fazem), na procura de um sensacionalismo bacoco, tanto dos responsáveis que investigam e escrevem, como dos seus protagonistas.

É, absolutamente confrangedor o panorama do nosso país, aliado a uma certa comunicação social que gosta de desviar os graves problemas do país, para outros assuntos.

Nunca tantos em tão pouco tempo, se colocaram em bicos de pés, esquecendo os graves problemas que se avizinhavam no futuro.

É de arrepiar, ler-se nos jornais que só no mês de janeiro, morreram nas urgências dos nossos hospitais 700 pessoas (número da Direcção-Geral de Saúde), muitas delas, por falta de médicos ou por falta de assistência de meios humanos no momento, ou até por negligência o que não deixa de ser assustador. Mas, há mais: o encerramento de escolas e tribunais por esse país fora; que se retire o direito ao abono de família a quase 40 mil crianças, no espaço de um ano (2013/2014); que se continue a vender os bens do país a interesses chineses, angolanos ou brasileiros. Quando é que deixamos de ter a TAP? É uma vergonha ver a Autoridade Aduaneira e Tributária, fazer de cobrador, prepotente e em muitos casos injustos dos interesses privados das SCUT(S) (cuja sigla significa dizer Sem Custos para o Utilizador) e que foram feitas com os dinheiros europeus, e ameaça com penhoras em processos(?) sem pés nem cabeça? Quando é que o desemprego começa efectivamente a baixar; etc.etc.

Temos um banqueiro que era o Dono Disto Tudo, que apesar de ter desgraçado e lapidado o BES, encontra-se com uma fiança de três milhões, a tratar da sua defesa com alguns dos seus mais fiéis colaboradores e a de escrever as suas memórias.

A prisão do ex-primeiro ministro José Sócrates, em Évora, tem levado o jornal "Correio da Manhã" a fazer manchetes sensacionalistas do assunto o que acabou por desencadear ataques editoriais entre os directores do "JN" e aquele jornal, depois das "queixinhas" que Sócrates fez à ERC (Entidade Reguladora para a Comunicação Social, através do seu advogado Daniel Proença de Carvalho, o qual é ao mesmo tempo Presidente do Conselho de Administração do "JN"! Onde é que está a isenção de funções?

Claro que existem fugas de informação, em processos que se encontram em segredo de justiça. É inadmissível que se façam julgamentos públicos na comunicação social, como tantas vezes se vê. Mas, pergunto: se a Justiça fosse mais célere a julgar, os processos não prescreveriam, e os prevaricadores presos, não seria diferente tudo?

Não compete à comunicação social denunciar os factos que estão em segredo de justiça, mas isso acontece, porque também gosta do sensacionalismo, e isso faz vender. Não é por acaso que o Correio da Manhã, tem a maior tiragem, já que foi sempre um jornal vocacionado nesse sentido. Dizia-se na altura quando apareceu nas bancas, que quanto mais "sanguinho" (em sentido figurado, claro), saísse das suas páginas tanto melhor! É um "fartote" o noticiário de mortes que todos os dias enchem as páginas do jornal. Em contrapartida outros, como o "JN" e o "DN", atravessam uma crise que não se sabe onde irá parar, já que os seus edifícios/sede devem ser vendidos. Alinhados por vezes com o poder, como se vê pela dança das cadeiras nas direcções, é um facto que a sua credibilidade tem vindo a descer, assim como as vendas, a que não é alheio serem os jornais de agora propriedade de grupos económicos que os utilizam para os seus interesses.

Gostaria de recordar neste artigo que há muitos anos, os jornais eram propriedade de pessoas que "sentiam" e sabiam fazer jornais, numa perspectiva totalmente diferente dos dias de hoje, onde os jornalistas, se empenhavam com a sociedade, e não eram "meninos-de-fretes". Não foi por acaso que jornais prestigiados como "O Primeiro de Janeiro", "O Comércio do Porto", o "Século", o "Diário de Lisboa", desapareceram pura e simplesmente das bancas.

Havia ainda uma férrea censura que obrigava, tantas vezes a escrever-se de modo a dar a entender nas entre-linhas, o que não se podia escrever. Outros tempos...

Agora, existe o terror de sermos espiados constantemente na nossa vida privada, quer ao usar o dinheiro plástico (cartões multibanco), passagem nas estradas pelas portagens, ou ainda se exercemos cargos políticos de notoriedade pelas escutas.

Dizia José Miguel Júdice, há dias numa entrevista na SIC, ao jornalista António José Teixeira que as escutas eram um autêntico terror. Claro que foram os poderes instituídos que montaram esse esquema, para se poderem controlar melhor uns aos outros. De que é que se queixam afinal? Se não fossem esses esquemas de escutas, não se sabiam as "tramóias" que se fazem.

Não posso deixar de me referir tanto às próximas eleições legislativas como presidenciais. Anda tudo num "virote", a falar nas presidenciais e nos possíveis candidatos ao lugar, com palpites para quem será o melhor candidato para a direita e para a esquerda. Pedro Santana Lopes, foi já o primeiro a dizer que contem com ele, enquanto outros apostam que caso António Guterres dê o seu aval, será um potencial candidato; também não convém esquecer que Marcelo Rebelo de Sousa, poderá ter uma palavra a dizer, embora no seu habitual "comentário domingueiro" se descarte, como bom jogador político que é. Em relação ainda ao assunto das presidenciais, devemos estar atentos a uma possível candidatura surpresa, que até o próprio "professor Marcelo" se

referiu por duas vezes: Carvalho da Silva. Sim, esse mesmo, o antigo secretário-geral da CGTP, pois poderá congregiar um leque muito grande de tendências. A ver vamos...

Em relação às legislativas que terão lugar antes, anda tudo muito calado. A coligação PSD/CDS, com a sua política de austeridade e os deslizes que sabemos, está numa de querer "branquear" a sua governação, mas não conseguem "apagar" o descontentamento que grassa pelo país, como prova bem evidente "a banhada" de protestos que Passos Coelho tem levado quando anda em visitas ou a fazer inaugurações. O seu parceiro de coligação Paulo Portas, assobia para o lado, e nenhum deles disse até agora que a coligação continuava, pois o resultado não será animador se concorrerem sozinhos. O Partido Socialista, encontra-se "ferido de morte" depois da prisão de José Sócrates, e do modo pouco ético como António Costa, tratou António José Seguro, ao tirar-lhe o tapete. António Costa, apesar de se desdobrar em visitas e a ir a almoços das várias distritais do PS, está sem chama. Nem os "notáveis" que têm ido visitar Sócrates a Évora, nem aquilo que António Costa, tem levado a cabo na Câmara Municipal de Lisboa, com a incidência da taxa de entrada para os turistas, a proibição estúpida da circulação de carros particulares anteriores a 1999, no centro da cidade, invocando a poluição, quando todos nós sabemos que são os transportes públicos e os táxis que são a maior fonte de poluição. É mais uma machadada nos pobres, já que terá que andar num "pópó" novo. Mas, agora pergunto: para que servem os Centros de Inspeção? Se uma viatura, está em condições de poder circular depois de verificado que tem com o CO2 nos padrões exigidos, porque é que não pode circular? Para que servem afinal? Será só para sacar o dinheiro?

Resta-nos os outros partidos, os quais poderão obter um bom resultado, atendendo ao descontentamento que grassa pelo país.

Na vizinha Espanha, o povo tem sabido dar resposta aos políticos corruptos, como revelam as sondagens ao partido do Podemos, castigando tanto o partido que está no poder, como o partido dos socialistas (PSOE).

Estou em crer que nas próximas legislativas se vão encontrar percentagens grandes para a abstenção.

Tanto o PC, como o Bloco de Esquerda, assim como os partidos que estão no momento a aparecer, como é o caso do Podemos português, ou ainda o partido "revelação" de Marinho e Pinto, o Partido Democrático Republicano, o qual para surpresa de muitos está bem lançado nas sondagens. A questão, são os meios quer humanos e financeiros para o poder catapultar, pois como o povo diz, não se pode fazer omeletes sem ovos.

Aguardemos, os próximos acontecimentos.

*António Jorge Tavares
Jornalista
(o autor escreve de acordo com
a antiga ortografia).*

50.º Artigo A Árvore em Espaço Urbano

A expansão das cidades levou ao longo dos tempos à alteração da paisagem e onde outrora se encontravam espaços abertos, permeáveis, assiste-se hoje a uma densa malha urbana com diversas infra-estruturas que constituem uma barreira aos fluxos naturais, originando o fenómeno da "ilha de calor". As condições das áreas urbanas são agora bem distintas: as ruas asfaltadas, os passeios impermeáveis e a atmosfera poluída. O desenvolvimento dos aglomerados urbanos exige por isso a constituição de estruturas verdes adequadas, que possibilitem a satisfação das necessidades das populações quanto a recreio, lazer, contato com a natureza e simultaneamente conseguir amenizar alguns problemas existentes. Nesse sentido os espaços verdes desempenham importantes funções de termoregularização, controle da humidade e das radiações solares, purificação do ar e fixação de poeiras, absorção de CO₂, aumento do teor de O₂ e protecção contra ventos. E as árvores em particular desempenham ainda outras funções, de protecção contra a erosão, pela estabilização do solo, limitação das escorrências superficiais, diminuição do risco de cheias e também contra o ruído, criando 'cortinas' de protecção em relação à rede viária e enquadramento estético. As árvores permitem ainda pelo ensombramento ou permeabilidade aos raios solares, atenuar as variações de temperatura fazendo com que no Inverno os edifícios circundantes não percam tanto calor e no Verão não ganhem tanto, permitindo a diminuição dos consumos de energia.

No entanto, com a falta de planeamento das cidades, nem sempre o espaço reservado às árvores é o mais adequado, ficando habitualmente estas com as áreas sobranças, com espaço aéreo e subterrâneo de dimensões reduzidas e fortemente disputado pelas infra-estruturas. Ora, com o limitado volume de terra disponível para as raízes, o crescimento é afetado e a árvore torna-se mais sensível a pragas e doenças. Acontece frequentemente que a árvore está mal adaptada ao meio: o seu porte inadequado, a sua implantação mal executada... Estes constrangimentos obrigam a recorrer a podas de adaptação e por vezes ao abate, reduzindo a qualidade de vida nas cidades e agravando os custos dos serviços de manutenção.

Assim, de forma a evitar esta situação e a permitir o desenvolvimento da árvore, torna-se essencial proceder a uma adequada selecção das espécies, tendo em conta as condições do local. Também a plantação de árvores de qualidade, permitirá evitar problemas futuros e o respeito pelas condições de implantação, nomeadamente dimensões das caldeiras (tendo em conta o desenvolvimento do sistema radicular e tronco da espécie seleccionada), permitem uma clara melhoria das condições de permeabilidade dos solos, fundamentais a um bom desenvolvimento.

As árvores têm muito mais do que uma simples função estética, elas constituem uma infra-estrutura funcional que contribui de um modo significativo para a qualidade da vida na urbe, tanto a nível ambiental, social e económico. Infelizmente, continuamos a assistir a um desrespeito pela sua integridade e a uma gestão que denuncia falta de conhecimentos sobre a sua fisionomia e funcionamento, que pode levar a problemas ao nível da segurança (por queda de ramos e até das árvores) e gastos de manutenção elevados, nomeadamente com podas desnecessárias e desadequadas às necessidades das árvores urbanas.

Com o objetivo de sensibilizar para um maior conhecimento nas intervenções em árvores no espaço urbano, o Núcleo de Braga da Quercus promove, o Curso Arboricultura e Poda de Árvores Ornamentais. Mais informações através de 927986133 ou braga@quercus.pt. Inscrições em www.braga.quercus.pt.

*Daniel Magalhães em co-autoria
com Ana Cristina Costa*

Casal melgacense gratificado com bênção papal nos 40 anos de casamento



José Luís Dias e Lúcia de Oliveira, nossos prezados assinantes celebraram 40 anos de casamento e exprimem a sua felicidade pela escolha feita e pelas bênçãos que o Papa Francisco para eles invocou.

Associamo-nos ao júbilo e alegria do casal, dos seus filhos e demais familiares.

Uma família em Aniversário

Henrique Alves fez 60 anos em 10 de Janeiro, a filha Melissa completou 21 no dia 31 do mesmo mês.

Parabéns a ambos e à esposa e mãe que, em Inglaterra, consegue dar sentido à vida do casal e da filha.

São exemplos de luta incansável pela vida com dignidade da filha Melissa que com tantas dificuldades tem de contar na vida do dia-a-dia.



Parabéns Diana Gonçalves

No próximo dia 13 de Fevereiro celebras 8 anos que nasceste para alegria de teus pais e avós. Peço a Deus que te guie pelos bons caminhos e te dê muitos anos de vida. Muitos beijinhos de teus avós.

Eduardo Lourenço



Papa Francisco no Sirilanca e nas Filipinas



No Sirilanca, país de maioria muçulmana e com uma pequena percentagem de católicos, o Papa Francisco foi confirmar na fé a comunidade cristã e propor-lhe como modelo S. José Vaz, missionário ido da Índia e de ascendência portuguesa que se distinguiu pelo fulgor da sua fé e pelo respeito pelos membros das outras confissões religiosas.

Nas Filipinas, ele foi sobretudo levar consolo à ilhas Tacloban, profundamente destruída pelo violento ciclone de Novembro de 2014.

Nova ocorrência sensibilizou o Papa Francisco: uma voluntária, filha única, morreu vítima de queda de uma parte da estrutura metálica por causa do forte vento. No dia seguinte, já em

Manila, na nunciatura, recebeu o pai da jovem falecida e quando pretendia dar-lhe alguma consolação, foi o pai da jovem que o surpreendeu dizendo-lhe que ele não quis estar na manifestação, mas que pelo ocorrido à filha, Deus o tinha posto no contacto pessoal com o Papa. E isso, para ele, significava muito. Não pôde ser contactada a mãe que estava

para Hong Kong, mas tudo se fez para a contactar pessoalmente.

Outro momento dos mais emotivos foi quando a jovem que o abraça na foto, desatou a chorar perguntando publicamente por que é que as crianças eram abusadas e passavam fome.

O Papa Francisco deixou de lado o discurso, abraçou-a e falando espontaneamente disse que

há perguntas que não têm resposta. Só os gestos e as lágrimas nos podem ajudar a encontrar alguma luz.

Na grande celebração de Manila terão estado mais de 6 milhões de pessoas.

A fé do povo filipino no meio de tantas adversidades e dificuldades comoveu o Papa e todos quantos o acompanharam.

"Habemus vinum" II (IIª série)

"VOLÚPIA" A nona arte – A Gastronomia, livro de Albino Forjaz de Sampaio

Tributo a José Quitério – Jornalista e crítico de gastronomia do semanário "Expresso"

O artigo deste mês, para além de se falar do vinho, está muito ligado à gastronomia, no fundo a verdadeira essência do casamento do vinho com a comida.

É no fundo, o grande suporte para enaltecer essa grande e excelente bebida que é o vinho.

E, há uma razão muito especial (ou várias), para abordar o tema gastronómico, principalmente pela triste notícia de que o "escriva", sobre gastronomia e vinhos do semanário "Expresso", José Quitério, resolveu por sua livre vontade deixar de escrever sobre o tema, o que é uma grande pena – e perda –, para todos aqueles que gostam da verdadeira e autêntica gastronomia e apreciavam a sua opinião.

O título do artigo, é o nome de um antigo crítico de gastronomia que tive a sorte de ouvir falar nos anos 70, e por felicidade minha acabei por descobrir esse livro, por sinal, bastante raro.

E, se escolho falar da "Volúpia" – A nona Arte – a Gastronomia da autoria de Albino Forjaz Sampaio, é por saber também que o José Quitério, era seu grande apreciador, conforme manifestou em algumas obras publicadas, e também pelo facto de que em muitos dos seus escritos, o citava. Essa, é a razão porque faço referência ao livro (ver foto), para esclarecimento dos leitores que têm a maçada de ler os meus escritos sobre os vinhos.

José Quitério foi dos primeiros jornalistas a fazer crítica de vinhos, para além de descobrir os melhores restaurantes do país, já lá vão 40 anos, com a sua coluna semanal no "Expresso", a qual se deve dizer era das primeiras a ser lidas pelos leitores.

Atendendo, a que a gastronomia está na ordem dia, como os inúmeros programas de televisão que todos os dias nos entram pela casa dentro o fazem ver, é bom lembrar que atendendo à existência de tantos "chefes", com todos eles a darem "palpites" sobre os seus pratos, se esqueça a verdadeira e autêntica cozinha tradicional portuguesa. É já fastidioso assistir-se a tanto programa de culinária, com fins inconfessáveis publicitários que nos leva a desconfiar.

Assiste-se até a uma maratona no Jamor, para se escolher, e

seleccionar os candidatos que estarão presentes num programa televisivo! Onde, a nossa culinária chegou...

Mas, seria injusto não lembrar o que José Quitério, diz sobre essa grande senhora da cozinha portuguesa, que é Maria de Lurdes Modesto, e que em devido tempo, fez excelentes programas de culinária na televisão: "Teve o primeiro programa de cozinha na televisão. O fenómeno gastronomia passou a ser de interesse geral. Escreveu vários livros, todos com interesse, mas em 1982 ela codifica toda a cozinha tradicional e regional no livro "Cozinha Tradicional Portuguesa". É fundamental, porque conseguiu recolher receitas de todo o país e experimentou-as e escreveu-as. Sem esse livro muito se teria perdido".

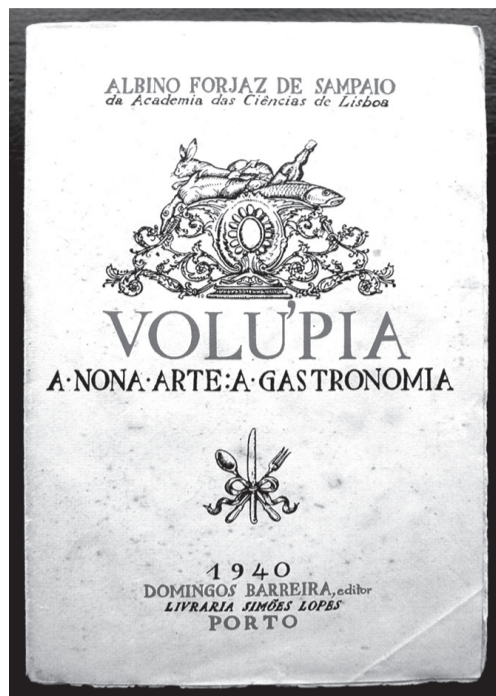
Não posso deixar de estar em total acordo com o José Quitério, pois esse património gastronómico e cultural, ter-se-ia parte dele perdido.

Em relação aos vinhos, é curiosa a apreciação que ele faz quando diz que "uma vez ouvi um grande especialista dizer "parece que a língua passou por granito". E eu estava com o meu grande amigo, já falecido Alfredo Saramago e disse "podia dizer-se se era quartzo, feldspato ou mica". Mas como a minha voz é alta e grossa, deu uma certa bronca", refere José Quitério ("Expresso" 10.01.2015).

Em relação a alguns proवादadores, considera-os "uns desgraçados que nem bebem vinho, cospem-no. Mas a maioria das pessoas continua a apreciar um bom vinho sem necessitar de um vocabulário ditirâmico e falso, na maioria das vezes".(JQ)

Estou totalmente de acordo, pois lêem-se por vezes os maiores disparates, na apreciação de vinhos, com a agravante de serem publicados em revistas e até em livros.

Não quero terminar o meu artigo, sem citar uma passagem do livro "Volúpia", de Albino Forjaz de Sampaio, cujo texto data de 1940, o que mostra a coragem



do autor, no capítulo dedicado a "Vinhos e Petiscos":

"O alfacinha de há uns trinta ou quarenta anos não se parecia nada com o alfacinha de hoje.

Aquele cultivava com plena alegria de viver o ser homem. Era moda ter uma amante espanhola, andar a cavalo, fazer parte de um grupo de moços de forçado e ao domingo ir para as hortas, ou para os inúmeros retiros que então havia, enxugar uns litritos do roxo com uma caldeirada daquelas que só pelas suas amaviosidades olfactivas são capazes de ressuscitar um morto. Havia também as feiras, a das Amoreiras, mais recuada no tempo, a do Campo Grande, a de Belém, a de Alcântara e, por último, a do Alto da Avenida, com revistas do Baptista Diniz e baracas de comes e bebes e "venha cá dar um tirinho". Não havia leitárias, um dos factores primários do afeminamento lisboeta. Leite só nas vacarias e os homens nem usavam pulseira nem comiam pastéis a não ser pastéis de bacalhau nalgum carvoeiro onde houvesse bom vinho. Era outra gente, outro tempo e viva Deus! Ninguém confundia pela efígie um rapaz com uma rapariga ou vice-versa".

Se Albino Forjaz de Sampaio, viesse de novo a Lisboa, com toda a certeza desfalecia com o novo panorama que teria diante dos seus olhos.

António Jorge Tavares
Jornalista
(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia).

FLASHS DO CICLO

O Combate ao terrorismo

O ataque terrorista perpetrado em França, contra uma Empresa, cuja actividade é o Escárnio, do qual resultaram, várias mortes, levantou uma onda de protestos, com manifestações mundiais, de que se destaca a grande manifestação de Paris. Porém, o terrorismo não se combate com manifestações. Aliás, a manifestação de Paris, só causa regozijo aos terroristas, visto ser isso o seu desejo: propagar o terror. Também me pareceu, pouco honesto, compararem aquele acto a um ataque contra a liberdade de expressão, visto que, por aquilo que lí, trata-se apenas de publicações de enxovalho, pelo que deve haver limites. Quem como eu, que vivi dois anos e meio, com um povo que era na maioria muçulmana, sabe bem o fanatismo, que impera nesta religião. É impressionante a forma como cumprem os preceitos que constam dos regulamentos religiosos. Sendo uma religião, com uma implementação, muito grande, é natural que tenha ramificações de fanatismo perigoso, mas a maioria, tenho a certeza, que é gente boa. Assim, julgo que devia haver uma crítica a quem procura enxovalhar o que estes adoram como o seu Deus. Além disso ninguém sabe, como era Maomé. Estaria de acordo com terrorismos? Façam caricaturas dos terroristas e de quem os comandam, mas respeitem o credo dos outros, bem como os seus símbolos.

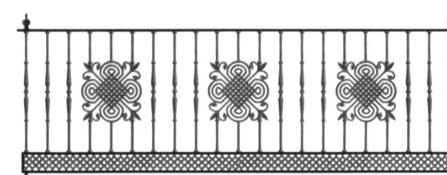
Efectivamente, o terrorismo não é com manifestações, nem com escritas ou caricaturas. Estes métodos só contribuem para a sua vontade de mais terrorismo. Este flagelo, que é mundial, só poderá ser atenuado, com um serviço secreto, mas que seja mesmo secreto, não escolhendo como exemplo os serviços secretos portugueses. Com efeito, os serviços secretos portugueses, além das entidades que os controlam que são demasiado e, como diz o ditado, segredo de três o diabo o desfez, existe uma comissão na Assembleia da República, composta por elementos de todos os partidos, a fim de fiscalizar o que as secretas, fiscalizam. Ora sendo a Assembleia composta por várias ideologias, alguns cuja génese, foi a Rússia, quem arrisca, dar uma informação, de um elemento, sobre o qual paira uma suspeita, se depois esse indivíduo se pode vingar? Não podemos esquecer que o grupo terrorista LUAR (Luta Armada) quando o bem conhecido Palma Inácio foi preso a última vez, foi apanhado com material explosivo e o plano, para nessa noite mandar pelos ares o deposito das águas de Lisboa, ou seja, além das pessoas que eventualmente morressem, Lisboa fiava sem água. Pois esse grupo, após o 25 de Abril foi todo para o PS, com Palma Inácio à frente. Aliás no PS encontram-se constantemente elementos com certas responsabilidades, sempre que se fala de terrorismo a justificar. Do PCP, nem vale a pena falar, pois é bem conhecido.

Para terminar não posso deixar de falar da Grécia, pela alegria que deu à Esquerda portuguesa. O pior é que lhes vai acontecer como com a França. A Alemanha paga, consequentemente manda. O que para mim foi mais positivo nestas eleições, foi a quase desapareção do PS grego.

Arménio Melo

SERRALHARIA BOAVISTA

DE: Rodrigues & Sarandão, Lda.



Boavista – Rouças | Telefone 251 403 567
4960 MELGAÇO

Uma Jogada no Escuro!

o ALVARINHO
é **NOSSO!**
Não ao alargamento

1. A Sub-região Monção e Melgaço vive o problema que os outros criaram por inveja, por cobiça e por ganância. Este problema faz lembrar aquelas famílias que, durante longos anos, com empenho, brio, dedicação e muito orgulho, vão construindo a sua própria casa que, de quando em vez, partilham-na com os primos, permitindo-lhes que desfrutem da sala de estar, da cozinha e do quarto de hóspedes. A casa vai-se alindando, com todas melhorias que lhe vão introduzindo, ganha prestígio, reconhecimento e notoriedade, e as suas festas vão, para além, das suas próprias fronteiras. Entretanto, aos primos saiu-lhes o euromilhões, e, por isso, acham que tudo podem, por que querem e vêm a casa dos familiares que sempre os acolheu, como uma oportunidade de ganharem, ainda, mais dinheiro e, assim e agora, reivindicam-na. De imediato, esqueceram os valores com que sempre foram brindados (trabalho, solidariedade, dedicação e orgulho) e impõem o único valor que agora conhecem: o dinheiro.

Ora, a apropriação da casa dos monçanenses e melgacenses, contra a sua vontade e desrespeitando a sua história, a sua experiência e saber, é um roubo. E um crime não (nunca) pode ser legitimado por um acordo qualquer e, sobretudo, subscrito por quem não tem qualquer mandato. Neste caso, será sempre necessário que os produtores da uva e do vinho monçanenses e melgacenses o ratifiquem nas respectivas Assembleias Gerais.

2. Pois, um problema! Mas, eis que num passo de mágica (um suposto acordo dos produtores!), chegamos ao melhor dos mundos, no que diz respeito à produção do Alvarinho. Finalmente, os produtores da uva e do vinho monçanenses e melgacenses encontraram a solução ideal para os problemas que tanto os afligiam nos últimos anos. Para isso, bastou que se reunissem à mesa os “melhores especialistas” na matéria, para em seu nome, dizer-lhes o que eles, produtores, deveriam querer. E claro está, a manutenção da exclusividade era um entrave à felicidade, tão desejada, dos produtores que seria necessário extirpar. A partir de agora, aos produtores da uva e do vinho só lhes resta serem felizes. Aliás, estão condenados a serem felizes, mesmo que as suas receitas, um dia destes, comecem a diminuir.

3. E depois do acordo, o que se perspectiva para a Sub-região Monção e Melgaço? Os produtores da uva e do vinho verão cair as suas receitas, ao que seguir-se-á o abandono das vinhas e, conseqüentemente, à morte da actividade mais próspera da Sub-Região de Monção e Melgaço.

Se assim não é, não será difícil aos subscritores do suposto acordo assinarem um termo de responsabilidade, no qual, garantam, expressamente, a manutenção da actual prosperidade da Sub-região e, em simultâneo, aceitem responder (indemnizar) pessoalmente os produtores pelos prejuízos que estes venham a sofrer, com a concretização deste acordo.

De outra forma, este suposto acordo é uma jogada no escuro, num jogo em que as cartas sempre estiveram viciadas e em que os produtores monçanenses e melgacenses nunca foram donos do baralho.

4. E a luta tem que continuar! Mesmo que o campo parece inclinar-se para o lado dos adversários da Sub-região, os produtores da uva e do vinho devem manter-se unidos e activos na defesa do Alvarinho e na sobrevivência da Sub-região. Não há tempo, nem para desânimos nem para comodismos. Viva o Alvarinho, DOC.

Manuel Fernandes
Vereador da CMMelgaço

S.C. Melgacense quer recuperar pontos

Gil Silva esperou mais de quatro meses para responder ‘por escrito’ à direcção do Atlético dos Arcos. O clube arcuense visitou a formação de Melgaço no Centro de Estágios, meses depois do primeiro confronto da época, no qual a turma de Melgaço, por dificuldades em formar o onze que permitiria um embate em igualdade numérica, tentou adiar o jogo de Arcos de Valdevez. O pedido terá chegado tarde à máquina promocional do clube, não acedendo ao pedido de Melgaço por já ter divulgado o confronto em cartazes e, alegam, o pedido ter chegado para lá do período previsto. O SC Melgacense apresentou-se com sete jogadores, colhendo um resultado desastroso que o técnico do clube melgacense recusa aceitar como início da época 2014/15.

As críticas da direcção do clube arcuense ao clube de Melgaço adensaram a tensão já iniciada pela intransigência protagonizada em relação ao adiamento, por isso em Melgaço, a 25 de Janeiro, havia esperança de que os pupilos de Gil Silva fizessem das tripas coração para vingar a injustiça e o início com o pé esquerdo na época.

Mas, do jogo, apenas há a destacar uma aproximação de algum perigo da equipa melgacense ainda na primeira metade da partida e mais três na segunda parte. Os homens da casa não lograram concretizar a maior parte das abordagens. Os quatro golos favoráveis ao Atlético dos Arcos (1-4) resultaram de um jogo morno e de alguns erros somados pela formação melgacense, que se apresentou em campo sem al-



gumas das suas principais peças.

As ocorrências dignas de nota aconteceriam após os 90 minutos, com a contundente resposta de Gil Silva à direcção do clube arcuense, relegando a partida para o mesmo propósito que serviu o primeiro jogo da época. “Foi um bom treino conjunto. Foi como encarei este exercício que fizemos aqui hoje com uma recém equipa da Associação [de Futebol] de Viana do Castelo, para preparar o próximo jogo, aí com uma grande equipa, já com algum historial na associação, que é o Moreira do Lima”, atirou.

O técnico do clube melgacense não poupa na crítica à “equipazinha” arcuense que considera ter somado três pontos indevidos. “Na primeira jornada enganaram toda a gente, tem mais três pontos que não deveriam ter. Estes senhores não tem humildade nenhuma, estão aqui porque caíram na associação de Viana há dois anos. Não tem dignidade e depois andam aqui no futebol armados

em papagaios”.

Ainda com margem para criar o conforto da permanência na 1ª Divisão da AFVC, o clube de terras de Inês Negra terá de arrear caminho nas próximas partidas. Sem festejar vitórias em casa desde 2 de Novembro, onde conseguiu um expressivo 5-1 frente à ADC de Perre (apesar de ter somado entretanto mais três empates), o SC Melgacense segue posicionado na metade inferior da tabela classificativa, a oito pontos do GD Moreira do Lima, que ocupa a última posição (em análise de 28 de Janeiro), em lugar de despromoção.

Nota também para a fraca adesão popular. Os adeptos tardam em dar resposta positiva aos apelos da comissão de gestão e ao técnico, que tem vindo a pedir o apoio moralizador da bancada, que, reconhecem, ser frequentemente factor determinante para mudar o rumo de algumas partidas.

João Martinho

Melgaço pede fundamentações técnicas à ministra da Agricultura

O município de Melgaço anuncia em comunicado envio de exposição à Ministra da Agricultura e do Mar, Assunção Cristas, questionando sobre quais os motivos e fundamentações sobre o alargamento, reafirmando a sua oposição ao acordo resultante das negociações do grupo de trabalho.

A autarquia melgacense defende que este processo foi conduzido “sem que fosse apresentada qualquer fundamentação técnica que justificasse o fim do

regime de singularidade da Sub-região”. O autarca aponta o dedo aos “interessados na alteração das regras de produção e rotulagem”, acusando-os de “ofuscar” a opinião pública com a alegada pressão da Comissão Europeia para a alteração das regras que protegiam a exclusividade da Sub-Região de Monção/Melgaço.

Manoel Batista considera que o alargamento acordado pelo grupo de trabalho, aprovado pela maioria dos representantes convidados à negociação, leva-

rá à “massificação da produção de Alvarinho” que conduzirá ao “desprestígio e à sua transformação em apenas mais um vinho branco produzido em Portugal”.

Na exposição à Ministra, ao Secretário de Estado da Agricultura e Presidente do Instituto da Vinha e do Vinho, o município anexou ainda uma cópia do abai-xo assinado de contestação ao alargamento que, como referimos acima, reúne já mais de três mil assinaturas e continua em circulação na Sub-Região.

"Estamos num concelho de **muitas mais-valias** que muitas vezes não sabemos aproveitar"

A APIMIL – Associação Apícola de Entre Minho e Lima apresentou em Melgaço os atractivos do sector na palestra "Apicultura, uma oportunidade de negócio sustentável", promovida pela autarquia e por aquela associação de apicultores da região minhota.

Pelo seu histórico na promoção do mel, Melgaço assume-se, segundo o presidente da APIMIL, como concelho com potencial para a produção de mel, mas é também necessário reunir a vontade dos eventuais jovens produtores do concelho.

"Felizmente, Melgaço tem um percurso de feiras de mel de há muitos anos, onde tenta valorizar os produtores e o seu produto. Estamos num concelho de muitas mais-valias e que muitas vezes não podemos ou não sabemos aproveitar, é essa parte que temos de trabalhar", observava o presidente e moderador do pai-



nel "Apoios à Apicultura" em declarações ao jornal "A Voz de Melgaço".

"Teríamos todo o interesse que os jovens pensassem mais sobre isso" desafiou Alberto Dias, apelando à vontade empreendedora dos jovens.

Além dos esclarecimentos relativos às medidas de apoio específicas à apicultura, a sessão de dois painéis discutiu na segunda parte os investimentos na apicultura e casos práticos, e as ameaças à apicultura, onde a recente invasão da comumente designada vespa velutina tomou parte da preocupações do auditório.

Após o primeiro caso verificado no distrito de Viana do

Castelo, no início de 2011, a ameaça da vespa asiática tem ganho dimensão na afronta ao mundo apícola no Alto Minho e, quatro anos depois, ainda "pouco se sabe" sobre como combater este predador.

"A erradicação é utopia, vamos é ver se conseguimos o controle", assume Alberto Dias, alertando para a necessidade de redobrar cuidados sobre as colmeias. "Temos de ter outro tipo de cuidados e mais vigilância sobre as



Reforçar a alimentação da colmeia no Inverno poderá ser a melhor forma de enfrentar as ameaças, sugere o representante da APIMIL. "Estamos a aperceber-nos de que a alimentação que até agora diríamos que passava o Inverno revela que [as abelhas] não estão a chegar ao inverno com grande nutrição, por isso teremos de aumentar".

Noutros aspectos, não há ainda soluções eficazes. Alberto Dias refere que poderá estar em averiguação a criação de uma feromona com capacidade para "chamar" esta vespa, no entanto, ainda sem conclusões concretas.

João Martinho

José Cândido de Carvalho



No passado dia 22 de janeiro foi o 1º aniversário do falecimento do meu avô José Cândido de Carvalho, natural de Chaviães mas a residir em Paçô-Roussas até a data do seu falecimento.

A neta: Margarida Augusta de Carvalho de Castro



Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração



Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com



Tradição Familiar desde 1974
Comercializamos enchidos e frescos de Porco Bísaro

João Adriano Torres Lima

Praça da República, nº 246 - Vila
4960-567 Melgaço

Tlf: 251402243 - Tlm. 918353480 - talho.joao@hotmail.com

NIF. 163 605 890

www.inesnegra.com

**Exmo. Sr.
Presidente da Comissão de Viticultura
da Região dos Vinhos Verdes**

Os meus cumprimentos!...

Recebi, surpreendentemente agora, um arrazoado, de que anexo digitalização, sobre uma temática para a qual nunca antes fui consultado.

Estranho, por se lembrarem, agora, de mim.

Obviamente discordo em absoluto, dos pretextos invocados e das vossas queridas soluções, ditas como «assentes».

Discordo da constituição do dito "Grupo Técnico", da sua alegada tecnicidade, da sua paridade e das suas reais intenções que em momento algum foram divulgadas e difundidas pelos interessados.

Questiono a parcialidade óbvia e expressa da Comissão Executiva da CVRVV e a sua capacidade e independência para conduzir qualquer processo deste tipo, com o distanciamento e independência e justiça que o mesmo mereceria.

Discordo em absoluto, questiono e desafio a Comissão Executiva da CVRVV a demonstrar a dita «representatividade» de quem diz ter representação dos viticultores e vitivinicultores de Melgaço e Monção e, inclusivé dos municípios destes concelhos, dado que o vinho alvarinho, seja na vertente «marca», «casta» e «vinho», não são exclusivos dos primeiros sendo-o também, ao contrário da solução defendida por V^{as} Ex^{as}, isso sim, dos segundos.

Todas as pequeninas tentativas de apaziguar consciências e comprar opiniões, que enunciam como acordo em «oito pontos», não passam de uma tentativa vã de tentar justificar um esbulho que pretendem ver legitimado de qualquer forma e sem custos, sejam financeiros sejam sociais ou quaisquer outros.

Por último, afirmar que está redondamente enganado. O teor deste comunicado nunca será «de paz» e nem sequer «acordo» é. É, isso sim, uma captura intolerável da Comissão Executiva da CVRVV e não representa mais que uma tentativa, vil, de esbulho de direitos seculares a uma pequena região.

Acredite, saberemos dar as respostas adequadas e nunca nos convencerão da justiça desta pretensão.

Como V^{as} Ex^a já bem sabem, contem sempre com a nossa oposição, firme, decidida, justa e leal, a esta ignominia que, especialemnete à CVRVV, vos devia envergonhar.

*Agradecido,
António J. C. Caldas*

Manuel Félix Igrejas

Desde 9 de Novembro que este nosso querido amigo e colaborador se encontra em Campinas – Brasil, mais concretamente em São Bernardo, para poder tomar conta da esposa Margarida, uma vez que a filha e as netas têm a sua vida profissional.

Mesmo na frequência da Eucaristia encontra dificuldades não só pelo escasso número, mas também porque o pároco, de avançada idade fala baixo e arrastado o que dificulta a audição.

Esta carta foi escrita em 15 de Dezembro, tem data de correio de 22/12 e só chegou a Braga em 30 de Janeiro de 2015.

Caro amigo: conte com a nossa amizade e a nossa oração.

Um lugar onde nada acontecia

XVI

Outra testemunha prestou depoimento sobre a conduta do Lili. Contou ao Juiz que o rapaz havia comprado uma Cocciclo, bicicleta motorizada, mas usava-a pedalando.

Na saída da sala do tribunal, aquele grupo de rapazes ia discutindo as circunstâncias do julgamento. Cem metros adiante, debaixo da lâmpada de iluminação pública, no cruzamento da igreja, da avenida e da rua Direita, bem no meio da rua, como sempre acontecia quando o tempo permitia, aí ficaram longo tempo.

O Zé Nabeiro, o Zeca Chatice, o João Castro, o Norberto, o Zeca, o João Pires, o Manel Félix e o Néca Pires.

- Mas que raio, afinal, julgamento é isso? Dizer o que todo o mundo sabe do Lili? O Juiz só não sabe se não quiser! Quem assim falava era o Zeca Chatice que se mostrava confuso.

- O Lili nunca fez mal a ninguém. É meio esquisito, sim, mas que crime ele cometeu?

E dizendo isto, o Zé Nabeiro demonstrava uma certa simpatia que no fundo todos nutriam pelo Teodorico.

O barulho acontecido no final do desafio de futebol no domingo passado tomou conta da conversa dos rapazes.

- O Gorines ameaçou vingar-se de cada um. Ele é vingativo!

- Coitado do Miro, vai amanhã para Coimbra! Só lá vão conseguir concertar-lhe a cara. A pedrada abriu-lhe todo o lado do rosto.

- Foi o Ranilha no desespero do abafamento. Rolaram no chão, o Miro apertava-lhe o pescoço, ia-o esganar, estendeu o braço achando aquele pedregulho...

- Estavam todos bebendo na barraca da Isolina quando surgiu o assunto do contrabando.

- São todos frotistas, às vezes negociam juntos.

- Por isso mesmo é que o Zé Corujo deu o murro na cara do Gorines acusando-o de roubo.

- Sem mais nem menos todos se agrediram. Foi soco e pontapé para todo o lado.

- A gritaria das mulheres pare-

cia o fim do mundo.

Eram umas dez as que cuidavam das três barracas

O Ná não apanhou porque a mulher, a Violeta, mais a Peta, o seguraram, arrastando-o para longe do barulho.

- Nós não vimos tudo. Depois do jogo do Rápido contra o Monçanense ficamos no campo treinando e só depois demos pela coisa com os gritos das mulheres.

- Eu vi bem quando o Ranilha apanhou a pedra já estava sufocado.

- Todos bateram e apanharam.

- Homens maduros, chefes de família, colegas e amigos de todos os dias, como se meteram numa confusão daquelas?

- Devem ter bebido demais...

- Bebem bastante todos os dias e nunca aconteceu daquilo.

- Tu é que não sabes! Nunca chegaram àquilo mas em todas as festas tem zaragata. Na festa de Santa Rita andaram aos empurrões.

- Vós soubestes que o Manel da Ména viu na Central a Biti beijando o Vasco?

- Aquele namoro está adiantado.

- Outro dia a Toupeira disse-lhe que não ia conseguir desflorar a Biti, virgem com mais de trinta anos...

- Engraçado foi o Tostas: disse que o Vasco ia ter de escachar uma acha.

- É mesmo! A Biti é tão magra que parece uma acha de lenha.

- O Fernando do Ferreirinho emprenhou a Maria do Manel da Chica. Soube-se esta semana. A rapariga não teve mais como esconder a barriga.

- Eram namorados há mais dum ano, isso ia acontecer.

- Só têm que casar!

- Pois sim! Dizem que desde que ela lhe falou na prenhez ele afastou-se. Não os viram mais namorando.

- Ele tinha outra namorada em S. Martinho, filha de uns lavradores ricos e agora só se vê com essa.

- O Manel da Chica e a mulher são humildes jornaleiros... o Fernando é empregado do primo e não ganha para manter uma casa.

- No domingo vai passar um filme de cow-bois sensacional, vou ver se consigo os cinco escudos para o bilhete.

- Eu também! Este aqui é que vê tudo o que é fita, de graça.

- Que grande favor... também pinto de graça os cartazes para o senhor Hilário. O do filme "Deus lhe Pague" levou-me o dia inteiro.

A conversa daquele grupo de rapazes, colegas da mesma idade, abordava todos os assuntos. Quando estes escasseavam os diálogos iam arrefecendo e sempre um deles arrematava com a "filosófica" sentença reclamatória:

- Que raio de terra onde nunca acontece nada!

O Manel Carrapito, metido a sabido, aproveitava para encaixar uma frase que julgava erudita e tinha lido em algum lado:

- Aqui não se vive, vegeta-se!

Coitada daquela rapaziada que se deixava influenciar pelo cinema americano que lhe impingia nos filmes de aventura, nas comédias musicais e até nos romances melodramáticos, um estilo de vida requintado, cheio de facilidades, com acontecimentos de prazer, alegres, coloridos, recheados de abastança. Aquilo sim, é que era estilo de vida!...

O cinema, um dos poucos passatempos da terra e fonte de cultura alienígena, acontecia uma vez por semana, aos domingos.

Nesta altura a energia eléctrica, que continuava a vir da Espanha, era mais constante; não se verificavam tantas interrupções como no tempo de cinema do Pires. O senhor Hilário reformara o salão Pelicano, dotara-o de moderna aparelhagem e assumira a exibição dos filmes. Estes, os filmes, eram noventa por cento americanos. Em Portugal já se faziam filmes de total agrado da população, porém, as empresas distribuidoras só alugavam filmes nacionais para cada dez filmes estrangeiros. As pessoas mais simples não discorriam que o que o cinema mostrava era fictício, mentira.

O que causava reboliço entre a rapaziada eram os filmes históricos e de guerra; pelo jornal da tela ficavam sabendo o que acontecia nos países mais "evoluídos", coisas fabulosas ou importantes que comparadas com o bucolismo da terra achavam que ali não acontecia nada.

Manuel Felix Igrejas

SERRALHARIA MANUEL RODRIGUES



TUDO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES

PORTAS SECCIONADAS

VIDEOS PORTEIROS

AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa · 4960-310 PENSO MLG · MELGAÇO TELEM. 969 065 676

Electricidade Silva de: António Santos Silva

Instalações eléctricas Baixa
tensão · Automatismo de Portões ·
Alarmes · Bombas e
Motores de Rega, etc.
Porta · Cristóval · Melgaço

Tlm. 966 081 689
Tel. 251 414 417

Montaria ao Javali em Castro Laboreiro

Realizou-se, no passado dia 11 de Janeiro, mais uma Montaria organizada pela ADC de Caça e Pesca de Castro Laboreiro. No evento participaram 47 monteiros e 3 matilhas: Matilha Ibérica, de Miguel Cerqueira; Matilha Serra da Anta, de Bruno Gonçalves e Matilha do Cávado, de Hélder.



podendo-se ouvir, em algumas ocasiões, tiros simultâneos em posições distintas da mancha. No final, contabilizaram-se cerca de cem tiros, 13 javalis abatidos e ainda mais alguns que fitaram os monteiros. A retirada dos animais abatidos da mancha prolongou-se até noite dentro e com ajuda de Moto4.

O quadro final já foi composto de noite mas um resultado muito positivo, não só pela quantidade de javalis, mas também pelo convívio são existente entre os intervenientes.



motor do evento, e ao Sr. Alípio Araújo como "homem de campo" imprescindível para o sucesso obtido na montaria.

*Miguel Cerqueira
Matilha Ibérica*

Parabéns aos monteiros, às matilhas pelo excelente trabalho desenvolvido, à ADC de Caça e Pesca de Castro Laboreiro, a toda a direcção e em especial ao Sr. Manuel Rodrigues, como pro-

Licores feitos "com amor"

Seis meses depois de lançar a primeira pedra no complexo de ideias que é a imaginação, Francisco Arantes construiu mais do que uma ideia para um livro: Construiu um projecto. Com base na experiência de provas de diversos licores da região, pensou em criar a sua própria marca e colocar mãos á obra.

Munido da receita e da base essencial, que se compõe de aguardente vínica, calda de açúcar e os frutos ou aromas pretendidos, iniciou a maturação dos seus primeiros licores, um processo nunca inferior a dois meses, que consiste na mistura e estágio dos frutos na aguardente durante o tempo determinado. Assim explicado parece um procedimento fácil, mas Francisco Arantes (ou Quito Arantes, se lhe conhecermos melhor a escrita do que o talento para a produção de licores) garante que põe amor naquilo que faz para conseguir um produto que satisfará os eventuais provadores.

Com o "entrepasto fiscal" já em mãos, a marca Licores do Laboreiro está pronta para partir da Portelinha, em plena serra castreja, para qualquer canto do mundo.

Apesar de serem os primeiros lotes de estreia, o leque de sabores é já extenso: Café, frutos vermelhos, frutos silvestres, framboesa, abacaxi ou ervas aromáticas. E se quiser esperar um bocadinho, o produtor está a trabalhar a possibilidade de fazer um licor de mel, já que o casamento entre a aguardente e este produto se afigura atractivo à maior parte dos apreciadores. O volume de produção manter-se-á, segundo o escritor e autodidacta, nos 250 litros/ano, a serem vendidos nos espaços comerciais que se demonstrem interesse em ser montra do produto artesanal e na Feira Típica Castreja, onde o morador daquela freguesia ambiciona ter banca.

"Os licores são feitos com amor. Tornou-se uma paixão, realizar todo este processo. Por isso sim, poderá ser uma ideia romântica, porque há uma vontade genuína de fazer tudo isto", revela Francisco Arantes, notando para a versatilidade de um produto produto que "como aperitivo ou digestivo", cai sempre bem.

Não se espere para já que, à semelhança de outros escritores da praça nacional que descrevem com minúcia de receita a confecção de iguarias gastronómicas nas suas obras – como Francisco José Viegas –, o (também) Francisco Arantes verta para as páginas de futuras obras a arte de fazer licores, como lhe sugerimos. "Não queria entrar muito por aí. Talvez ainda seja cedo para passar à escrita a arte de fazer os licores, mas há sempre surpresas".

João Martinho

Licores do Laboreiro



Espumante

Quinta do Regueiro



Medalha de Ouro em
LONDRES

A G R A D E C I M E N T O S

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Rui Manuel Rodrigues Pires

Paderne | 49 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José Alberto Rodrigues Durães**

Peso – Paderne | 56 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria dos Prazeres Caldas**

Penso – Melgaço | 93 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Hortelinda de Carvalho**

Cubalhão – Melgaço | 70 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Alfredo Lourenço do Paço**

Vila – Melgaço | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José Martins**

Alvaredo – Melgaço | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Lindolfo da Silva Gonçalves**

Peso – Paderne | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Isilda de Jesus Pires**

Queirão – Paderne | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José da Cunha Lopes**

Chaviães – Melgaço | 60 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Teresinha

Cela – Couso | 72 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Amadeu Domingues**

Gave | 94 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Domingos Afonso Esteves**

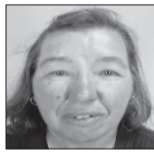
Bouça – Chaviães | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Cecília Pires**

Pereira – Parada Monte/Cubalhão | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José Alexandre Paço S. Passos**

Vila – Melgaço | 57 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria da Graça Esteves**

Sobreira – Paços | 48 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria dos Anjos Soares Cardoso**

Oleiros – Roussas | 53 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Nuno Miguel Gonçalves**

Vila – Melgaço | 29 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Olívia Maria Ferreira**

Paços

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Palmira do Carmo Enes**

Couso | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Prazeres de Jesus Meleiro**

Oleiros – Roussas | 79 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Alves**

Gave | 93 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Amélia Vaz Palhares**

Portela | 74 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Armando Gonçalves**

Couso

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Amélia Coelho**

Virtelo – Couso | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



NR: O Centro Funerário do Alto Minho pede desculpa de, por problemas informáticos, não ter inserido alguns destes agradecimentos na edição de Janeiro. Pelo ocorrido, às famílias, as nossas sinceras desculpas.

pensamento

Perante tantas mortes, nelas incluindo gente muito jovem, maior deve ser a nossa confiança Naquele que venceu a morte: Cristo Ressuscitado.

Para nós cristãos, se de facto procurarmos ter uma fé forte e esclarecida a morte é como escreviam os primeiros cristãos sobre os túmulos: (Dies Natalis) isto é, a morte é o verdadeiro dia de Natal. Com ela, nascemos verdadeiramente para a Vida de Felicidade e Plenitude em Deus.

|| AGÊNCIA FUNERÁRIA ARLINDO COSTA

Ivo Alves Gonçalves

Eiriz – Gave | 45 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Um Janeiro negro para a população de Melgaço

Janeiro inaugurou-se negro em Melgaço e certamente ficará na lembrança de muitos melgacenses pelo sentimento de perda que foi significando a cada dia que ia somando, num infundável mês de longos 31 dias.

Algumas páginas desta edição serão, por extensão do atípico número de falecimentos verificados, também elas "negras". Nesta consideração breve às lamentáveis perdas que, infelizmente, a cada mês se vão constatando e esvaziando de gente um interior por si só já pouco povoado, destacamos desta vez as mortes que foram acontecendo pelas razões mais imprevistas e chocaram a comunidade melgacense, vitimando homens e mulheres que a ordem natural das coisas não costuma deixar acontecer.

Neste Janeiro foram perecendo, um pouco por todo o concelho e até alguns naturais de Melgaço a residir no estrangeiro, um alarmante número de jovens, por isso, nesta peça breve recordamos: Nuno Gonçalves, de 29 anos; Sandrina Afonso, de 38 anos; Maria da Graça Esteves, de 48 anos; Maria dos Anjos Cardoso, de 53 anos; José Alexandre Passos, de 57 anos; Rui Manuel Pires, de 49 anos; Maria Henriqueta Pereira, de 56 anos; José Alberto Rodrigues, de 56 anos; Maria Cecília Pires, de 53 anos e Ivo Alves Gonçalves, de 45 anos.

Nesta contagem, até 26 de Janeiro de 2015, faleceram dez (10) pessoas com idades compreendidas entre os 29 e os 57 anos.

João Martinho

José Alexandre Paço da Silva Passos (1957-2015)

"Quando un amigo se va queda un espacio vacio"
(Alberto Cortez)

A morte apanhou-te à traição, numa tarde húmida e fria de inverno.

Quando alguém nos deixa, diz-se que era uma boa pessoa. Tu não precisavas desse elogio, porque o eras de verdade.

A vida deu-te algumas "caneladas", mas tudo conseguiste ultrapassar. Eras um vencedor, pois o que mais detestavas era perder.

Onde quer que te encontres, Zé Passos, ou Passinhos (como os amigos te chamavam), descansa em Paz.

Um Amigo

AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

Sandrina Afonso

Portelinha – C. Laboreiro | 38 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Pureza Alves

Orjaz – Cubalhão | 87 Anos

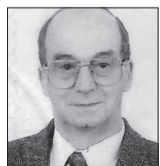
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Paulino Gomes Calheiros

Vila – Melgaço | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



CARTÓRIO NOTARIAL DE MONÇÃO CERTIDÃO

Certifico que a presente certidão composta de quatro folhas, escritas numa só face, todas numeradas e por mim rubricadas, é certidão narrativa da escritura de Justificação Notarial exarada de folhas cinquenta e oito a folhas sessenta verso do livro de Notas para Escrituras Diversas número cento e cinquenta e oito E, deste Cartório Notarial, e vai conforme o original na parte em que o reproduz.

Monção, três de Dezembro de dois mil e catorze

A Colaboradora do Notário por expressa delegação

nos termos do artigo 8.º n.º 1 do Decreto-Lei 26/2004 de 04/02 e respectivas alterações

Ana Paula Rodrigues Cunha Pedreira

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de justificação notarial outorgada no dia três de Dezembro de dois mil e catorze, exarada de folhas cinquenta e oito a folhas sessenta verso, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número cento e cinquenta e oito – E, **Manuel Gregório**, contribuinte fiscal número 168.435.780, portador do Bilhete de Identidade número 3365398, emitido em 12/10/2001, pelos SIC de Viana do Castelo, natural da freguesia de Penso, concelho de Melgaço, e mulher, Glória da Silva Ferreira, contribuinte fiscal número 174.071.256, portadora do Bilhete de Identidade número 3444240, emitido em 17/10/2001, pelos SIC de Viana do Castelo, natural da freguesia de Ponte, concelho de Guimarães, ambos residentes no lugar de Lage, freguesia de Penso, do referido concelho, casados que são sob o regime de comunhão geral de bens, declararam ser donos e legítimos possuidores dos seguintes bens imóveis:

1) Prédio urbano sito no lugar de Lages, freguesia de Penso, concelho de Melgaço, composto de casa com dois pavimentos e rossios, com a área coberta de oitenta e um metros quadrados e área descoberta de cento e trinta metros quadrados, a confrontar a norte com Manuel Gregório, a sul com José Domingues, a nascente com Estrada Municipal e a poente com Avelino Pereira, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 469, a favor do justificante varão, com o valor patrimonial tributário de vinte mil setecentos e cinquenta euros, igual ao atribuído.

2) Prédio rústico denominado "Rodeiro", sito no lugar de Saínde, freguesia de Penso, concelho de Melgaço, composto de Terreno de mato, com a área de mil e quinhentos metros quadrados, a confrontar a norte com Delmiro da Rocha, a sul com António Joaquim Fernandes, a nascente com Gualdino de Castro e a poente com Manuel Fernandes, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 2210, a favor do justificante varão, com o valor patrimonial tributário de sete euros e um centímo, ao qual atribuem o valor de cinquenta euros.

3) Prédio rústico denominado "Valinhas", sito no lugar de Paradela, freguesia de Penso, concelho de Melgaço, composto de terreno de pinham e mato, com a área de três mil e novecentos metros quadrados, a confrontar a norte e nascente com Junta de Freguesia de Penso, a sul com Manuel Pereira e a poente com Henrique da Rocha, não descritos na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na Matriz sob o artigo 1929, a favor do justificante varão, com o valor patrimonial tributário de sessenta e sete euros e cinquenta e oito centímos, igual ao atribuído.

Que o prédio urbano objecto da presente escritura não sofreu, desde a sua inscrição na matriz, obras de alteração que justificassem a emissão de Licença de Utilização.

Que estes prédios vieram à sua posse e fruição no ano de mil novecentos e setenta, à data casados entre si, por partilha verbal, que nunca foi devidamente formalizada, efectuada por óbito dos pais do justificante varão, Manuel Gregório e mulher, Delfina Rodrigues, residentes que foram no lugar de Lage, freguesia de Penso, concelho de Melgaço.

Que, desde aquela data, entraram na posse e fruição dos referidos prédios ocupando e habitando o prédio urbano, nele fazendo obras de manutenção quando necessárias, aproveitando as suas utilidades, cortando o roço e lenha e efectuando limpezas de mato, nos terrenos de pinhal e mato, pagando as contribuições fiscais e suportando os demais encargos e despesas de fruição relativamente a todos os prédios, ostensivamente e à vista de todos, em nome próprio, que reiteradamente têm exercido, até à presente data, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, agindo assim com o ânimo e a forma correspondentes ao pleno exercício do direito de propriedade.

Que, assim, tendo exercido sobre aqueles prédios, em nome próprio, uma posse pública, pacífica e contínua, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela usucapião, que invocam na impossibilidade de comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

Que atribuem à presente justificação o valor global de vinte mil oitocentos e sessenta e sete euros e cinquenta e oito centímos.

É certidão narrativa sob a forma de extracto, que vai conforme o original na parte reproduzida.

Cartório Notarial de Monção, três de Dezembro de dois mil e catorze.

A notária, **Cátia Sofia de Carvalho Correia Magalhães e Grancho**

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/02/2015

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação, lavrada no dia 29 de Dezembro de 2014, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 44 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 127-E, **José Carlos Rodrigues**, NIF 197 714 110, casado com Ana Paula Gonçalves, sob o regime da comunhão geral de bens, natural da freguesia de Fiães, concelho de Melgaço, residente no lugar do Carvalho de Lobo, n.º 132.R/c Dt.º, da atual união de freguesias de Vila e Roussas, concelho de Melgaço, titular do cartão de cidadão número 07709853 6ZZ8, válido até 01/05/2015.

Outorga **por si** a ainda na qualidade de **procurador**, em representação de sua referida mulher:

Ana Paula Gonçalves, NIF 195 071 832, natural da freguesia de Vila, concelho de Melgaço, consigo residente, fez as declarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de três folhas.

Que, ele e a sua representada são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrém, do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico, designado por "Campo do Coto" sito no lugar de Malhagrilos, da união de freguesias de Prado e Remoães, concelho de Melgaço, composto

por terreno de cultura e vinha, com a área de duzentos e oitenta metros quadrados, a confrontar a norte com Joaquim Lima Reis, sul Hilário Joaquim Gonçalves, nascente Maria Ester Ribeiro e poente José Emídio Marques, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 765, o qual corresponde ao artigo 524 da extinta freguesia de Prado, com o valor patrimonial tributário de **26,72 euros**.

Que o indicado imóvel **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome de Palmira de Jesus Domingues.

Que o referido prédio veio à sua posse, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e um, quando Palmira de Jesus Domingues, solteira, maior, residente que foi no lugar de Rendufe, da extinta freguesia de Chaviães, concelho de Melgaço, atualmente falecida, lho ajustou vender, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de compra e venda.

Que, contudo, desde essa data, ele e sua representada entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando e sulfatando a vinha, colhendo os seus frutos, suportando as despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, ele e sua representada, justificam a sua aquisição pela **usucapião** que invocam, para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

Que **atribui** à presente justificação o valor de **quinhentos euros**.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extracto, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101 do Código do Notariado.

Está conforme o original na parte a que me reporto.

Cartório Notarial de Melgaço, 29 de Dezembro de 2014.

A Escr.ª Superior,
Catarina Maria Vilas

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/02/2015

A Cargo da Conservadora, em funções Notariais:

Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 21 de Janeiro de 2015, neste Cartório, exarada a folhas 58 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 127-E: **Manuel Fernando Dourado Barbosa**, NIF 145 018 377 e mulher **Maria Esperança Amorim Rodrigues Barbosa**, NIF 145 017 826, casados sob o regime da comunhão geral de bens, naturais, ele da freguesia de Cabreiro, concelho de Arcos de Valdevez, ela da freguesia de Currelos, concelho de Carregal do Sal, residentes no lugar de Igreja, freguesia de Cabana

continua na pág. 22

continuação da pág. 21

Maior, do referido concelho de Arcos de Valdevez, titulares dos cartões de cidadão respetivamente números 05992602 3ZZ3 e 07232702 2ZZ3, ambos válidos até 26/07/2015, fizeram as declarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de três folhas:

Que são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

Prédio urbano, sito no lugar de Pomares, freguesia de Couso, concelho de Melgaço, composto por terreno para construção, com a área de quinhentos metros quadrados, a confrontar a norte com caminho público, sul e nascente monte baldio e poente Maria Domingues Afonso, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 493, com o valor patrimonial tributário de **seis mil duzentos e trinta euros**, de igual valor atribuído.

Que, o indicada prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respetiva matriz em nome do justificante marido.

Que o mesmo prédio veio à posse dos justificantes em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta e quatro, quando a Junta de Freguesia de Couso, lho ajustou vender, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respetiva escritura pública de compra e venda.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, limpando-o e conservando-o, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião**, que invocam na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do n.º 1, do art.º 101 do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Cartório Notarial de Melgaço, 21 de Janeiro de 2015.

A Esc.ª Superior,
Catarina Maria Vilas

Notariado Português**CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/02/2015

A Cargo da Conservadora, em funções Notariais:

Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 23 de Janeiro de 2015, neste Cartório, exarada a folhas 63 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 127-E, **Manuel Vieites**, NIF 145 128 610 e mulher Glória Pires, NIF 145 128 628, casados sob o regime da comunhão geral, naturais da freguesia de Parada do Monte, concelho de Melgaço, residentes no lugar de Carrascal, da atual união de freguesias de Parada do Monte e Cubalhã, concelho de Melgaço, titulares, respetivamente, do cartão de cidadão número 03066303 2ZX6, válido até

09/01/2019 e do bilhete de identidade número 3188811, de 15/02/2005, emitido pelos S.I.C. em Viana do Castelo, fizeram as declarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de três folhas:

Que são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

Prédio urbano, sito no lugar de Travassos, freguesia de Parada do Monte e Cubalhã, concelho de Melgaço, composto por casa de morada, em condições muito deficientes de habitabilidade, com a superfície coberta de quarenta e cinco metros quadrados e rossios de quarenta metros quadrados, a confrontar a norte com Maria Rodrigues, sul Cesário Pires, nascente caminho e poente Lealdina Esteves, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 6, o qual corresponde ao artigo 844, da extinta freguesia de Parada do Monte, com o valor patrimonial tributário de **dois mil quatrocentos e dez euros**.

Que o indicado prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respetiva matriz em nome do justificante marido.

Que o mesmo prédio veio à posse dos justificantes, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta e um, quando, os pais do justificante marido, Manuel Vieites e Maria Alves, residentes que foram no mencionado lugar de Carrascal, lho ajustaram doar, não tendo, contudo, chegado a formalizar a respetiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, ocupando-o e mantendo-o, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião**, que invocam, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do n.º 1, do art.º 101 do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Cartório Notarial de Melgaço, 23 de Janeiro de 2015.

A Esc.ª Superior,
Catarina Maria Vilas

Notariado Português**CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/02/2015

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira.

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e venda lavrada no dia 28 de Janeiro de 2015, neste Cartório, exarada a folhas 71 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 127-E, **MARIA DOMINGUES**, NIF 135 853 761, solteira, maior, natural da freguesia de Castro Laboreiro, concelho de Melgaço, residente no lugar de Curveira, da atual união de freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, concelho de Melgaço, titular do cartão de cidadão n.º 08887417 6ZZ0, válido até 27/10/2015, fez as de-

clarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de três folhas.

Que é **dona e legítima possuidora**, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico, designado por "Carqueijal", sito no lugar de Formarigo, da União de freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouros, concelho de Melgaço, composto por terreno de mato e pastagem, com a área de três mil oitocentos e noventa metros quadrados a confrontar a norte com António José Domingues, sul Áurea Rodrigues, nascente caminho e poente Maria Fernandes e outros, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 6126, o qual corresponde ao artigo 4738 da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial tributário de vinte e cinco euros e quarenta e cinco cêntimos.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na matriz em nome da justificante.

Que o imóvel veio à sua posse, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta e um, quando, os seus pais, António José Domingues e Deolinda Esteves, residentes que foram no referido lugar de Curveira, da indicada freguesia de Castro Laboreiro, entretanto já falecidos, lho ajustaram doar, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respetiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data, entrou na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como sua dona por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, desbravando o mato e utilizando-o na pastoreira do gado, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição.

Que tendo exercido sobre o indicado prédio, uma **posse** pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela **usucapião**, que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM, e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101 do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
Cartório Notarial de Melgaço, 28 de Janeiro de 2015.

A Escriturária Superior,
Maria Duarte Alves Dantas

Notariado Português**CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/02/2015

A cargo da Conservatória, em funções Notariais: Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira.

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 28 de Janeiro de 2015, neste Cartório, exarada a folhas 68 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 127-E, **NORBERTO JOSÉ AFONSO TRANCOSO**, NIF 152 020 446, casado com Aldina Maria Lopes Figueiredo Trancoso, sob o regime da comunhão de adquiridos, natural da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, residente no lugar de Palheiros, da atual união de freguesias de Prado e Remoães, deste mesmo concelho, titular do cartão de cidadão n.º 05957427 5ZZ4, válido até 21/08/2019.

Outorga **por si** e na qualidade de **procurador** em representação de:

ALDINA MARIA LOPES FIGUEIREDO TRANCOSO, NIF 227 018 362, casada com Norberto José Afonso Trancoso, no indicado regime de bens e com ele residente, natural da freguesia de Sobral Pichorro, concelho de Fornos de Algodres, fez as declarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de cinco folhas:

Que, ele e sua representada são **donos e legítimos possuidores** com exclusão de outrem, do seguinte bem:

Metade indivisa de um **prédio rústico**, denominado "Campo do Pé do Homem", sito no lugar de Palheiros (Breia), da atual união de freguesias de Prado e Remoães, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultivo e vinha, com a área quatro mil quinhentos e sessenta metros quadrados, a confrontar do norte com herdeiros de Elísio Esmeraldino Gonçalves e Manuel José Domingues, sul Álvaro Alves e António Joaquim Gonçalves, nascente com Norberto José Afonso Trancoso, e poente com estrada municipal, inscrito na respetiva matriz sob os artigos 95 e 100, com o valor patrimonial tributário total de **mil seiscentos e quarenta e oito euros e vinte cêntimos**.

Que, o mencionado prédio **encontra-se descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço sob o **número cinquenta e sete** da extinta freguesia de Prado, como terreno de cultivo, com a área de cinco mil quinhentos e vinte metros quadrados, a confrontar a norte com José Domingues, do sul caminho público, do nascente e do poente com Idalina Gonçalves, inscrito na matriz sob o artigo 550, com registo de aquisição de **metade indivisa** a favor do justificante e da sua representada, conforme apresentação 4 do dia 23/03/1990.

Que o referido artigo 550 (antigo) pertence às matrizes prediais rústicas que precederam as atuais.

Que a este mesmo prédio descrito sob o número cinquenta e sete e inscrito na anterior matriz sob o artigo 550 foram atribuídos, na sequência das últimas avaliações da propriedade rústica no concelho de Melgaço, os (novos) artigos 102 e 107 da extinta freguesia de Prado.

Que, na sequência da última reorganização administrativa das freguesias levada a cabo pela Lei n.º 11-A/2013, de 28 de Janeiro, aqueles artigos 102 e 107, deram origem respetivamente, aos artigos (atuais) 95 e 100, da união de freguesias de Prado e Remoães.

Sendo certo que, fisicamente, e no local da situação dos imóveis, as parcelas de terreno correspondentes àqueles dois artigos 95 e 100 se encontram a confinar e atualmente juntas, sem sinais físicos que as autonomizem ou separem.

Que o artigo matricial 95 (anterior 102 da extinta freguesia de Prado) tem a área de mil novecentos e vinte e cinco metros quadrados e o artigo matricial 100 (anterior 107 da freguesia de Prado) tem a área de dois mil seiscentos e trinta e cinco metros quadrados.

Que, o conjunto das referidas inscrições matriciais corresponde hoje, física e localmente ao seguinte bem imóvel, cujo o direito se justifica:

Prédio rústico, denominado "Campo do Pé do Homem", sito no lugar de Palheiros (Breia), da atual união de freguesias de Prado e Remoães, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultivo e vinha, com a área quatro mil quinhentos e sessenta metros quadrados, a confrontar do norte com herdeiros de Elísio Esmeraldino Gonçalves e Manuel José Domingues, sul Álvaro Alves e António Joaquim Gonçalves, nascente com Norberto José Afonso Trancoso, e poente com estrada municipal, inscrito na respetiva matriz sob os artigos 95 e 100.

Que a diferença de áreas entre a constante na referida descrição predial (cinco mil quinhentos e vinte metros

quadrados) e a atual e real identificação do prédio (quatro mil e quinhentos e sessenta metros quadrados) se ficou a dever, para além de uma medição não rigorosa aquando das avaliações que deram origem às matrizes prediais que precederam as atuais, erro esse que depois passou para o regime (com a abertura da descrição predial feita com base nessa, antiga, identificação), também à cedência de parte da área do prédio para a abertura da atual via pública confinante.

Que o direito inscrito sobre metade indivisa do prédio sob a referida apresentação 4 de 23/03/1990, corresponde ao atual artigo 100, sendo que a metade indivisa que é objeto da presente justificação corresponde ao artigo atual 95.

Que, esta metade indivisa do prédio veio à sua posse, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e um, quando, Fernando José Gonçalves, solteiro, maior, residente na Avenida Elias Garcia, n.º 153, 3.º Esq.º, em Lisboa, lho ajustou vender, não tendo, contudo, nunca, chegado a formalizar a respetiva escritura pública de compra e venda.

Que, no entanto, desde essa data, e mesmo antes, ele e a sua representada, entraram na posse do referido prédio, na sua totalidade, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como sua dona por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o, cuidando da vinha, sulfatando, podando, vindimando, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição.

Que tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, ele e a sua representada, justificam a sua aquisição pela **usucapião** que invocam para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

Que **atribui** e este ato o valor de **mil seiscentos e quarenta e oito euros e vinte cêntimos**.

ASSIM, e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101 do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL, na parte a que me reporto.

Cartório Notarial de Melgaço, 28 de Janeiro de 2015.

A Escriturária Superior,
Catarina Maria Vilas

Notariado Português**CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/02/2015

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira.

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 16 de Janeiro de 2015, neste Cartório, exarada a folhas 56 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 127-E, **NUNO DOMINGUES COELHO**, NIF 223 574 694 e mulher **LUCIANA ESTEVES VILABOIA**, NIF 234 105 437 casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais, ele da freguesia de Vila, concelho de Melgaço, ela da freguesia de Arcos de Valdevez (Salvador), concelho de Arcos de Valdevez, residentes no lugar e fregue-

Continua na pág. 24

Os nossos amigos

«Continuo leitor fiel de 'A Voz de Melgaço' e a admirar cada vez mais o vosso estoicismo em não deixar que o jornal desapareça no turbilhão das dificuldades que os governos de todas as cores criam à Imprensa Regional». São palavras do Albérico Coelho Fernandes, natural de Monção e a trabalhar em Lisboa há muitos anos para a 'Impresa', grande grupo de comunicação social. Acrescenta palavras que bem revelam o seu coração generoso e agradecido.

Também desde Lisboa, Nuno Santa Maria Pascoal paga 2015 como amigo e diz: «O jornal 'A Voz de Melgaço' é um jornal que muitos deviam ler, dado o seu carácter literário, posto a lume por gente do melhor gabarito e culturalmente muito apto. É sem dúvida um jornal que honra as terras do Minho e que defende com vigor e honestidade um belo rincão de Portugal. Parabéns».

Como amigos, pagaram 2015 e alguns até 2015: António Mota Salgado, de Cerveira; Lucinda Guerreiro Ranhada, do Porto; Jorge de Barros, Lisboa; Manuel Valente Alves, de Ovar; Eng. Armandino Júlio Rodrigues, de Braga; José Henrique Gomes, de Lisboa; Manuel Fernandes de Sousa, de Lisboa; Dr. Manuel José Alves Ramos, do Porto; Ilídio Alberto de Sousa, de Queluz; José Maria da Costa Oliveira, de Braga; Francisco Assis Sousa, de Guimarães. Foram ainda bastantes os que pagaram a assinatura de 2015 e mesmo de anos anteriores.

Dois pedidos

a) De França veio uma transferência bancária de «Monsieur et Madame Fernandes», de 50 euros, sobre o Crédit Agricole. Mas não consigo saber em quem lançar o pagamento, porque preciso do nome correcto em que recebem e da direcção. Foi feita em 21 de Janeiro.

Há mais duas transferências em que tenho dificuldades de saber a quem se referem. São ambas do dia 23 de Janeiro: uma de Gabriela Fernandes D. Lança Coelho, de 60 euros. Outra de Maria João B. Lynch Ferreira Couto, de 80 euros. Os endereços dos jornais devem ter outro nome. Por favor, digam-me a quem se refere o pagamento efectuado por estas 3 transferências bancárias.

b) Os assinantes no estrangeiro com 2014 ainda por pagar, tenham a fineza de o fazer até final deste mês sem falta. O mesmo peço aos do continente que devem 2, 3 e mais anos. Precisamos mesmo da colaboração e ajuda de todos para nos mantermos no meio de tantas dificuldades.

Carlos Nuno

Um dos terroristas franceses cruzou-se com uma nossa conterrânea

O terrorista Koulibaly, o mesmo que matou uma jovem polícia de 26 anos e atacou o supermercado judaico depois do assalto ao semanário «Charlie Hebdo», cruzou-se com uma nossa conterrânea que trabalha perto do local onde ele tinha acabado de matar a jovem polícia. O susto foi tão grande que esteve 3 dias sem dormir, pois que o mesmo, na fuga, deu vários tiros, tendo um deles passado pouco ao lado desta nossa conterrânea que há mais de 20 anos trabalha em Mont Rouge.

PASSATEMPO Confiança

Os três premiados do passatempo lançado em Dezembro são:

1º – Sandra Oliveira – de Monção.

“Mais que uma marca, Confiança tem os aromas da nossa vida”

2º – Maria Paula Coelho – de Braga

“Com Amor e Confiança, neste Natal ofereça uma fragrância”

3º – A. Simões Mota – do Porto

“Com o Cheirinho da Confiança, atravessamos os séculos”

O País está pior



1. O caso Sócrates inundou de perplexidade o viver português. O espanto que envolveu a detenção do ex-primeiro-ministro e depois as visitas dos seus correligionários à cadeia de Évora, onde está preso preventivamente, irritaram uns, principalmente os seus simpatizantes e alegraram outros, os seus inimigos, que o vêem como um oportunista, sem escrúpulos, que levou o país à bancarrota, com uma governação desastrosa, favorecendo amigos e o grande capital, vendo-se agora envolvido em fortes suspeitas de grande corrupção, branqueamento de capitais e fraude fiscal. A verdade é que o país segue curioso o desenrolar deste acontecimento que não espera que fique em “águas de bacalhau”, por prescrição, por investigação mal feita ou por indulto do presidente da república. Os partidos de esquerda olham para isto com a desconfiança do costume; a direita afirma que a “justiça está a trabalhar bem” e o país sofre com uma política de austeridade que ninguém sabe onde nos vai levar. Cavaco reafirma estarmos no bom caminho. Entretanto, as televisões noticiam que uma em três crianças portuguesas vive na pobreza. A notícia é dada secamente, fazendo apelo à caridade pública para as ajudar. Não se esclarece que o empobrecimento faz parte do programa do governo de Coelho, posto em prática logo no início, com despedimentos, com cortes salariais, cortes nas pensões, cortes nas reformas e diminuição dos orçamentos do Estado, nos capítulos do social, ensino, saúde e segurança. Os nossos miúdos vão para a escola, aos milhares, sem uma cêdeia de pão, porque os pais estão desempregados e não têm dinheiro para pagar a renda da casa, quanto mais para agasalhos, medicamentos ou uma sopa na mesa. Os nossos doentes, como agora se viu no Natal, no surto de gripe, esperaram por uma consulta nos hospitais, 40 e mais horas, morrendo muitos sem assistência médica, por falta de médicos e enfermeiros. Gastam-se milhões em obras megalómanas para o ensino e não há verba para aquecimento nas escolas, nem para pagar dig-

namente os professores e auxiliares, que vivem também numa situação precária, muitos fazendo do seu automóvel habitação por o dinheiro que ganham não chegar para a renda dum simples quarto. O Portugal de Cavaco, Coelho e Portas não é o formoso romance pastoril de Bernardim Ribeiro que apresentam. É antes esta miséria sórdida, que vemos por Portugal, nos lugares mais recônditos, quando julgávamos, em democracia, no séc.XXI, ela ter desaparecido do mapa da nossa tristeza. É revoltante e vergonhoso.



Não podemos permitir que a pátria continue assim, dirigida por gente incapaz e apoiada por um presidente que acha estar tudo bem. Os indícios são suficientes para que haja uma condenação moral. Neste ano de 2015 e nos próximos vai haver mais cortes, mais reduções, mais despedimentos e mais pessoas na miséria. Esperamos, apenas, que esta gente seja punida, não só nas eleições, como acusada de malfeitorias de lesa-pátria.

Sabemos todos por experiência que a democracia, em Portugal, é uma farsa. O que resta de Abril dos cravos é uma mascarada. Poucos acusam o regime porque têm medo de perder o emprego e de represálias. A oposição vive da esperança de que António Costa do partido socialista poderá dar uma volta às políticas seguidas até aqui. Mas impossível. Costa vive dentro do sistema e o sistema são os “mercados”, os grandes grupos económicos e as manobras que têm como objectivo manter as coisas como estão.

2. O ataque ao semanário francês Charlie Hebdo representa o cume de uma crueldade irracionalista. Morreram oito jornalistas, horrorosamente e este crime

não pode ficar impune. Houve um comentador da televisão que relacionou esta tragédia com a invasão do Iraque, baseada em mentiras e falsificações. As coisas resultam, sempre, umas das outras e as relações de causa e efeito, mais cedo, ou mais tarde descobre-se a verdade. Lembremos que a invasão do Iraque foi combinada nos Açores por W. Bush, Aznar e Tony Blair. Du-rão Barroso serviu de mestre de cerimónias. Após o 11 de Setembro de 2001, quando foi perpetrado o ataque às torres gémeas em Nova Iorque, o mundo não ia ser o mesmo, tudo iria mudar. De facto, assim aconteceu. Estes 13 anos que passaram foram de crises, de guerras, de invasões, de atentados, de decapitações, de um sistema económico no caos e sempre usando o mesmo princípio: “os fins justificam os meios”. Nenhuma frase é mais falsa do que esta mas se verificarmos a história recente é a frase que tem governado o mundo

e que nos conduziu à situação em que estamos. O atentado de Paris não foi só aos franceses e ao jornal satírico. Foi à Europa e à sua civilização. Foi feito num momento em que a Europa está frágil. As consequências são imprevisíveis. Se a Europa não acabar com a austeridade e com a miséria dos seus guetos, tudo será pretexto para novos ataques terroristas dos seus próprios cidadãos, jovens desesperados, sem emprego, a alistarem-se todos os dias no jihadismo árabe. A vitória da esquerda na Grécia pode ser o despertar da Europa com a saída do capitalismo selvagem, sem limites, para um mundo melhor e mais justo.

Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Janeiro 2015

Abílio Francisco Conde



Continuação da pág. 22

sia de Couso, concelho de Melgaço, titulares dos cartões de cidadão respectivamente números, 11439243 9ZY1, válido até 02/09/2019 E 13453626 6ZY3, válido até 09/03/2016, fizeram as declarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de três folhas.

Que é dono e legítimo possuidor, com exclusão de outrém, do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico, denominado "Lameira", sito no lugar e freguesia de Couso, concelho de Melgaço, composto por terreno de mato, com a área de mil e duzentos metros quadrados, a confrontar a norte com caminho público, sul e poente freguesia de Couso e nascente Maria Alves, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 882, ignorando o anterior artigo matricial, o que declara sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **10,00 euros**.

Que o referido prédio não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na matriz em nome do justificante.

Que, o referido prédio veio à sua posse, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e três, quando, ainda no estado de solteiro, menor, seus pais, Manuel da Cunha Machado Coelho e mulher Maria Emília Domingues, residentes no indicado lugar e freguesia de Couso, lho ajustaram doar, não tendo contudo, chegado a formalizar a respectiva escritura pública de doação.

Que, contudo, desde essa data, os seus pais, em sua representação, e mais tarde ele próprio, entrou na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seu dono por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, desbravando o mato, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela **usucapião**, que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM, e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101 do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
Cartório Notarial de Melgaço, 16 de janeiro de 2015.

A Escriturária Superior,
Maria Duartina Alves Dantas

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/02/2015

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira.

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 12 de janeiro de 2015, neste Cartório, exarada a folhas 54 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 127-E, **MÁRIO DOMINGUES**, NIF 184 065 127 e mulher **MARIA ALICE DOMINGUES**, NIF 184 703 620 casados sob o regime da comunhão geral de bens, naturais do concelho de Melgaço, ele da freguesia de Gave, ela da freguesia de Parada do Monte, residentes no lugar de Paço, da

atual união de freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, concelho de Melgaço, titulares dos cartões de cidadão respetivamente números, 06938833 4ZZ4, válido até 31/12/2015 e 07687740 0ZZ6, válido até 30/12/2016, fizeram as declarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de três folhas.

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, do seguinte bem imóvel:

Um – Prédio rústico, designado por "da Moleira", sito no lugar de Covelo, freguesia de Gave, concelho de Melgaço, composto por terreno de pastagem, com a área de duzentos e quarenta metros quadrados, a confrontar a norte com Modesto Augusto Pereira, sul Delfina Esteves, nascente Manuel Luís Pires e poente Manuel Pires, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 2286, ignorando o artigo da anterior matriz, com o valor patrimonial tributário de **1,64 euros**, e

Dois – Prédio rústico, designado por "da Moleira", sito no lugar de Covelo, freguesia de Gave, concelho de Melgaço, composto por terreno de mato, com a área de quatrocentos e sessenta metros quadrados, a confrontar a norte e poente com José Pires, sul e nascente com Manuel José Domingues, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 2287, ignorando o artigo da anterior matriz, com o valor patrimonial tributário de **2,11 euros**,

Que so referidos prédios não se encontram descritos na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontram-se inscritos na respectiva matriz, a **verba um** em nome de Manuel José Domingues e a **verba dois** em nome de Modesto Augusto Pereira.

Que o prédio identificado na verba um, veio à sua posse, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta e cinco quando, os pais do justificante varão, Manuel José Domingues e Maria da Conceição Domingues, residentes no lugar de Baldosa, da referida freguesia de Gave, lho ajustaram doar. Quanto ao prédio indicado na verba dois, este veio à posse dos justificantes também em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e quatro, quando, Modesto Augusto Pereira e mulher Maria Lourenço Pereira, residentes no lugar de Lameiro, da mencionada freguesia de Gave, lho ajustaram vender.

Que, nunca chegaram a formalizar as respectivas escrituras públicas de doação e compra e venda.

Que, no entanto, desde essas datas, os justificantes entraram na posse dos referidos prédios, em nome próprio, posse sem qualquer interrupção, até ao dia de hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, utilizando-os na pastorícia do gado e desbravando o mato, suportando as respetivas despesas de fruição em relação a ambos.

Que, tendo exercido sobre o indicados prédios, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião**, que invocam, para fins de registro predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM, e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101 do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
Cartório Notarial de Melgaço, 12 de janeiro de 2015.

A Escriturária Superior,
Maria Duartina Alves Dantas

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/02/2015

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira.

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e doação lavrada no dia 9 de Janeiro de 2015, neste Cartório, exarada a folhas 51 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 127-E, **FERNANDO EGIPTO GONÇALVES**, NIF 178 158 879 e mulher **ILDA AUGUSTA RIBEIRO**, NIF 178 157 660, casados sob o regime da comunhão geral de bens, naturais do concelho de Melgaço, ele da freguesia de Paderne, ela da freguesia de São Paio, residentes na Rua Galvão, n.º 431, da atual união de freguesias de Vila e Rousas, concelho de Melgaço, itulares, respetivamente, do cartão de cidadão número 03997399 9ZZ8, válido até 13/07/2015 e do bilhete de identidade número 869544, de 05/11/1999, emitido pelos S.I.C. em Viana do Castelo, fizeram as declarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de três folhas.

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico, denominado "Ponte de Lages", sito no lugar de Ponte de Lages, da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, composto por terreno de cultivo, com a área de noventa metros quadrados, a confrontar a norte com caminho público, sul Fernando Abreu, nascente José de Sousa Lobato e poente Rosa Branca da Costa, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 5487, ignorando o artigo da anterior matriz, o que declaram sob sua inteira responsabilidade e com o valor patrimonial de **sete euros e um cêntimo**.

Que o referido prédio não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome do justificante marido.

Que o indicado prédio veio à sua posse, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e dois, quando, com os demais interessados procederam à partilha dos bens deixados por óbito de pais do justificante varão, Avelino Gonçalves e Pura Rodrigues, residentes que foram no lugar de Moínhos, da referida freguesia de Paderne, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respetiva escritura pública de partilha.

Que, contudo, desde essa data, entraram na posse do referido imóvel, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o e colhendo os seus frutos, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicados prédios, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião**, que invocam, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM, e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101 do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
Cartório Notarial de Melgaço, 9 de janeiro de 2015.

A Escriturária Superior,
Maria Duartina Alves Dantas

UMA VERDADE INCONVENIENTE Comentários do Prof. Kuing Yamang, Chinês que viveu em França

1. A sociedade europeia está em vias de se auto-destruir. O seu modelo social é muito exigente em meios financeiros. Mas, ao mesmo tempo, os europeus não querem trabalhar. Só três coisas lhes interessam: lazer/entretenimento, ecologia e futebol na TV! Vivem, portanto, bem acima dos seus meios, porque é preciso pagar estes sonhos...

2. Os seus industriais deslocalizam-se porque não estão disponíveis para suportar o custo de trabalho na Europa, os seus impostos e taxas para financiar a sua assistência generalizada.

3. Portanto endividam-se, vivem a crédito. Mas os seus filhos não poderão pagar 'a conta'.

4. Os europeus destruíram, assim, a sua qualidade de vida empobrecendo. Votam orçamentos sempre deficitários. Estão afixados pela dívida e não poderão honrá-la.

5. Mas, para além de se endividar, têm outro vício: os seus governos 'sangram' os contribuintes. A Europa detém o recorde mundial da pressão fiscal. É um verdadeiro 'inferno fiscal' para aqueles que criam riqueza.

6. Não compreenderam que não se produz riqueza dividindo e partilhando, mas sim trabalhando. Porque quanto mais se reparte esta riqueza limitada menos há para cada um. Aqueles que produzem e criam empregos são punidos por impostos e taxas e aqueles que não trabalham são encorajados por ajudas. É uma inversão de valores.

7. Portanto o seu sistema é perverso e vai implodir por esgotamento e sufocação. A deslocalização da sua capacidade produtiva provoca o abaixamento do seu nível de vida e o aumento do... da China!

8. Dentro de uma ou duas gerações, 'nós' (chineses) iremos ultrapassá-los. Eles tornar-se-ão os nossos pobres. Dar-lhes-emos sacos de arroz...

9. Existe um outro cancro na Europa: existem funcionários a mais, um emprego em cada cinco. Estes funcionários são sedentos de dinheiro público, são de uma grande ineficácia, querem trabalhar o menos possível e apesar das inúmeras vantagens e direitos sociais, estão muitas vezes em greve. Mas os decisores acham que vale mais um funcionário ineficaz do que um desempregado...

10. (Os europeus) vão diretos a um muro e a alta velocidade...

N.R.: Quem me remeteu este texto costuma ser muito crítico com o que o nosso governo tem feito, mas ao dizer que este comentário é pertinente, só está a confirmar que o trabalho do executivo de Passos Coelho tem sido positivo. E que o país não está pior, mas melhorou, di-lo a Moodys ao elevar o ranking de Portugal. E outro prémio Nobel da Economia afirmou que Portugal é dos melhores países para investir. Sinal evidente de têm confiança no que tem sido feito para melhorar a situação a que o nosso país chegou.



MCA- Mediação de Seguros Lda

Isp n.º 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Consulte-nos sempre – Com certeza ficará satisfeito

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 966747834

Protocolos de Seguros
Forças Militares (GNR, PSP, etc)
Professores, Função Pública
Médicos, Dentistas, Veterinários

Legalizações automóveis
Regime Geral
Regime de emigrante
Pergunte sobre o seu caso em especial

Adeus Alfredo

Dia 25 de Janeiro de 2015. Meio da manhã. No hospital de Viana do Castelo o nosso amigo e conterrâneo Alfredo Lourenço do Paço exalava o seu último suspiro. Nasceu na Vila de Melgaço a 29 de Janeiro de 1930 e foi batizado pelo padre Firmino Augusto Gonçalves Meleiro, natural de Rouças. Era filho de António do Paço, natural da Vila, SMP, e de Maria Esteves Rodrigues Rego, natural de Barbeita, Monção. Neto paterno de Lourenço do Paço e de Albina Cândida Moreira; e neto materno de Jerónimo Rodrigues Rego e de Rosa Esteves. Tal como a maioria dos rapazes da sua idade, fez apenas o 2.º grau do ensino primário, quarta classe, sendo seus professores Ana Cândida de Magalhães e Abílio Domingues. Como não pôde continuar a estudar, por motivos financeiros, os seus progenitores escolheram para ele a profissão de barbeiro, que exerceu até à sua aposenta-

ção. A sua oficina situava-se no Bairro da Calçada. // Casou a 2 de Março de 1952 com Perpétua da Purificação Ferreira, natural de Remoães, a qual lhe deu cinco filhas. // Apesar dos poucos estudos que possuía, era um homem de talento e com vocação para o jornalismo. Colaborou assiduamente com o «Notícias de Melgaço», com «A Voz de Melgaço», com «A Peneira», jornal galego, e foi correspondente do «Jornal de Notícias» em Melgaço. Esses artigos incidiam sobretudo na partida e chegada de emigrantes, em batismos e casamentos, etc. Quanto a mim, caso tivesse tido a hipótese de conseguir um curso médio ou superior teríamos na nossa terra natal um bom jornalista, mas tal como tantos outros, ficou pelo caminho; somente os filhos dos ricos estudavam, aos pobres restava trabalhar nos campos ou na oficina.

Adeus Alfredo. Até sempre.

Joaquim Rocha

Bom Amigo e dedicado colaborador

Com quase 85 anos, deixou-nos o Alfredo Lourenço do Paço, nosso correspondente em Melgaço durante muitos anos.

O seu funeral foi presidido pelo nosso Director, dada a ausência do pároco, padre João Paulo. De entre os presentes, destaque para o amigo de longa data, o Dr. Adriano Magalhães, natural de São Gregório e a residir em Vigo, prestes a completar 90 anos. Muitos outros estiveram presentes no funeral e nele se incorporaram como prova de muita estima e amizade.

Como refere o Joaquim Rocha, o Alfredo e sua esposa Perpétua da Purificação ferreira, tiveram 5 filhas, tendo a Maria Arlete falecido ainda criança. As outras 4 são. Maria de Lurdes, casada com

Manuel Eduardo Ferreira; Maria Fernanda, casada com Jorge Alexandre F. Afonso; Maria Helena, casada com António Manuel Pinto, e Maria Adelaide, viúva de António Manuel Esteves.

Deixa ainda 6 netos e dois bisnetos.

O Alfredo sabia conquistar amizades e era um cidadão interessado e interveniente. Sabia admirar as belezas da vida e tirar proveito de muitas coisas boas que a mesma oferece. Sempre manteve a sua profunda crença e religiosidade, com uma confiança inabalável na misericórdia de Deus.

A sua esposa, filhas, genros, netos, bisnetos e demais família, os nossos sentido pêsames.

Carlos Nuno

Melga... Cidadania

Meu caro Pedro,

Cá estou, de novo, a revelar o que vejo, sinto e ouço...

O mundo, meu caro, está a mudar muito rapidamente! Mário Draghi usou a «bazuca», o Syriza ganhou as eleições na Grécia em nome da mudança e o Primeiro-ministro foi nomeado no dia seguinte, tomou posse e formou governo. E tudo muito rapidamente!

E agora o que vai fazer a União Europeia (UE)?

A UE, como sabes, foi construída na base de um único pensamento e todos os seus passos (coelho também) foram no sentido de condicionar quem, no seu seio, pensasse diferente. Ser diferente na UE é ser extremista e radical, é ser antieuropeu. Os «donos» da UE são os precursores de um novo comunismo que se irrita com a diferença e não é tolerante com a alternativa. Não fiquei, por isso, surpreendido quando ouvi um porta-voz da CE avisar os gregos sobre a irrevogável presença no euro. É um testemunho de uma UE de muros invisíveis, de censuras mascaradas e de um único pensamento. A liberdade não é seu atributo. Agora é a Grécia, como ontem foi a Dinamarca e a Irlanda. E amanhã seremos nós se quisermos ser europeus sem deixarmos de ser Portugueses e se quisermos partilhar destinos sem continuarmos a perder a nossa alma e a nossa identidade. Estas palavras, meu caro, parecem ser cada vez mais vazias entre nós com lideranças que não têm sentido e norte e que deixaram de entender que não há nação sem liberdade de decisão. A história, que a maioria das lideranças nacionais não estudou, ensina-nos que situações extremas tornam os extremos mais fortes. E a esquerda sobe porque é o «novo lar» da classe média que foi espoliada, espezinhada, desconsiderada... aniquilada. O Syriza, que não faz muito o meu género, ganhou as eleições em nome da mudança e da libertação do povo grego da tutela da austeridade (troika). Os gregos querem acreditar noutra coisa qualquer. P'ra mal (austeridade) já chega! Falharam 22 vezes, em onze anos, as metas da estabilidade e nós (e outros) falhámos oito. Ninguém cumpre e tudo faz de conta que cumpre. Alexis Tsipras acabou com a ideologia e assumiu aliar-se com a direita contra o fim do programa de austeridade. Pediu uma conferência europeia sobre a dívida, tal como a Alemanha, em 1933, que acabou por beneficiar do perdão da dívida. Alexis abraçou causas. E o seu programa não «é um conto de crianças», como referiu o Primeiro-ministro. Conto para crianças, melhor, «conto do vigário» é prometer criar emprego, não subir impostos, não cortar nas reformas, nos salários, no estado social...e fazer tudo ao contrário em nome da troika & Cª Lª. Sinto vergonha destes políticos! Alexis vai ceder à UE mas a UE também...

Meu caro Pedro,

E como estão as coisas por cá? Onde mora a mudança desejada pelos Portugueses?

O PS defende a mudança do rumo das políticas, substituindo a contenção das despesas do Estado por um forte investimento público. Esta estratégia marcou as legislativas de 2009 que, como todos estamos recordados, levou ao pedido de resgate financeiro. É este o legado do PS? O silêncio de António Costa (AC) é ensurdecador. Está AC prisioneiro do legado político e económico do PS de Sócrates, que viu no investimento público a única solução no combate à crise? Há rumores sobre os silêncios de AC. Dizem que tudo é uma questão de calendário, as propostas alternativas existem e que, oportunamente, serão apresentadas. Ou, então, o PS definir-se-á pela indefinição, para não assumir o óbvio... O PS tem-se revelado incapaz de formar uma alternativa para a mudança que todos os Portugueses desejam. Os exemplos multiplicam-se: apropriou-se do anúncio do BCE de compra de ativos (incluindo dívida pública); apropriou-se da vitória do Syriza como sendo da sua família... O calculismo pré-eleitoral é visível, AC critica o que é impopular, mas não apresenta soluções alternativas. (No Governo e na CM Lisboa, AC defendeu a descentralização. AC candidato a Primeiro-ministro defende a regionalização!)

A mudança de AC é o regresso ao Portugal de 2009? É o retomar do investimento público, do crédito fácil, da expansão da dívida? É este o trunfo de AC para as legislativas? AC não pode/não deve ir tão longe quanto os gregos mas deve aproveitar a onda anti-austeridade e deixar o PSD e o CDS a falarem entre si sobre se Alexis Tsipras = a Hollande 2! AC tem de abraçar causas.

Meu caro Pedro,

É imperioso mudar de políticas e de atores políticos que aguardam resultados dissemelhantes fazendo e dizendo sempre a mesma coisa. Chega de narrativas austeras e troikanas. Chega de narrativas sobre o papão e o lobo mau. Estamos fartos e dececionados com as políticas/políticos que temos e envergonhados com o estado a que chegou o nosso Estado. As filas da pobreza não reduziram e o trabalho para jovens e para desempregados não existe. E o orgulho nacional nem se fala!

Com os meus cumprimentos,
MAE

PS: Na guerra do alvarinho, chegou-se a «um acordo vergonhoso e ruinoso...», segundo dizem. A luta continua! E o Governo já trabalha legislativamente para uma revisão das regras do vinho verde alvarinho. A sua liberalização tem efeitos a partir de 2021! Produtores, melgacenses, é preciso acertar estratégias...É importante assegurar o futuro do alvarinho!

AVIA MANUEL ARTUR RODRIGUES
N.I.F. 817 606 521

Estação de serviço

COMBUSTÍVEL E LUBRIFICANTES – PNEUS
LAVAGEM DE VEÍCULOS

PRAZOS – ROUSSAS – 4960 MELGAÇO

Telefone 251 40 47 67

ESPECIAL ALVARINHO

13 DE JANEIRO: Melgaço manifestou-se no Porto contra o Alargamento da do Alvarinho

A 13 de Janeiro, após reunião realizada na Estação Vitivinícola Amândio Galhano, em Arcos de Valdevez, o grupo de trabalho mandatado pelo Ministério da Agricultura para negociar o consenso entre a Sub-região de Monção/Melgaço e os restantes agentes da região dos vinhos verdes anunciaria o acordo fechado naquele dia, em cumprimento dos prazos estabelecidos pelo Governo.

juntaram ao protesto. José Maria Costa, presidente da CIM Alto Minho e autarca de Viana do Castelo, Jorge Fão, deputado socialista na Assembleia da República e José Afonso, Grão-Mestre da Real Confraria do Vinho Alvarinho (RCVA) tomaram lugar ao lado do autarca para reivindicar a continuidade do regulamento que promove a exclusividade do Alvarinho na Sub-Região.

Mais de quatrocentas pessoas

cêntimos por considerarem o preço actual (média de um euro/kg na sub-região) "excessivamente caro".

16 DE JANEIRO: Entidades negociadoras do acordo apresentaram principais alterações

As entidades que representaram a Sub-região de Monção/Melgaço e se mantiveram até ao fim das negociações, nomeadamente, a APA – Associação de Produtores de Alvarinho de Monção e Melgaço, Adega Cooperativa Regional de Monção, PROVAM – Produtores de Vinho Alvarinho de Monção e Anselmo Mendes Vinhos, apresentaram em conferência de imprensa realizada nas instalações da Adega Cooperativa de Monção, três dias depois do fecho do acordo em Arcos de Valdevez, aquelas que serão as directrizes e o "novo paradigma" que defendem ser o ponto de partida para a promoção do território.

O acordo, negociado e assumido pelas entidades que representam cerca de oitenta e cinco por cento dos viticultores de ambos os concelhos e noventa por cento do volume de negócios da sub-região, reuniu por isso o consenso necessário à sua aplicação – com a abstenção da adega Quintas de Melgaço – viabilizando assim a produção de Vinho Verde Alvarinho nos restantes trinta e cinco concelhos da região, após o período de transição de seis anos. Os representantes da sub-região na negociação do acordo salvaguardaram um período até à colheita de 2021 para desenvolver uma estratégia de promoção do território, durante o qual os vinhos da casta Alvarinho de fora da sub-região continuarão a designar-se Regional Minho.

Sobre as "vozes discordantes" do documento, Miguel Queimado esclarece que estas representam "uma parte do acordo, não representam o todo", não influenciando por isso na decisão final do processo. "A democracia não se faz com unanimidades, faz-se com maiorias e existe uma maioria expressa de apoio a este acordo", indicou Miguel Queimado.



No mesmo dia, ainda que sabendo da alteração do local da reunião do grupo de trabalho – inicialmente prevista para o edifício sede Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes (CVRVV), no Porto – sete autocarros partiram de Melgaço e Monção em direcção à Rua da Restauração, na cidade portuense, onde os produtores de ambos os concelhos contestaram o rumo e as conclusões que já se adivinhavam das negociações.

Melgaço tomou a si a maior força contestatária após a adega Quintas de Melgaço, S.A, de que a Câmara Municipal é accionista maioritária, ter anunciado a sua oposição ao acordo e ter anunciado formalmente a manifestação de protesto com a mobilização popular. A Câmara Municipal de Monção, que vinha discutindo em consonância com a autarquia melgacense a protecção da denominação de origem (DO) do Vinho Verde Alvarinho, anunciaria dias antes que não alinharia neste protesto por "não considerar oportuno" sem conhecer as conclusões do acordo.

Sem o apoio do congénere de Monção, o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, tomara o papel de anfitrião dos representantes políticos e do sector dos vinhos que se

ostentaram as t-shirts com os dizeres "O Alvarinho é nosso! Não ao alargamento" e a frase estendia-se às tarjas que elevavam acima das cabeças as palavras que pretendem ser ordem. Em plena Rua da Restauração, que durante mais de duas horas viu o trânsito condicionado devido à concentração de manifestantes, o Presidente da CIM Alto Minho pedia "respeito pelo trabalho de quarenta anos que as adegas da sub-região tem feito". José Maria Costa defendia a preservação dos "valores e agriculturas que tem níveis estabelecidos".

Jorge Fão configurava o processo negocial do acordo como "um problema político", além de económico e realçou a "necessidade" de discutir este processo "na esfera política".

"Não queremos massificação do Alvarinho. Não queremos o nivelamento por baixo, queremos valorizar o Alvarinho em Portugal e no mundo inteiro", sublinhava Eduardo Nóvoas, representante dos accionistas minoritários e produtores de uva da adega Quintas de Melgaço, denunciando as intenções dos "grandes" do Conselho Geral da CVRVV que pretendem produzir vinho fora da sub-região, descendo o preço por quilo para valores entre os cinquenta e os sessenta

Armando Fontainhas, presidente da Adega Cooperativa de Monção, e Miguel Queimado, da associação de produtores, apresentaram as configurações do acordo que garantem trazer "estabilidade por um período alargado" à região que vinha defendendo a exclusividade na produção de Vinho Verde Alvarinho, "uma marca em pés de barro" que consideram não se ajustar à estratégia de valorização do território que agora poderá ganhar forma.

"No ano 2000, quando permitiram a instalação da casta fora de Monção e Melgaço, com regras irresponsáveis, não houve as vozes que se ouvem hoje em dia a lutar contra este acordo. Se essas vozes se tivessem levantado há quinze anos, hoje não estávamos a ter este problema", referiu o representante da APA.

Um acordo que impõe "lealdade de concorrência" na região

A uniformização e maior rigor nas percentagens de vinho proveniente da casta Alvarinho é um dos pontos do acordo, que tinha na disparidade entre os Alvarinho DO [Denominação de Origem] de Monção e Melgaço e os Regional Minho a sua maior diferença concorrencial. Até ao ajuste negociado no acordo, um vinho com a Indicação Geográfica (IG) Regional Minho, poderia ser considerado Alvarinho com um mínimo de oitenta e cinco por cento da casta. Com a igualização das regras, um monovarietal IG Minho ou Alvarinho Vinho Verde terá de ter cem por cento da casta para ser comunicado como tal.

Na produção de lotes (mistura com outra casta), as regras serão também mais exigentes com os produtores de fora da sub-região, que podiam até agora produzir lotes com mínimos de 0,1 por cento de Alvarinho, legitimando a comunicação de um lote com a casta de maior valor. Com este ajustamento, um lote terá de conter cinquenta e um por cento da casta, se for a primeira mencionada e trinta por cento se for a segunda (p.ex.: Trajadura [70%]-Alvarinho [30%] ou Alvarinho[51%]-Trajadura [49%]).

Relativamente à produção por hectare, o novo regulamento imporá um volume de produção igualitário para toda a região dos vinhos verdes, fixando nas dez toneladas de uva por hectare para a casta Alvarinho. "Até hoje, o resto da região demarcada podia produzir vinte toneladas por hectare, nós podíamos produzir dez toneladas por hectare, era uma diferenciação brutal no preço de custo por litro de vinho. Isso sim, estava a retirar valor à casta e à nossa sub-região", sublinham.

O acordo garantirá também, por um prazo de dezoito anos, que as uvas Alvarinho produzidas na Sub-Região de Monção/Melgaço tem "obrigatoriamente" que ser vinificadas em Monção ou Melgaço, sob pena de perderem a designação da casta.

Na comunicação da marca e do território, o acordo é permissivo na criação de um selo de garantia específico para a sub-região, assim como a ligação da casta ao território, uma associação que, garantem os representantes, só poderá ser feita pelos produtores de Monção e Melgaço. "Só vai haver Alvarinhos de Monção e Melgaço, não haverá Alvarinhos do Lima", exemplifica o presidente da Adega de Monção, destacando uma das conquistas do acordo, que não permitirá que nenhum dos restantes concelhos possa ligar a casta ao território.



"A nossa diferenciação está nestas montanhas, nestes solos, no rio, nas pessoas, isto é nosso! É no território que temos que basear a nossa comunicação", indica por sua vez Miguel Queimado "Não podíamos continuar neste período de instabilidade, de procura e luta da manutenção da marca Vinho Verde Alvarinho em regime de exclusividade, que não é mais do que uma marca com pés de barro", realça o representante dos produtores associados de Monção e Melgaço, notando que, a partir de 2015, a Sub-região passará a apostar "na única marca que verdadeiramente nos diferencia, que é a marca Monção e Melgaço, o nosso território. Foi isso que justificou a diferenciação ao longo de dezenas de anos, é isso que é único", concretiza.

Ainda na estratégia de promoção do território, o acordo viabilizou a criação de um programa de investimento de três milhões de euros, a aplicar nos próximos seis anos em ações de promoção que os agentes envolvidos pretendam realizar.

Esse fundo será gerido por um Comité de Marketing, composto pelos agentes da sub-re-

gião, que decidirão "onde aplicar o dinheiro e o que fazer para promover o território. Essa é a ferramenta base para começar um novo caminho", indicam os representantes.

Preço por quilo de uva poderá descer?

O presidente da Adega Regional de Monção assume que, a seis anos da efectivação do alargamento, lançar previsões seria "futurologia", por isso, ainda que acauteladas as situações de flutuação do preço, Armando Fontainhas atenta para outros factores, como a tendência crescente de plantações na região.

"Tudo se fará para manter o preço da uva em patamares elevados", refere, indicando que o preço pago pela Adega de Monção "ainda está a um valor muito elevado" (1,10 euros máximo de tabela no último ano). O presidente da cooperativa monçanense realça ainda o "valor considerável" pago aos cooperantes pelo excedente, 0,20 euros o quilo, em cumprimento do valor calculado em função das entregas de uva.

APA "legitimada e aprovada" para representar os seus associados

Questionado sobre a representação da vontade dos produtores de ambos os concelhos da sub-região, o presidente da Associação de Produtores de Alvarinho garante que "todos os assuntos foram aprovados por nenhum voto contra" ("com algumas abstenções") nas assembleias gerais realizadas ao longo do ano de 2014, em que decorreram as negociações com os restantes agentes da região dos vinhos verdes.

Miguel Queimado garante por isso que, no que diz respeito à legitimidade de representação, "a APA sente-se completamente confortável, porque validou e debateu diversas vezes com todos os seus associados. Não poderia ser de outra forma para garantir que ambas as partes estavam acauteladas".

Manifestantes de Melgaço voltam a marcar presença

Apesar da alteração da hora da conferência de imprensa – prevista para as 17h30, remarcada para as 16 horas – cerca de uma centena de produtores de Melgaço e Monção reuniu-se

frente às instalações da Adega Cooperativa Regional de Monção, dando mais uma vez conta do seu descontentamento com o acordo granjeado pelos representantes da sub-região.

O representante dos accionistas minoritários da adega Quintas de Melgaço, Eduardo Nóvoas, considerou o novo documento orientador para a região um "acordo vergonhoso, ruinoso para toda a zona", temendo que "a produção em massa" possa ditar uma descida do preço para metade dos valores médios atualmente pagos na sub-região.

Sobre o selo de garantia que diferenciara os vinhos de Monção e Melgaço, o representante prevê que este elemento possa não ser suficientemente forte para prevalecer sobre a capacidade de promoção dos novos produtores de Alvarinho da região.

O representante da Quintas de Melgaço acusa o presidente da CVRVV de assumir o papel de promotor e dinamizador daquela que assegura ficará conhecida por "Lei Manuel Pinheiro", na defesa dos interesses das empresas de maior dimensão da região dos vinhos verdes que se debateram pelo alargamento.

Eduardo Nóvoas revelou ainda a intenção de Melgaço levar novamente a discussão à Assembleia da República, tendo para o efeito em circulação um abaixo-assinado que conta com mais de três mil assinaturas, faltando por isso menos de mil para validar a discussão no hemiciclo de São Bento. "Não vamos parar" sentenciou.

"Será que essas pessoas que vão para os escritórios decretar o nosso martírio, conhecem a realidade? Eu acho que não", questionava Manuel Araújo, produtor de Paderne, que assumia a experiência conseguida em tempos em que não havia apoios à instalação de vinhas, apenas a vontade dos agricultores, mas também a "dificuldade tremenda em competir com as planícies" dos concelhos mais a sul da região Minho.

"Aqui é indispensável ter em consideração o rendimento que dá o Alvarinho na medida em que, nós, sem o Alvarinho, não podemos viver", referia indignado e ameaçando desistir da produção, que já faz há décadas. "Quando a receita não dá para a despesa, é o que acontece".

20 DE JANEIRO: Município de Melgaço mantém oposição ao acordo

Em comunicado enviado à comunicação social, o Município

de Melgaço declarou-se "preocupado" com as consequências da aplicação do acordo que consideram não salvaguardar os interesses da sub-região "nem contribui para a melhoria da economia do país".

O autarca de Melgaço considera que "tanto os valores compensatórios, destinados à promoção da Sub-Região, como a designação Premium [que constará do selo diferenciador] não passam de um rebuçado envenenado que, a curto prazo calará alguns mas a médio provocará maleitas graves".

Manoel Batista refuta a teoria que lança a consensual aceitação do acordo, atribuindo-o a uma imposição da CVRVV e do Governo, não tendo reunido para o efeito o apoio dos agricultores e engarrafadores da sub-região nem a subscrição de todos os membros do grupo de trabalho. "O Município de Melgaço está preocupado com as consequências do alargamento, se este se verificar, e assegura que vai manter o seu papel de oposição e protesto", conclui a autarquia.

Quintas de Melgaço: "Alargamento é prejudicial aos produtores de uva"

Em momento de marcar posições, a adega Quintas de Melgaço S.A, anunciou também em comunicado a oposição ao acordo. Dando conta da sua presença na reunião do grupo de trabalho a 13 de Janeiro, a entidade esclarece que "não subscreveu o acordo, por considerar que o mesmo não defende nem salvaguarda o interesse dos 530 produtores de uva da Sub-Região".

A sociedade anónima reiterava assim a posição assumida a 21 de Dezembro de 2014, quando o "não" às negociações colheu 99,6 por cento dos votos dos accionistas, por considerar que, "tanto na versão inicial como na final, não preverem qualquer medida de protecção ou compensação para os agricultores produtores de uva, relacionadas com as perdas previsíveis decorrentes da baixa do preço desta matéria prima".

O esclarecimento público da empresa realça que "esteve presente na reunião de trabalho de 13 de Janeiro, mas contesta veementemente a teoria do consenso proclamada, não só porque não corresponde à realidade dos factos, dado que a Quintas de Melgaço efectivamente não subscreveu o acordo, como pelo crescente descontentamento verificado no terreno", assinala.

João Martinho

Fernanda Silva

Faleceu a Fernanda Silva de Remoães, Termas do Peso, Melgaço. No Natal, falei com ela e nada fazia prever este desfecho tão dramático, logo nos primeiros dias do ano. Foi juntar-se aos nossos amigos, já desaparecidos, deixando-nos uma grande saudade. A vida da Fernanda faz-me lembrar o romance de Júlio Dinis, A Morgadinha dos Canaviais. Ela também foi criada numa aldeia muito bonita, no Minho, numa casa de armas reais, onde por todos os cantos cheirava a alecrim e a rosmaninho, com grandes campos de vinhedo e cereal e com um grande laranjal, onde reunia a família e amigos pela primavera e verão, em dias de festa, não faltando bons manjares, que o seu pai, António Silva, era mestre em apresentar. Foi nesta doçura e neste ambiente paradisíaco de pomares, veigas verdejantes e águas cristalinas, que a Fernanda cresceu. Já menina e moça começou a frequentar o Hotel Rocha, também propriedade do seu pai. Na altura, as termas do Peso estavam no auge. O hotel era frequentado pela melhor elite da sociedade portuguesa, de Lisboa, Porto, Braga, Guimarães e do mundo inteiro, destacando-se entre outros, os escritores, P.e Professor Dr. Silva Rego, Hernâni Cidade e Matilde Rosa Araújo, empresários, Alberto Pimenta Machado e o Rei do Sal de Aveiro, Ourives Araújo, Lisboa, Conselheiros, Bispo de Bragança, médicos famosos, etc, etc. Dispunha de boas instalações, de garagem e de um grande parque de jardins muito bem cuidados e de árvores de fruta, ameixeiras, pereiras, citrinos, nogueiras e árvores de adorno, tílias e acácias e com uma fonte que a saudosa D. Tamar apelidou de "fonte dos amores", dizendo que quem bebesse da sua água ficaria sempre no Peso, o que lhe veio a acontecer a ela, vinda do Brasil. Mas, o Hotel Rocha distinguiu-se pela educação esmerada do seu pessoal, sobretudo dos dirigentes, sr.s Manuel Rocha e António Silva. O hóspede era tratado com atenção e carinho e na hora da chegada e da despedida, todo o pessoal reunia ao toque da sineta e transportava toda a sua bagagem e oferecia os seus préstimos para o que fosse necessário. O serviço era caseiro. Os filhos dos donos serviam à mesa, o Manel, o António e o Armando. A lavanderia e a limpeza dos quartos era feita por familiares. Dispunha ainda o hotel de uma camioneta

antiga, uma Chevrolet de 1920, conhecida por "D. Elvira", cujo condutor era o Amadeu do Vidal, para levar os hóspedes às Águas e ao mercado, em dias de feira, em Melgaço. A D. Tamar, esposa do prof. e gerente Manuel Rocha, era uma senhora culta e uma distinta pianista e cantora que muito alegrava as soirées do hotel. Testemunho tudo isto porque o senhor Manuel Rocha e a D. Tamar eram meus amigos, tratavam-me como se fosse da família, comia com eles à mesa e por vezes eu era o interprete de estrangeiros que queriam ficar alojados no hotel. Este foi o ambiente saudável da Fernanda na sua mocidade. Nos anos 60 foi para o Magistério Primário, em Braga, e sem perder nenhum ano, tirou o curso de professora que exerceu com grande profissionalismo.

Conheceu o seu marido no hotel e casou e teve dois filhos, o Duarte Nuno e o Cristiano, o primeiro gerente bancário e o segundo empresário, ambos a viverem na cidade do Porto. Estive nas suas cerimónias fúnebres, na igreja de S. António, em Viana do Castelo. A Fernanda era muito querida em toda a parte. A prova ficou demonstrada no seu funeral com centenas de pessoas a assistirem à missa em seu louvor. O padre que presidiu à cerimónia, na homilia proferida, referiu-se à obra prima de Deus que é a vida do homem e que a morte não é o fim mas a passagem para uma vida superior com Deus. No final, os filhos leram no altar, uma



Fernanda Silva

carta dirigida à sua mãe, agradecendo-lhe todo o amor e sacrifício que fez por eles, o que causou grande consternação e lágrimas em muitos dos presentes.

Termino esta homenagem com uma triste poesia de Florbela Espanca: "Nosso sonho morreu. Devagarinho./ Rezemos uma prece doce e triste/ Por alma desse sonho! Vá... baixinho.../ Por esse sonho, amor, que não existe!/ Vamos encher-lhe o seu caixão doente/ De roxas violetas; triste cor!/ Triste como ela, nascida ao sol poente./ O nosso sonho... ai!... reza baixo... amor.../ Foste tu que o mataste! E foi sorrindo,/ Foi sorrindo e cantando alegremente./ Que tu mataste o nosso sonho lindo!/ Nosso sonho morreu... Reza mansinho... Ai, talvez que rezando, docemente./ O nosso sonho acorde... mais baixinho.../ Apresento os meus pêsames a toda a família enlutada, muito em especial aos seus filhos, Duarte Nuno e Cristiano e ao seu irmão Manuel Silva, no Rio de Janeiro, Brasil. Descansa em paz, cara amiga Fernanda Silva.

Janeiro 2015

Abilio Francisco Conde

GAZETILHA

Viver o ensino

Ensino é uma porta aberta para o progresso e desenvolvimento duma Nação.

Ensino é uma aposta no presente, que criou raízes no passado, com frutos a colher no futuro.

Ensino é a verdadeira alavanca para a Liberdade de todo um Povo:

– "O homem só é verdadeiramente livre se conhecer as coordenadas do Mundo em que vive integrado"!

Ensino é o espelho que traduz as oportunidades sócio culturais e financeiras que um Estado procura promover dentro e fora de fronteiras.

E, se uma mão dá o pão e a outra a educação, é primordial investir numa escola que não ensine tão somente ler, contar e escrever!...

O Professor deve, primeiro que tudo, obedecer ao seu mandato de vocação.

Ser Professor é sentir o amor pelo ensino!

Ser Professor é ter o "Dom" de saber organizar as lições e com sua eloquência proferir a lição para que seus alunos se concentrem e sejam responsáveis e respeitadores na Escola.

O Aluno tem que sair da aula com a matéria sabida. Tem que aprender com alegria e sabedoria para estar pronto para honrar a cultura da sua Pátria.

É dentro da Sala de Aula que o Aluno tem que estudar e ser conquistado para o Estudo e Saber.

O "Mestre escola" é que "marca" para a vida o percurso académico (e não só) de quem lhe "calha" como "discípulo"!

Os mega agrupamentos não contribuem para um melhor ensino!...

Não basta Ensinar!...

Basta sim "Saber Ensinar"!

Viver o Ensino!

Dignifique-se a Carreira de Docente em prol do bom ensino público e privado.

Já é mais que tempo dos nossos jovens não terem que "pagar as notas" para poderem ingressar no meio académico. Os Pais não são obrigados a pagar explicações para que seus filhos tenham notas de excelência para entrar nos cursos que pretendem.

O Professor, na Escola, deve ser simplesmente PROFESSOR!

Álvaro Carvalho



FARMÁCIA
J. E. DIAS FERREIRA

DIR. TÉC. E PROP.

Dra. Júlia Eduarda S. C. Dias Ferreira

ROUSSAS | 4960-402 MELGAÇO | Tel. 251 403 312

MOVEIS DO CASTELO

Ramiro de Lima A. Cerqueira

FACILIDADE DE PAGAMENTO
ATÉ 12 MESES

ESTOFOS
LINHAS DIREITAS – CLÁSSICOS
MACIÇOS – E AVULSO

Rua da Escola, n.º 20 | Rua da Calçada, n.º 92
Tels. 251 402 965 – 251 404 791 | VILA – MELGAÇO



CAP
AGRICULTORES DE PORTUGAL

**REUNIÃO SOBRE AS REGRAS
DOS SUBSÍDIOS – "NOVA PAC"**

AGRESTA

20 DE FEVEREIRO DE 2015

(Sexta - Feira)

Auditório das Piscinas Municipais Melgaço
Largo Hermenegildo Soalheiro
às 10,00h

Com o apoio da Associação:

AGRESTA

Instituições de apoio social reúnem-se para discutir as metas para "Os Grandes d'Amanhã"

O Centro Paroquial e Social de Chaviães e a Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, através dos responsáveis das respectivas respostas sociais para a infância e adolescência, reuniram-se em torno de um seminário que pretende dar a conhecer os serviços e as problemáticas na educação das crianças.

O Seminário "Os Grandes d'Amanhã", juntou no auditório da Casa da Cultura de Melgaço, no passado dia 21 de Janeiro, jovens, utentes e técnicos da área educativa, que discutiu em dois painéis os pontos essenciais para uma boa integração e formação das crianças. "Arte - Educação e Terapia" e "Qualidade nas Respostas Sociais", foram repartidos pela jornada de trabalho, procurando, através de contextos regionais e/ou locais, apresentar a importância destes factores no desenvolvimento dos mais novos.

"Estes eventos, são importantes para debater a problemática e dar a conhecer as instituições envolvidas, o que fazemos, as respostas que damos, procurar novas perspectivas", analisou o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço que, juntamente com o autarca de Melgaço, Manoel Batista e o presidente da Direcção do Centro Social e Paroquial de Chaviães, padre Manuel Domingues, presidiram à sessão de abertura dos trabalhos.

À margem da sessão, o recém empossado provedor da Misericórdia melgacense congratulava a eficiência e capacidade de resposta do serviço de apoio às crianças e jovens do concelho, ressaltando no entanto a importância de inovar nas respostas educativas. "Não devemos estagnar, devemos procurar servir cada vez melhor e com mais qualidade, e é isso que nos traz aqui", indica.

O presidente da Direcção do Centro Social e Paroquial de Chaviães, padre Manuel Domingues, reconhecia, através da experiência daquele centro com a valência do CAT [Centro de Acolhimento Temporário] - Raio de Sol, a importância de se ser mais do que "meros funcionários" quando a formação das crianças



está em jogo. "Temos de ser educadores e assumir a responsabilidade inerente a essa actividade, porque precisamos de preparar o futuro", reiterou.

As actividades lúdicas são uma parte importante do processo de crescimento das cerca de dez crianças que vivem no CAT - Raio de Sol, onde a limitação da infraestrutura não preocupa, por outro lado, aproxima as crianças apoiadas de um ambiente mais familiar. "Massificar, formatar, não é bom. Nos pequenos ambientes familiares, as crianças recebem apoio". "A resposta poderá não ser perfeita, mas está a ser muito boa, penso que estamos a colaborar para um mundo melhor, que é o nosso objectivo".

Manuela Lobato, directora técnica das respostas sociais da infância da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, referia a importância de reflectir sobre a infância e novos modelos de educação para "não nos limitarmos aos modelos tradicionais", sobretudo num concelho onde a população jovem tende a diminuir.

O projecto "Crinabel Teatro", apresentado neste seminário por Marco Paiva em videoconferência, ou o projecto pedagógico

desenvolvido pela associação Comédias do Minho nos concelhos do Vale do Minho, apresentado por Alice Silva, apresentam-se como espelhos da integração das crianças que Manuela Lobato quer para a formação constante daqueles que diariamente preenchem os espaços das respectivas valências da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço. A arte assume, nas crianças dos dois aos seis anos, um papel preponderante a cada fim de tarde daquela instituição. Teatro, leitura, música, dança, pintura, entre outras, fazem parte do rol de actividades que visam integrar as crianças, num meio onde há cada vez menos gente.

Actualmente, as respostas sociais da Santa Casa da Misericórdia recebem 41 crianças em creche, 45 em infantário e 25 em ATL, o que representa uma ocupação ligeiramente abaixo da capacidade máxima das infraestruturas. "Há uns anos tínhamos uma lista de espera de vinte a vinte e cinco crianças em creche, e isso agora não acontece", refere a técnica, recordando um passado recente - "há quatro, cinco anos".

João Martinho

PASSATEMPOS

PALAVRAS CRUZADAS

1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

Horizontais: 1. Lago suíço, cingir; 2. Ligar, ter mela; 2. Símbolo químico alumínio, tirar, bolo fofo farinha; 4. Imensidão, soberano, óxido cálcio; 5. Medida agrária(pl.), lebre dos pampas; 6. Possuir, preposição; 7. Assim seja, rosto; 8. Igual, ruim, ruído; 9. Nome filme, unir, ruim; 10. Ardor, buscar; 11. Folhagem, suplico(inv.).

Verticais: 1. leito, torga(inv.); 2. Ocultar, destruir; 3. Artigo(pl.), nota musical; 4. Advérbio, preposição, preposição; 5. Suplicar, habita; 6. Numeral, tempero; 7. Gostai, nó; 8. Possuir, doçura, chefe etíope; 9. Símbolo químico alumínio, leitos, pronome pessoal; 10. Amofinar, cidade portuguesa; 11. Ave parecida com pombo, gostar.

SOPA DE LETRAS

Neste emaranhado de letras, encontrar na horizontal e vertical, "Amai os pobres, famintos, indigentes"

I	N	D	I	G	E	N	T	E	S
S	R	T	D	E	G	F	S	A	Z
D	F	F	G	H	Z	X	C	V	B
N	A	A	S	D	Q	W	E	R	T
N	M	Y	U	I	A	M	A	I	O
V	I	H	A	S	D	F	G	H	J
R	N	Z	X	C	S	O	N	S	A
Y	T	Q	P	O	B	R	E	S	Q
U	O	W	E	R	T	Y	U	I	O
A	S	S	D	F	G	H	J	K	L

CHARADAS

Combinadas

- ___ + CA = Bolsa
- ___ + RO = Volta
- ___ + CA = Troféu
- ___ + CO = Abundante
- ___ + LA = Panela

Conceito: Símbolo químico

Quadrado

- = Ocultar
- = Ave rapina
- = Substância terrosa
- = Grão seco uva
- = Lisos

PROBLEMA

Substituir os traços por letras de forma a encontrar nome de mulheres

N _ _ _ _ _
 O _ _ _ _ _
 S _ _ _ _ _
 S _ _ _ _ _
 A _ _ _ _ _

 S _ _ _ _ _
 E _ _ _ _ _
 N _ _ _ _ _
 H _ _ _ _ _
 O _ _ _ _ _
 R _ _ _ _ _
 A _ _ _ _ _

 F _ _ _ _ _
 A _ _ _ _ _
 T _ _ _ _ _
 I _ _ _ _ _
 M _ _ _ _ _
 A _ _ _ _ _

Colaboração: Alcídio Silva Figueiredo

PROBLEMA
 NATÁLIA - CAROLINA - LUISA - CRISTINA - AIDA
 SARA - ANGELINA - JOANA - HELENA CLOTILDE - VIRGÍNIA - ISABEL
 FÁTIMA - CLÁUDIA - MARTA - JÚLIA - MÁRCIA - RITA
Quadrado: CALAR - LÁPIS - ARILO - RASOS

11										
10										
9										
8										
7										
6										
5										
4										
3										
2										
1										

SOLUÇÕES

Imagens da Pérsia

A antiga Pérsia contem em si um dos berços de civilização.

A herança dos povos que sempre aí viveram aparece nos achados soterrados, e vinculam estes locais ao desenvolvimento de uma identidade humana com um fascínio de mistério a desafiar a nossa perspectiva, sempre em busca de mais entendimento.

E assim se prepara uma viagem de curiosidade pelo Irão quase como uma atracção pela descoberta de uma herança cultural fabulosa, que passa pela busca do que foi o Império Persa.

O Irão recomeça lentamente a ser escolhido como destino por um turismo ainda incipiente, depois do longo interregno que resultou da revolução islâmica em 1979 e da subsequente guerra Irão-Iraque.

Encontramos um povo muito hospitaleiro, que busca atrair os turistas, ainda relativamente escassos, e demarcar-se de imagens de violência e guerras que existem em países vizinhos.

Em relação ao nosso pequeno grupo de portugueses questionavam-nos se éramos italianos. O nosso esclarecimento era simples: nomear Carlos Queirós, o treinador da equipa iraniana, ou Ronaldo, colocavam-nos logo no mapa! Os chineses iam aparecendo, não muitos.

Os bazares, os mercados de especiarias e sumos, os restaurantes locais em que comíamos reclinados em uma espécie de divãs largos, encostados a rolos e almofadas, os pequenos hotéis adaptados de grandes casas de habitação com o seu pátio ajardinado ao centro, com os tectos em abóbada ou ogiva, e tapetes a cobrir todo o chão (faz favor de se descalçar e deixar os sapatos na entrada!) fazem-nos pensar que séculos de vida nómada converteram as casas tradicionais ao ambiente das tendas.

A perspectiva do que terá sido, na Antiguidade, o império persa vislumbra-se em Persépolis, perto de Shiraz, onde as ruínas nos desafiam a imaginar a sua importância e dimensão. O tempo da visita parece sempre pouco e apetece voltar depois de tentar compreender o tanto que se adivinha depois de acompanhar o guia a decifrar-nos os símbolos e a linguagem por imagens de um Património desta dimensão, aliás classificado pela UNESCO.

Numa enorme extensão sobre-elevada as ruínas imperiais desafiam-nos a imaginação com os múltiplos baixos relevos que falam por si e nos narram a his-

tória e a fabulosa diversidade do império persa sob Dario, que se estendia do Mediterrâneo à Índia.

O guia local traduzia-nos o significado dos minuciosos baixos relevos narrativos ao longo de paredes e escadarias. Inesquecível a representação do cortejo de vassalagem a Dario, identificando pelos trajés e ofertas os representantes de vinte províncias persas. Os Medos á frente, os Elamitas que traziam leões, os Partos com os seus camelos, os que vinham do actual Afeganistão, Arménios, Babilónios, povos da Ásia Central, Assírios, desde o Egipto e Núbia para Ocidente até à Índia para Oriente. Absolutamente fabuloso.

Os povos submetidos aderiam facilmente a esta vassalagem porque Ciro, o Grande, proclamou e praticou uma declaração que se encontra gravada em caracteres cuneiformes num cilindro de barro, hoje no British Museum, que pode ser olhada como uma primeira declaração de direitos

muito antigas, verdadeiramente um berço da civilização.

No século VII o império persa não resistiu à progressão do avanço árabe para oriente e em pouco tempo o Império persa colapsou. A partir de 661 o Irão passou a ser regido por Califas "Umayyad" (sucessores do profeta Maomé) durante cerca de um século, a que se seguiram grandes alterações de regime mas parecendo não ter havido conversões forçadas e tolerando o Zoroastrianismo, como a fé do povo conquistado. O que parece certo é que a conversão à nova religião se foi processando por si. Das línguas então faladas só o persa, com o peso do seu forte suporte civilizacional, se manteve até hoje sob a designação de farsi.

As mesquitas lindíssimas apresentam o azul como cor dominante e os desenhos minuciosos e concepções arquitectónicas de abóbadas, tectos, revestimentos e vitrais revelam uma criatividade e imaginação estética surpreendentes.



A ponte dos 33 arcos em Esfahan

Poetry

*Is release, deliverance
and liberty.*

It is a doubt

Culminating in certainty

And a bullet

Fired eventually.

A poesia

*É comunicação, entrega
e libertação.*

É uma dúvida

A Culminar em certeza

É um projectil

Casualmente disparado

M. J. Lobo | Janeiro 2015



Exterior de uma mesquita



Jardins persas



Baixo relevo em Persépolis

humanos conhecida, ou talvez a primeira tentativa de governar um império com diferentes crenças e nacionalidades, reconhecendo e respeitando a existência das diferenças e mantendo assim uma unidade pacificada. Esse cilindro e os seus dizeres foi adoptado como símbolo nacional do Irão nas celebrações dos 2500 anos da monarquia iraniana em 1971 com o Shah Reza Pahlevi.

Em Teerão, no Museu Nacional do Irão, a colecção de artefactos com milhares de anos, em barro ou metal, impressionam pela qualidade e perfeição. Uma grande civilização com raízes

A poesia persa dos séculos XII a XIV continua viva. Em cada casa persa existem pelo menos dois livros: o Corão e a obra poética de Hafez, um poeta do séc. XIV cujo mausoléu em Shiraz, no meio de um jardim, todos os dias se encontra rodeado de pessoas que o visitam mesmo já depois do cair da noite. É impressionante a atitude de veneração, respeito e busca de inspiração de quem se aproxima, sempre em silêncio.

De um poeta iraniano actual, Shamlou, candidato que foi ao Prémio Nobel da Literatura, transcrevo a tradução em inglês de uma pequena poesia:



Interior de uma mesquita

O tempo é bom conselheiro?

Já lá vão mais de 40 anos!... Parece que foi ontem que Portugal acordou para a III República!... Iniciava-se uma nova era apostando num Estado de Direito Democrático!...

Este é o ano de 2015. Um Ano em que a maioria do Povo Português quer ser dono e senhor do seu percurso financeiro e económico. Há que travar o rumo da austeridade que cada vez nos afunda mais para o precipício. As Famílias já não aguentam mais sacrifícios nem cortes nos seus parques haveres.

Como é possível os políticos e responsáveis terem deixado tudo isto chegar onde chegou e ninguém ser responsabilizado?!...

Continuamos a ser um Povo de brandos costumes e crédulo na palavra e na postura dos que tomaram as rédeas do poder. Mas não podemos continuar submissos às ordens que nos conduzem para o descabro e a miséria. Uma coisa é a "pobreza franciscana"!... Outra coisa é a miséria que empurra para a fome!...

O que dirá a história acerca destas 4 décadas pós 25 de Abril?!...

O General António Spínola quis honrar o compromisso assumido com a Revolução. Costa Gomes evitou uma Guerra Civil

entranhada nas disputas (!) do poder. Ramalho Eanes bateu-se pelo pluralismo e pelo regresso dos militares aos quartéis. Mário Soares lutou pela democracia e pela integração europeia. Jorge Sampaio procurou consensos e consolidar políticas sociais e culturais.

Cavaco Silva é o Estadista do momento. Teve que lidar com a crise que trouxe consigo a TROIKA e que pôs Portugal "ajoelhado" e "vergado" sob seu compromisso de honra perante terceiros. Um compromisso de honra, honrado pelos mais humildes e por uma classe média que foi espoliada de seus bens e parte de sua dignidade!... Esta crise bateu fundo!... Chegou aos alicerces dos mais incautos!...

Cavaco Silva é o Presidente que, depois do General Ramalho Eanes, tem que puxar dos seus "galões" para impor o rigor e disciplina e exigir que se cumpra o estipulado para preservar a soberania da Nação e dos Portugueses.

Se fazemos parte da Europa temos o direito de ser tratados em pé de igualdade com todos. Mário Soares deveria tomar a peito a missão de fazer valer os direitos de igualdade e liberdade entre

européus. A sua vasta experiência política não o impede de tratar as "causas e situações" pelo nome próprio. Quem conhece a sua doutrina ético-social espera muito mais de Mário Soares do que "pregar no e pr'ó deserto"!...

Portugal não precisa, nem nunca precisou, de estender a mão à caridade!... Quem na Europa nos pode dar lições seja do que fôr?!...

Português que se preze é trabalhador e responsável. É um cidadão de primeira no que toca a deveres e obrigações. Gosta de ser tratado de igual para igual. Não pode ser confundido com meia dúzia de "chicos espertos" que nos puseram no meio dum lamaçal à beira da "bancarrotta"!... E, chegados aqui, das duas uma: ou "sugamos" a "mixórdia" do lamaçal, ou "saltamos para a outra banda dando um verdadeiro rumo ao que é nosso por direito próprio.

Não é fácil perdoar o que nos fizeram!... A nossa memória colectiva encarregar-se-á de nos dar o valor que merecemos. É que o tempo é bom conselheiro!...

Na primeira qualquer cai!... Agora, só se formos demasiado néscios!...

Helena Matos

Actividade Operacional dos Bombeiros

Este Corpo de Bombeiros efectuou 249 intervenções percorrendo 28,115 quilómetros. O Corpo Activo dos Bombeiros, conforme anunciado, retomou a tradição de cantar os Reis, onde foram angariados 6217,00€.

O Bombeiro Filipe Carvalho tem visitado alguns comércios no sentido de, se assim entenderem, colaborarem com algum contributo. Nesta acção, até ao momento foram arrecadados 1514,00€. É importante informar que de todo o dinheiro doado é emitido o recibo e será aplicado em equipamentos operacionais e fardamentos.

Por oferta da União de Freguesias da Vila e Roussas, os Bombeiros dispõem de um equipamento moderno, para estabilização de viaturas em capotamento lateral. Este equipamento permite em poucos segundos realizar protocolos operacionais que até ao momento demoravam alguns minutos e com menos garantia de segurança.

No artigo do próximo mês vou divulgar as Juntas de Freguesia que tem colaborado, assim como os valores e/ou materiais. Devo lembrar a responsabilidade das mesmas, na protecção das pessoas e bens na sua área de jurisdição.

Os Bombeiros, nos próximos dias 13 e 16 de Fevereiro, pelas 22 horas, vão levar a efeito o Baile de Carnaval.

Projecto pioneiro, em parceria informal com o Jardim Infantil da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, quinzenalmente vamos "trabalhar" com as crianças alguns temas que nos parecem importantes para a sua formação cívica. A partilha, espírito de equipa, primeiros socorros, alerta, auto-protecção, organização, disciplina, etc.

Foi aprovado o plano de formação interna do Corpo de Bombeiros. Além das matérias tradicionais, apostamos em áreas que ajuízo importantes, como por exemplo, relacionamento in-



terpessoal, legislação, ética, relacionamento inter-institucional.

Pela primeira vez, vamos iniciar em breve a escola de infantes e cadetes. Vamos iniciar formação para a promoção de Bombeiros de 3ª Classe a 2ª Classe e de 1ª classe a Subchefe.

O Comandante, totalmente voluntário e desprovido de qualquer interesse pessoal, está sempre disponível para receber opiniões, críticas construtivas e a colaboração de quem o deseje fazer.

*A Bem da Humanidade!
Gaspar Caldas*

Viagem à Alemanha Romântica Colónia e Hamburgo

Estávamos em Colónia, uma das mais antigas e, a quarta maior cidade alemã, com cerca de um milhão e sete mil habitantes, incluindo, neste número, uma grande comunidade turca. É privilegiada pela estética e grandiosidade da sua Catedral gótica, seu ex-líbris; pela situação geográfica junto do curso das águas do rio Reno, via de transporte, que lhe trouxe incremento comercial e fantasia através das suas pontes, margens pitorescas; e pela fama imorredoura da Água-de-Colónia.

O nome Colónia remonta ao ano 50, quando o Imperador Romano Cláudio a fundou e a apelidou de Colonia Claudia Augusta Agrippinensium em homenagem à sua mulher Agripina. Rapidamente tornou-se capital da província da Germânia Inferior, bem como o maior aglomerado populacional do vale do Reno. Em 1943, escavações arqueológicas, perto da Catedral, deram conta de mosaicos do deus Dioniso e de outros vestígios de interesse museológico, que foram expostos no Museu Romano-Germânico, construído em 1974, na praça da Catedral. Não fez parte das nossas visitas, mas ressalta aos olhos o edifício próximo da Catedral, que lhe retira espaço.

Na Idade Média, tornou-se uma das mais importantes cidades e um dos centros principais da Liga Hanseática, criada em 1241 para proteger o comércio das cidades alemãs contra os piratas do mar Báltico, e defender os seus foros e privilégios contra os príncipes vizinhos. Colónia alcançou a categoria de Arcebispo, sendo dominada politicamente pelo poder religioso. A sua padroeira é Santa Úrsula, que, no século IV, morreu martirizada às mãos dos Hunos. Ainda na Idade Média, encheu-se de igrejas, e tornou-se um centro de arte e de ciência. A chegada das relíquias dos Reis Magos a Colónia através de Frederico Barba Roxa, tempo da terceira Cruzada, vindas de Milão, num saco, às costas de um seu colaborador, puseram-na no centro do mundo, enchendo-a de peregrinos, os quais pressionaram a construção da Catedral, que ocorreu em meados do século XIII. O fluxo desses foi tão elevado que o comércio explodiu, e com ele foi cres-

cendo a burguesia. O desenvolvimento da Cidade continuava até que nasceu a primeira feira em 1360, e, anos depois, fundou-se a universidade, dando-lhe folgo intelectual, cultural e social.

A visita à Catedral foi um momento interessante, quer para os que a revisitavam, quer para os que a viam pela primeira vez. É simultaneamente colossal e bela no exterior e interior. Chamam-lhe a imagem da «Roma alemã!» Veja-se a duração total da sua edificação com o início em 1248 e o seu termo em 1880! Cada torre mede 157 metros de altura! O interior, apesar dos seus inúmeros vitrais é escuro, contribuindo também para isso a nave de 43 metros de altura, rodeada de inúmeras colunas, que, elevadíssimas, parecem esmagar-nos. O conjunto arquitectónico dá-nos ideia de verticalidade apenas! Os tesouros existentes são riquíssimos a começar pela Cruz de Gero (Gerokreuz) do século X, onde Jesus se encontra na posição natural de cabeça baixa, dizem ser aliás a mais antiga e maior escultura da Europa; a lindíssima imagem de Nossa Senhora da Coluna, perto do altar-mor; o relicário com os restos mortais dos Reis Magos, obra de arte de ourivesaria da região Reno-Meuse, deixou-nos impressionados com a arte figurativa de ouro e pedras preciosas; os vitrais de cores cambiantes; e o coração de Maria de Médicis também ali se guarda. Ao fazer os seus 750 anos, a Catedral tornou-se Património Mundial da UNESCO.

No entanto a Cidade não viveu somente tempos gloriosos, sofreu ao longo dos séculos reveses, os quais perturbaram a sua prosperidade, incluindo as guerras de Religião, no século XVI; depois a ocupação dos Franceses nos fins do século XVIII, fazendo carnificinas, destruições de muitos edifícios. Valeram a tão grande fatalidade os Prussianos e Russos, no início do século XIX. Com os primeiros na administração, recuperaram-se as indústrias, e modernizaram a Cidade ao construírem, por exemplo, o «Ring» à volta do seu centro. Engrandeceram-na com parques, edifícios

Continua na pág. seguinte

Viagem à Alemanha Romântica

Agosto de 2014.08.27 | Colónia e Hamburgo

Continuação na pág. anterior

de várias épocas, muitos museus. Entretanto chegou Hitler ao poder em 1933 e com ele a Segunda Guerra Mundial que deixou a Cidade antiga quase toda destruída. Acabada esta, seguiu-se o período de restauração, dando aos parques novo traçado; arquitectura ordenada, coerente e global aos edifícios. Colónia ressurgiu dos escombros, e o rio Reno recomeçou com fresesim a azáfama do transporte de matérias para as indústrias químicas, mecânicas e produtos alimentares...

Depois da visita à Catedral, fomos à tão conhecida casa da Água-de-Colónia Nº 4711. Entrámos, curiosos, para ver de relance aspectos ligados à sua história, e comprar a famosa água apreciada por Napoleão, quando a conheceu no tempo da ocupação francesa, e muito desejada depois quando esteve preso na Ilha de Santa Helena. O seu nariz apurado divulgou-a pelo mundo, e diz-se que, antes de montar o seu cavalo, vertia um frasco dentro das botas, consumia assim 43 litros por mês! É que essa água também tinha efeitos terapêuticos. Durante a permanência dos Franceses em Colónia, o general Daurier impôs a numeração contínua das casas nas ruas da Cidade, cabendo à casa Mühlens o nº 4711, com o qual designou



Casa da Água-de-Colónia



Ponte sobre o Reno

a água-de-colónia. Existe porém outra Casa que está autorizada a produzir colónia verdadeira, a de Johan Maria Farina, italiano que aqui se instalou em 1709, o qual foi o primeiro a designá-la «Água-de-Colónia». Em 2009, festejou os 300 anos de existência da sua empresa familiar. É a mais antiga do mundo! Entre eles, travou-se uma contenda judicial, persistindo ainda hoje a rivalidade do nome.

Depois do almoço, esprei-

támos, livremente, um longo espaço relvado, muito asseado perpendicular ao rio e próximo da Catedral, onde as pessoas o usufruem tranquilamente.

Terminado o tempo em Colónia, seguimos de autocarro para Hamburgo. A viagem levou aproximadamente cinco horas, sendo uma para descanso obrigatório do motorista.

Texto: Maria Nadalete C. Lopes

Fotos: Ester Taveira



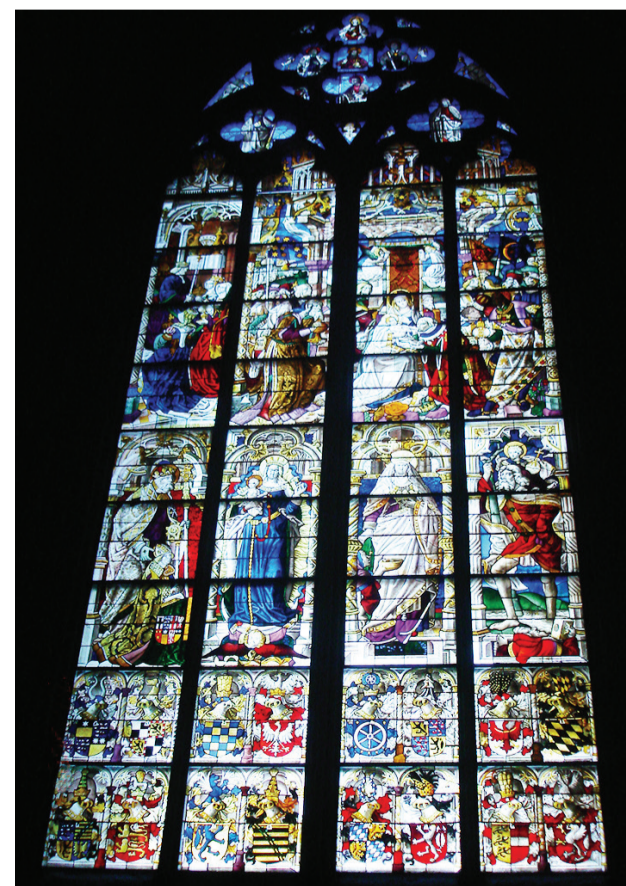
Relíquias dos Reis Magos



Catedral de Colónia



Cruz de Gero



Vitral da catedral